



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**RÚBEN JOÃO FARIA DA CRUZ**

**Dar corpo ao itinerário de Misericórdia**  
**Uma leitura pragmática de Lc 19, 1-10**

**Dissertação Final**  
**sob orientação de:**  
**Doutor João Alberto Sousa Correia**

**Braga**  
**2015**



## SIGLAS

### *Antigo Testamento*

<b>Gn</b>	Génesis
<b>Ex</b>	Êxodo
<b>Lv</b>	Levítico
<b>Nm</b>	Números
<b>Dt</b>	Deuteronomio
<b>Jz</b>	Juízes
<b>1 Sm</b>	1.º Samuel
<b>Esd</b>	Esdras
<b>Pr</b>	Provérbios
<b>Is</b>	Isaías
<b>Zc</b>	Zacarias

### *Novo Testamento*

<b>Mt</b>	Mateus
<b>Mc</b>	Marcos
<b>Lc</b>	Lucas
<b>Jo</b>	João
<b>Act</b>	Actos dos Apóstolos
<b>Rm</b>	Romanos
<b>1Cor</b>	1.ª Coríntios
<b>1Tm</b>	1.ª Timóteo
<b>2Tm</b>	2.ª Timóteo
<b>Tt</b>	Tito
<b>Heb</b>	Hebreus

### *Versões da Escritura*

<b>BS</b>	Bíblia Sagrada
<b>LXX</b>	Setenta (versão grega da Escritura)

### *Outras siglas*

<b>AAS</b>	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
<b>a. C.</b>	Antes de Cristo
<b>d. C.</b>	Depois de Cristo
<b>op. cit.</b>	Obra citada
<b>art. cit.</b>	Artigo citado
<b>Ibid.</b>	Ibidem
<b>AT</b>	Antigo Testamento
<b>NT</b>	Novo Testamento
<b>V.</b>	Verso
<b>Vv.</b>	Versos
<b>Pag.</b>	Página



## INTRODUÇÃO

### ZAQUEU

*A árvore foi a forma de Te ver  
E descí para abrir a casa.  
De me teres visitado e avistado  
Entre os ramos  
Fizeste-me passagem  
Da folha ao voo do pássaro  
Do sol à doçura do fruto.  
Para me encontrares me deste  
A pequenez*

*Daniel Faria<sup>1</sup>*

*Dar corpo ao itinerário de Misericórdia, uma leitura pragmática de Lc 19, 1-10* denomina o presente estudo que se localiza no âmbito da exegese bíblica do Novo Testamento. Submeter a perícopes de Lc 19, 1-10, comumente conhecida como o episódio da conversão de Zaqueu, a uma análise textual coesa possibilita descobrir a riqueza literária que a envolve, assim como o caminho (*ver, acolher e salvar*) que, após um processo de *ablatio*, dele emerge, conscientes das dificuldades desta aventura.

Nesta *introdução*, visamos delinear quatro momentos que nos parecem fulcrais: o texto de Lc 19, 1-10 (perícopes de Zaqueu) e os motivos que levaram à sua eleição; a análise narrativa como opção metodológica, uma vez que é a partir deste prisma que observamos o texto; fazer memória do percurso elaborado que enforma o nosso trabalho e traçar os

---

<sup>1</sup> D. FARIA, «Zaqueu», in J. T. MENDONÇA – P. MEXIA (org.), *Verbo. Deus como interrogação na poesia portuguesa*, 214.

objectivos da investigação deste tema, tendo em vista a actualidade e o agrado que o texto suscita.

A beleza literária e a pertinência vocacional, penitencial ou pastoral que o encontro de Zaqueu com Jesus concentra (Lc 19, 1-10) são universalmente reconhecidas, quer dentro dos muros da comunidade eclesial, quer nas suas franjas. O texto é especialmente lucano, do ponto de vista redaccional e teológico. Por isso, evidenciamos tanto as suas opções vocabulares e expressivas como o delineamento da narrativa.

De modo sintético, podemos enumerar três motivos que podem justificar a escolha deste texto: em primeiro lugar, o texto que, de forma bela, usa uma gramática que ajuda a dizer o indizível<sup>2</sup>, assumindo-se, quanto à sua natureza teológica, como síntese doutrinal do Evangelho de Lucas – a importância do olhar (*ver*), a pertinência do tema da hospitalidade (*acolher*) e a mensagem salvífica que comporta (*salvar*); em segundo lugar, as inerentes funções que desempenha, destacando-se o carácter paradigmático e operativo que assume quer a nível pastoral, assim como num itinerário espiritual, onde a proposta do itinerário de misericórdia tanto sentido encontra; e, em último lugar, as consequências (efeitos) que indiscutivelmente reúne, reveladoras da sua atenção em diversas concretizações: pintura, música, literatura e outras.

Realmente, o Evangelho, como eco (boa-notícia) de uma experiência religiosa, por mão de um homem real a que chamamos evangelista, está repleto de encontros e acontecimentos que chegaram até nós por meio do uso de palavras que, orientadas de uma determinada forma e estrutura, prefiguram narrações esplêndidas e com múltiplos sentidos, decisivos na comunicação da fé. Assim, impõe-se-nos escolher alguns destes sentidos que, a partir de si, possamos descobrir outros existentes.

---

<sup>2</sup> Cf. J. A. CORREIA, *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, 16. Dele se pode dizer o que o autor afirma sobre Lc 24, 13-35: «A beleza e harmonia literárias que o habitam guindam-no ao patamar das grandes páginas da literatura mundial, ao estatuto das melhores obras clássicas» (*Ibid.*).

Uma vez que Lc 19, 1-10 é um relato, parece-nos que a abordagem que melhor se lhe aplica é a análise narrativa, permitindo que emergjam leituras renovadas a partir da sua natureza, estrutura, unidade e finalidade(s), tal como afirma a Comissão Pontifícia Bíblica: «a análise narrativa estuda o modo como a história é contada de forma a envolver o leitor no “mundo do relato” e no seu sistema de valores»<sup>3</sup>. Com esta opção, tentaremos não encontrar o sentido primeiro do texto (método histórico-crítico), mas as suas potencialidades, assentes na pluralidade de sentidos e/ou significados.

Quanto ao percurso que enforma este trabalho, resume-se a uma viagem feita de opções, perante tantas existentes, que *corporiza um itinerário de Misericórdia*. Assim sendo, organizamos este caminho em três partes: na primeira, procuramos situar o texto dentro da pluralidade sociológica, geográfica, política e religiosa que vigorava aquando da sua escrita; na segunda, detivemo-nos no texto, requerendo uma compreensão dos seus conteúdos por meio de uma análise coesa e exigente, exposta em etapas concretas; a última parte é o âmago do nosso trabalho, em que perscrutamos um caminho que se concretiza em três momentos: *ver, acolher (hospitalidade) e salvar*.

Este *itinerário* tem por base dois modos de o utilizar: por um lado, o seguido por Jesus para oferecer a misericórdia, como rosto misericordioso de Deus; e, por outro, o usado pelos personagens (Zaqueu e multidão) para acolher, ou não, esta oferta do Salvador, segundo o seu grau de interesse e de necessidade.

Efectivamente, os motivos que nos levaram à escolha deste trabalho foram: a convicção de que a pastoral deve partir da exegese bíblica; a preocupação pela ausência de um olhar mais misericordioso no mundo e, concretamente, na caridade praticada pela Igreja; a admiração pessoal pelo personagem Zaqueu, símbolo de uma busca incessante que gera um

---

<sup>3</sup> COMISSÃO PONTIFÍCIA BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, 52.

novo tempo para a Igreja, «o “fruto novo” de um mundo que não cessa de procurar algo que lhe levante o olhar»<sup>4</sup>.

Quanto aos objectivos, propomo-nos realizar um estudo do texto de Lc 19, 1-10, do ponto de vista textual, literário e teológico, em ordem à conclusão do primeiro grau canónico, alertando para a importância do olhar, da hospitalidade e do encontro da salvação que há-de caracterizar a caminhada cristã. Contudo, estamos cientes dos limites da investigação<sup>5</sup>: escassez de um conhecimento sólido e fundamentado na área da Sagrada Escritura; o factor tempo que, por carência, surge como um obstáculo a aprofundamentos que, em muito, enriqueceria este trabalho.

---

<sup>4</sup> Cf. T. HALÍK, *Paciência com Deus, oportunidade para um encontro*, 14.

<sup>5</sup> Quanto à metodologia, esta dissertação está, intencionalmente, redigida de acordo com a norma ortográfica da Língua Portuguesa (1992). Por isso, anterior ao Novo Acordo Ortográfico.

---

**I PARTE – O HOMEM ZAQUEU**

**CONTEXTO GEOGRÁFICO, HISTÓRICO-POLÍTICO E SÓCIO-RELIGIOSO**

---



A inserção no completo sentido de um texto reclama um situar amplo, susceptível de nos abeirar quanto às principais rotas existentes nestes tempos, paisagens cumpridas com abnegação e centros urbanos determinantes na aproximação à palavra. Realmente, há um espaço, uma geografia que se impõe mostrar porque, acima de tudo, ela é referência na escrita inspirada. Na realidade, situamo-nos na história – de há 2000 mil anos, mas que cremos com pertinência, inteligibilidade e dizibilidade para as ruas do nosso tempo –, feita de homens e mulheres que conhecem imperadores, reis e prefeitos que convém explorar. Buscar o perfil de um tempo é, com certeza, também, reconduzi-lo à épica de um quotidiano e seus essenciais intervenientes, ao qual sobrevêm tributos, cargas, trabalhos e organização política. Porém, e não menos importante, é encontrarmo-nos com crenças, princípios, pressupostos, pré-compreensões, mundividências daqueles que residiam na *polis* judaica de há dois milénios. Assim, numa primeira etapa deste nosso excurso, para melhor delimitação da trama a que nos juntaremos, contextualizaremos geografia, história, sociologia e religião que contendem e enformam as páginas que compõem este trabalho.

## 1. Contexto geográfico

Terminado o seu ministério na Galileia, Jesus parte em direcção a Jerusalém, naquela que seria a sua última viagem. Relativamente ao percurso realizado por Ele entre a Galileia e Jerusalém, os Evangelhos sinópticos não são coincidentes<sup>6</sup>. Porém, estão de acordo quanto ao facto de Jesus ter estado em Jericó, antes da sua paixão. Jericó assemelha-se a um jardim: «é um oásis de cerca de cinco quilómetros de diâmetro e que tem como particularidade ser a cidade mais baixa do mundo: 300 metros abaixo do nível do mar»<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> O percurso não é claro: Mateus/Marcos sugerem que ele atravessou a Judeia, passando o Jordão em direcção à Pereia, que na época se encontrava sob a jurisdição de Herodes Antipas; Lucas afirma que Jesus seguiu o caminho usado, normalmente, pelos peregrinos que iam da Galileia até Jerusalém, através da Samaria.

<sup>7</sup> E. DAHLER, *Os lugares da Bíblia*, 91.

Núcleo urbano importante, situado estrategicamente entre as regiões da Judeia e da Pereia<sup>8</sup>, remontando a cerca de 8000 anos a. C., é tida como a cidade, continuamente habitada, mais antiga do mundo. A situação comercial, fronteiriça, aduaneira e militar, dava à cidade um ambiente cosmopolita, ao mesmo tempo que a afastava do cumprimento estrito das leis judaicas referentes à moral<sup>9</sup>. Efectivamente, ao tempo de Jesus, tratava-se de uma cidade rica, que ocupava uma localização estratégica para a economia da região, uma vez que todos os que se deslocavam para Jerusalém não tinham outra opção senão passar por esta cidade fronteiriça – «que oferecia água, frutas e descanso»<sup>10</sup> – situada no vale do Jordão, a trinta e dois quilómetros da cidade onde Jesus viria a sofrer a sua paixão.

Jerico – local narrativo desta perícopre – era, pois, uma das sedes de distrito, importante centro de tributação para os Romanos, e onde se situava o «magnífico palácio de inverno de Herodes e vários edifícios públicos»<sup>11</sup>.



Mapa 1: Situação geopolítica da Palestina no tempo de Jesus.

<sup>8</sup> Apresentamos o mapa com a situação geopolítica da palestina no tempo de Jesus retirado de J. P. MEIER, *Un Judío Marginal, Nueva visión del Jesús histórico. Las raíces del problema y de la persona*, I, 470.

<sup>9</sup> Cf. F. R. DARDER, *Lucas, evangelista da Ternura de Deus*, 66.

<sup>10</sup> M. B. NUÑEZ, «Relato de Zaqueo (Lc 19, 1-10). Un Pacto de Justicia», in *Communio* 26/2-3 (1993), 168.

<sup>11</sup> F. VARO, *Rabí Jesús de Nazaret*, 48.

## 2. Contexto histórico-político

No Evangelho de Lucas, como no livro de Actos, podemos encontrar numerosas referências que tornam acessível a elaboração de um ritmo sincrónico entre a composição lucana e o pulsar de acontecimentos históricos do mundo greco-romano<sup>12</sup>.

Jesus viveu no contexto político do Império Romano, no tempo do reinado dos dois imperadores Octaviano Augusto (27 a. C.-14 d. C.) e Tibério (14-37). Nenhum deles se deslocará à região oriental do Império, nunca pisando solo palestino. Porém, tais lideranças asseguraram um longo período de paz política e de bem-estar em todo o território. A Augusto, muito particularmente, está associada a recordação da *Pax Romana Augustana*. Os poetas e sacerdotes louvam-na.

Tibério, um homem tímido, segundo se dizia, retira-se, em temporadas sucessivamente mais extensas, para Campânia e para a ilha de Capri. E é o Governador da Guarda, Seianus, que, dada a sua influência sobre o Imperador, exerce um poder quase ilimitado em Roma, durante a ausência deste. Foi a ele que Pôncio Pilatos ficou a dever a nomeação para Prefeito da Judeia<sup>13</sup>.

Em resultado da anexação por parte do império romano, no ano 63 a. C., e por acção de um novo clã político chefiado por Antípatro, o mundo judaico sofre duras alterações no seu

---

<sup>12</sup> Com o quadro seguinte, pretendemos contribuir para uma melhor compreensão da pertinência do relato Lc 19, 1-10 tanto na linha doutrinal, caminho messiânico de Jesus, como na luta pelos mais frágeis, vítimas da conjuntura política vigente com o império romano.

Lc 2, 1	«Por aqueles dias, saiu um <i>édito da parte de César Augusto</i> para ser <i>recenseada</i> toda a Terra»	<i>Decreto</i> do Imperador <i>Augusto</i> (de 30 a. C. a 14 d. C.), ordenara censo ao mundo Romano.
Lc 2, 2	«foi o primeiro que se fez sendo <i>Quirino governador da Síria</i> »	Públio Sulpício <i>Quirino</i> foi <i>governador da Síria</i> (entre 4-1 a. C.).
Lc 3, 1	«No décimo quinto ano do reinado do imperador Tibério, quando <i>Pôncio Pilatos era governador da Judeia</i> , Herodes, tetrarca da Galileia, seu irmão Filipe, tetrarca da Itureia e da Traconítide, e Lisânias, tetrarca de Abilena»	Reinado de Tibério entre Agosto e Setembro do ano 28 d. C., e <i>Pôncio Pilatos</i> governou a província romana da Judeia, entre os anos 26-36 d. C.

<sup>13</sup> Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 37-38.

regime de valores e *modus vivendi*. Herodes, *o Grande* (37 a. C. a 4 d. C.), descendente de uma família rica, filho de Antípatro e Kypros, a quem havia sido, por decisão paterna, confiado o governo da Galileia, restabelece, após sair vencedor da guerra civil em que participou, a Palestina judaica como «estado independente», ou melhor, reino vassalo semi-independente, no ano de 37 a. C. Roma governava, então, à distância, sem um soldado em cada rua, bastando-se com a cobrança do tributo e a preservação de fronteiras estáveis<sup>14</sup>. Nunca lhe foi colocado qualquer entrave à sua política interna, mas, do ponto de vista externo, não podia tomar qualquer iniciativa. A sua autoridade política interna incluía a administração de todo o direito civil e penal público e privado, a administração pública e financeira e o direito a exército próprio. Os privilégios de que gozava foram-lhe atribuídos *ad personam*<sup>15</sup>.

Idumeu, originário de uma região no sul da Judeia que havia sido conquistada, à força, pelos judeus, no tempo dos Asmoneus, Herodes *Magno* era considerado, apenas, meio-judeu por muitos judeus que, de resto, assumiam grande ressentimento face ao seu governo. O governador, para o ser, suplantara a família dos Asmoneus que gozava, ainda, de grande fidelidade junto de parte da população. E, mesmo tendo-se casado com Mariamme, princesa asmoneia, nem assim a desconfiança da população se deteve, de tal sorte que seria o próprio Herodes a eliminar mulher e dois filhos que com esta tivera.

Discente em ilustres escolas romanas, soldado excelente e leal a Roma, é o governante da Judeia na época do nascimento de Jesus, desenvolvendo uma política assente em três grandes pilares: ganhar a simpatia dos judeus, através de um aliciante programa de obras públicas (mormente o Templo)<sup>16</sup>, empregando dezenas de milhares de trabalhadores; perseguição sangrenta e implacável contra todos os inimigos internos, nomeadamente os que

---

<sup>14</sup> Cf. E. P. SANDERS, *A verdadeira história de Jesus*, 36.

<sup>15</sup> Cf. *Ibid.*, 38-39.

<sup>16</sup> Herodes, cujo cognome *O Grande* não é reconhecido por todos, alargou o Segundo Templo de Jerusalém; as pedras do Muro Ocidental (ou das Lamentações), que, ainda em nossos dias, os peregrinos podem observar, testemunham essa construção. Herodes foi, na realidade, um grande construtor, destacando-se, sob a sua égide, o erguer da cidade de Cesareia Marítima, na costa mediterrânica. Foi o primeiro a usar cimento subaquático para construir um quebra-mar, criando assim um porto imenso.

se oponham à ocupação romana. Embora fosse judeu, Herodes era, recorde-se, um rei protegido e controlado por Roma; o lugar de Herodes na estrutura de poder do Império Romano foi designado pelo título «rei aliado e amigo do povo romano» (*rex socius et amicus populi Romani*) – esmagando impiedosamente qualquer oposição, nem que fosse por protestos mínimos – no fim da vida, aliás, mandou executar três dos seus filhos por ter suspeitado que eles eram traidores (Augusto, que aprovou o julgamento dos primeiros dois filhos, comentou que preferia ser o porco de Herodes do que seu filho)<sup>17</sup>; e, por último, redução e esvaziamento dos poderes das autoridades tradicionais da região (grupos religiosos, sacerdotais e do Sinédrio)<sup>18</sup>.

Tudo visto e somado, Herodes «era um bom rei»: se não lhe devemos «conceder a nossa aprovação moral» (em comparação com Augusto, seu patrono, era desnecessariamente cruel e de visões curtas, ainda que comparado com os quatro imperadores seguintes, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero, pareça quase benévolo e misericordioso). Todavia, não devemos cair, igualmente, em anacronismos: «as suas fraquezas, para os critérios daquele tempo, não eram demasiado graves, sendo, em parte, compensadas por qualidades mais positivas e os ideais que motivam as democracias modernas não tinham surgido»<sup>19</sup>. Numa palavra, o que faz de Herodes um bom rei é o facto de ter aumentado a importância da Palestina no mundo; não ter permitido que estalasse (nova) guerra civil; ter mantido os cidadãos judeus à distância dos soldados romanos.

Herodes, que morre por volta do ano em que Jesus nasce, funda uma pequena dinastia e aos seus sucessores foi-lhes atribuído o seu próprio nome (por consequência, no NT, há várias pessoas chamadas Herodes).

---

<sup>17</sup> Cf. E. P. SANDERS, *op. cit.*, 36.

<sup>18</sup> Cf. J. D. LOURENÇO, *O Mundo Judaico em que Jesus viveu. Cultura judaica do Novo Testamento*, 26.

<sup>19</sup> E. P. SANDERS, *op. cit.*, 36-37.

Como meros governadores e administradores das províncias, sucederam-lhe Herodes Antipas (que interrogará Jesus antes da sua execução) e Herodes Filipe, reduzidos, agora, a figuras secundárias no complexo quadro político romano<sup>20</sup>.

Antipas governa a Galileia como o pai tinha governado um estado muito maior, e nos mesmos termos e condições: pagava tributo, colaborava com Roma e mantinha a ordem pública. Podia mandar cunhar as suas próprias moedas (que apenas tinham símbolos agrícolas, o que os judeus consideravam aceitável), sinal de independência. Era bastante cumpridor da lei judaica. Na realidade, «não existem indicações em nenhuma fonte de que ele tivesse tentado impor à população judaica costumes e instituições greco-romanas. As instituições nas cidades rurais e nas aldeias da Galileia eram completamente judaicas. É possível concluir dos Evangelhos que existiam sinagogas em todas as pequenas cidades e aldeias. As escolas eram judaicas e eram juízes judeus que julgavam os casos segundo a Lei judaica»<sup>21</sup>. Na verdade, «os galileus no tempo de Jesus não tinham a sensação de que as coisas que lhe eram queridas estivessem seriamente ameaçadas: a sua religião, as suas tradições populares e a sua subsistência»<sup>22</sup>.

Após o esboço do traço de homens marcantes que governaram no espaço-tempo de Jesus, procedamos agora, em jeito de sinopse, ao elencar das características maiores deste período:

- a) Roma não governava realmente a Palestina no dia-a-dia, mas indirectamente, através de um rei, etnarca ou tetrarca, que funcionava como um vassalo ou através de um procurador local, que, por seu lado, se servia dos aristocratas locais, sobretudo, do sumo-sacerdote;
- b) Na Galileia, no tempo de Jesus, Antipas era um tetrarca – vassalo semi-independente. Era tão independente como tinha sido o seu pai Herodes Magno,

---

<sup>20</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, I. Introducción General*, 294.

<sup>21</sup> E. P. SANDERS, *op. cit.*, 38.

<sup>22</sup> *Ibid.*, 39.

embora pareça ter sido mais brando, menos impiedoso. As tropas pertenciam-lhe, os impostos eram-lhe pagos, nomeava os governadores distritais e a administração local obedecia-lhe;

- c) Nos anos vinte e trinta, a Judeia esteve submetida a um outro sistema imperial: havia um governador romano (um prefeito) e um pequeno contingente de tropas estacionadas na Palestina, a maior parte do tempo, longe de Jerusalém, a capital, porque os judeus reagiam com extrema sensibilidade ao desrespeito à sua religião na Cidade Santa;
- d) A Palestina judaica não se encontrava à beira de uma revolta no tempo em que Jesus foi executado. Tinham existido tensões entre os judeus, sobretudo os habitantes de Jerusalém, e os romanos, porque Pilatos mandou desfilar estandartes romanos pela cidade. No entanto, é um facto que, durante os dez anos do seu mandato (26-36), nunca houve grandes irrupções de violência;
- e) Apesar de, sob a prefeitura de Pilatos, não ter havido actos de violência de maior dimensão, durante a época romana, existiu sempre a possibilidade de uma insurreição grave, tanto nas regiões governadas por vassallos como nas regiões onde havia um prefeito ou um procurador. Na Judeia, o sumo-sacerdote e o prefeito tinham de zelar para prevenir o desencadeamento de violência, sobretudo quando se reuniam grandes multidões para festas;
- f) Muitos judeus desejavam a libertação do domínio romano e pensavam que isto só podia ser alcançado com a ajuda de Deus. A natureza e o objectivo desta mudança há muito desejada variava bastante, assim como variavam as ideias sobre a forma como Deus provocaria a mudança<sup>23</sup>.

De modo idêntico, cumpre-nos, ainda, em síntese, indicar os principais princípios da mundividência vivida nesta região, no início da nossa era. Ora, devemos, numa primeira

---

<sup>23</sup> Cf. E. P. SANDERS, *op. cit.*, 52-53.

instância, assinalar que, no mundo mediterrânico do século I, judeus e gentios estavam de acordo em diversos aspectos: a maior parte deles acreditava em seres sobrenaturais; na veneração de Deus (ou dos deuses) através do sacrifício de animais e em vários tipos de purificações; condenavam, em conjunto, o assassinato, o roubo, o furto e o adultério.

Devemos assinalar que o judaísmo comum assentava em:

a) *crença monoteísta* – só havia um Deus verdadeiro. Ele tinha criado o mundo e continuava a governá-lo;

b) *eleição divina e lei* – acreditavam que Deus tinha escolhido Israel e feito uma aliança com o povo judeu que o obrigava a obedecer a Deus, e Este comprometera-se a proteger Israel;

c) *arrepentimento, castigo e perdão* – as pessoas que transgrediam a Lei deviam reparar a sua falta; caso tivessem prejudicado outras pessoas com o seu acto, deviam arrepender-se e apresentar um sacrifício. Deus perdoaria sempre ao pecador arrependido<sup>24</sup>.

Práticas características dos judeus cumpridores:

a) Os judeus deviam adorar e servir Deus. Isto significava sobretudo adorá-Lo no Templo de Jerusalém; os judeus circuncidavam os seus filhos do sexo masculino. Deus fez esta exigência ao povo na Sua aliança com Abraão (cf. Gn 17);

b) Os judeus não trabalhavam ao sábado, o sétimo dia da semana. A Bíblia estende o dia de descanso a todos os membros da família, aos criados, aos estrangeiros e ao gado (cf. Ex 20, 8-11);

c) Os judeus evitavam determinados alimentos que eram considerados «impuros» e «abomináveis» (cf. Lv 11; Dt 14). A carne de porco e os crustáceos são os alimentos mais conhecidos proibidos na Bíblia, mas há muitos outros, como, por exemplo, a carne de aves de rapina, de roedores e de cadáveres de animais;

---

<sup>24</sup> Cf. E. P. SANDERS, *op. cit.*, 56.

d) Os judeus tinham de se *purificar* antes de entrar no Templo. As principais fontes de impureza eram o esperma, o sangue de menstruação, o parto e os cadáveres.

O mais significativo, numa apreciação global, é que a Lei judaica submete todos os aspectos da vida, incluindo as práticas cívicas e domésticas, à autoridade de Deus, isto é, o judaísmo elevou todos os aspectos da vida ao mesmo nível como um culto a Deus<sup>25</sup>.

Jesus assume, por inteiro, a carne. Ele não acede ao mundo como um anjo, mas de corpo inteiro. Quer isto dizer que se situa no interior de uma cultura (judaica). Contudo, não se limita a cumpri-la/repeti-la. Jesus será um *judeu marginal*<sup>26</sup>. De entre as rupturas que promove, o passo de que a seguir se curará, o embate com a cultura envolvente, não será de pouca monta:

«esta ruptura incide nos sinais identitários do Judaísmo do tempo de Jesus: o sábado, a circuncisão, o Templo, e a comida *kosher*. Em relação a este último, todos reconhecemos que os judeus, divididos em várias famílias, identificavam-se pela comida; só os irmãos judeus podiam comer uns com os outros. Os pagãos estavam completamente excluídos. O problema da exclusão e da inclusão é fundamental em Jesus. Ele não exclui, mas inclui. Todas as parábolas do banquete incluem santos e pecadores, sãos e doentes, ricos e pobres, homens e mulheres. O Reino tem as portas abertas para o banquete de Deus. Este universalismo é uma nota sem par na pregação e vivência de Jesus; o que fazia era o que pregava. Conviver com leprosos, coxos e cegos, samaritanos e publicanos, homens e mulheres, foi algo nunca visto em Israel»<sup>27</sup>.

### 3. Contexto sócio-religioso

E, no entanto, a sociedade judaica afirma-se como «terreno fértil para o movimento de Jesus»<sup>28</sup>. Tendo presente o texto de Lc 19, 1-10, podemos salientar, a este respeito, alguns itens atinentes ao estudo *dos perdidos e dos encontrados*, a saber: a relação entre cobradores

---

<sup>25</sup> Cf. E. P. SANDERS, *op. cit.*, 55-61.

<sup>26</sup> Cf. J. P. MEIER, *op. cit.*, 36.

<sup>27</sup> J. CARREIRA DAS NEVES, *Deus existe? Uma viagem pelas religiões*, 200-201.

<sup>28</sup> G. THEISSEN, *El Movimiento de Jesús. Historia social de una revolución de los valores*, 131.

de impostos e lei/religião; a questão ritual dos judeus (as leis que impedem que vá a casa de um pecador para lá permanecer).

No tempo de Jesus, os impostos não eram usados para fomentar activamente a economia, constituindo apenas tributos que se pagavam, recorrendo-se, muitas vezes, à força. Mais ainda, os tributos eram um jugo muito pesado para o povo de Israel. Saliente-se, ademais, que a este pesado imposto cobrado pelos romanos deve somar-se, por um lado, a prática contributiva ao rei Herodes, e, por outro, o pequeno dízimo ao Templo.

Tendo presente estes elementos, torna-se necessário abordar a figura do cobrador de impostos ou chefe dos publicanos<sup>29</sup>, ofício desempenhado por Zaqueu. Com efeito, o publicano estava incumbido, pelo governo romano, da cobrança dos impostos sobre mercadorias, bem como dos direitos de passagem nas principais pontes e estradas. Esta figura era normalmente mal vista, não só pelas cobranças já referidas, mas também por se apresentar como colaborador do ocupante romano<sup>30</sup>, tendo nas suas mãos o arrendamento das alfândegas e o serviço de executor, cobrando a todos os que não pagassem a tempo os seus deveres<sup>31</sup>.

A mentalidade judaica do tempo de Jesus rotulava os publicanos ou cobradores de impostos de ladrões, de tal modo que não aceitavam quaisquer doações que eles fizessem aos pobres, uma vez que este dinheiro era visto como ilícito, por ser invariavelmente obtido de forma injusta<sup>32</sup>.

Desde o retorno da Babilónia, os Judeus sempre pagaram impostos, coercivamente aplicados por povos estrangeiros<sup>33</sup>. Aquando da ocupação romana, «as províncias do Império Romano, como a Palestina, estavam submetidas a grandes impostos: a capitalização (imposto

---

<sup>29</sup> Cf. M. T. CÍCERO, *Como ganhar eleições. Um guia clássico para líderes actuais*, Glossário, *Contratos públicos*, 105. Os publicanos eram adjudicatários dos contratos públicos, homens de negócios que arrematavam os contratos, incluindo a cobrança de impostos, num leilão. Enriqueceram muito e tinham muito poder na República Romana.

<sup>30</sup> Cf. R. COSTE, *L'amitié avec Jésus*, 147.

<sup>31</sup> Cf. M. B. NUÑEZ, *art. cit.*, 169.

<sup>32</sup> Cf. *Ibid.*, 175. Não obstante, o nosso texto propõe algo novo: mesmo que o dinheiro tenha sido obtido injustamente, é destinado, por Zaqueu, aos pobres.

<sup>33</sup> «No tempo de Esdras (Esd 4, 13.20; 7, 24) pagavam ao monarca persa “tributo, imposto e rendas”(…) No reinado dos Ptolemeus, (...) durante o domínio sírio, os impostos consistiam em tributos, direitos sobre o sal, uma terça parte de tudo o que se semeava» (A. EDERSHEIM, *Usos y Costumbres de los tiempos de Cristo*, 72-73).

sobre a renda) e o imposto sobre a terra»<sup>34</sup>. Em ordem a controlar o pagamento dos impostos, realizou-se um censo, mediante o qual Públio Sulpício Quirino, na qualidade de governador da Síria, pretendia saber com exatidão o número de contribuintes e respetivo modo de vida, com o fim de equilibrar as finanças da região por meio de pesados impostos. Esta «efeméride» foi designada, na tradição lucana, por «recenseamento (...) abrangendo toda a terra» (Lc 2, 2).

É neste contexto que se insere a revolta do povo judaico perante a «traição» sofrida por parte dos cobradores de impostos que, muitas vezes, «subarrendavam»<sup>35</sup> algumas extensões do território, em prol de maiores benefícios. Assim, podemos perceber como Zaqueu, um dos chefes destes cobradores de impostos na cidade de Jericó, era alvo de grande ódio por parte do povo oprimido, «pois a sua profissão era detestada entre todos»<sup>36</sup>.

Outro ponto fundamental no contexto social, prende-se com a questão ritual dos judeus, ou seja, as leis que impedem que se vá a casa de um *pecador e nela se permaneça* (cf. Lc 19, 5). No quadro de uma sociedade teocrática, como a de Israel, invadida por uma nação estrangeira e obrigada a pagar pesados impostos, como acima referimos, a figura de um cobrador de impostos, ainda que de nacionalidade judaica, como era o caso de Zaqueu, era considerada mercenária e encontrava-se ao serviço do poder despótico de Roma<sup>37</sup>, que transgredia a Aliança, desobedecendo radicalmente à Lei.

Nos Evangelhos, o lugar por excelência, o Templo – lugar reservado ao culto do Deus único – tinha de ser protegido de toda a contaminação por parte de gentios impuros, norma presente no «código sacerdotal»<sup>38</sup>. Por conseguinte, não só o Templo deixa de ter valor, também Jesus arrisca a perder o seu valor, uma vez que entra directamente na «casa» de um

---

<sup>34</sup> A. EDERSHEIM, *Usos y Costumbres de los tempos de Cristo*, 72.

<sup>35</sup> Acontecia que, muitas vezes, as mesmas terras eram arrendadas a duas pessoas diferentes. Todos queriam ganhar dinheiro à custa do povo.

<sup>36</sup> R. COSTE, *op. cit.*, 147.

<sup>37</sup> Cf. J. RIUS-CAMPS, *O Evangelho de Lucas. O êxodo do Homem livre*, 285.

<sup>38</sup> O «código sacerdotal» é onde estão agrupados um conjunto de normas e prescrições recolhidas no livro do Levítico (Lv 19, 26), no qual subscreve, com grande veemência, a necessidade de uma separação face ao impuro para ter acesso ao Deus santo.

impuro, «ficando, ao abrigo da Lei moisaica, impuro, porque, no diálogo com ele, imbui-se das suas categorias e modos de pensar»<sup>39</sup>, contrários à Lei. O mesmo é dizer que, na cultura judaica, ao comer com uma pessoa à mesa, o conviva em causa tornava-se cúmplice das acções daquele, «uma vez que o ostracismo social constituía parte do castigo ao pecador»<sup>40</sup>.

Podemos ainda salientar outra prerrogativa da Lei judaica, particularmente evidenciada no texto de Zaqueu: a lei da restituição. Os textos sobre a restituição por más obras previam que as devoluções fossem entre o dobro e o quádruplo (Ex 22, 1-3; 22, 8-9; Lv 6, 2-5; Nm 5, 5-7; Zc 9, 12).

Os pecadores, que constituíam o estrato mais baixo da sociedade da Galileia, não só viviam sem nada, como estavam condenados a viver na vergonha, sem honra ou dignidade humanas. Perdida a honra, estes homens e mulheres jamais a poderiam recuperar<sup>41</sup>. Por conseguinte, a qualidade de digno, no seio da sociedade judaica, aparece como fonte fulcral para a pertença num dos diversos sectores que compunham o grupo.

Concluindo, qualquer falta ou transgressão é necessariamente ocasião de pecado no seio desta sociedade, que buscava a santidade acima da misericórdia.

---

<sup>39</sup> J. RIUS-CAMPS, *op. cit.*, 287.

<sup>40</sup> I. G. ACEBO, *Lucas*, 506.

<sup>41</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *Jesus, uma abordagem histórica*, 198. «Desde a invasão da cultura helénica, impulsionada por Alexandre Magno, aquele pequeno povo (Judeu) foi obrigado a defender a sua identidade com todas as suas forças» (*Ibid.*).

---

**II PARTE – LC 19, 1-10: CIRCUNSCRIÇÃO TEXTUAL E MECANISMO ORGÂNICO**

---



Balizados os diferentes tipos de horizontes em que a narrativa se insere, percorridas as veredas sociológicas, geográficas, políticas e religiosas que a atravessam e marcam, importa, imediatamente, adentrarmo-nos na narrativa, seguindo os novelos de uma gramática e sintaxe capazes de nos colocarem à escuta e revelarem o sentido último.

Gradualmente, a crítica narrativa tem-se configurado como um desenvolvimento dos métodos anteriores e, conjuntamente, como uma resposta às interpelações. «Em vez de seguir o fio muito escolar da descrição das categorias narrativas, coloca em jogo as técnicas do engenho narrativo de Lucas»<sup>42</sup>, concretizando uma significativa diferença face às teorias precedentes.

Apenas utilizando uma ampla e profícua análise do texto, podemos requerer uma aproximação à real percepção dos seus conteúdos. Enquanto realidade física e quase palpável, a perícopes de Lc 19, 1-10 é estudada, neste trabalho, atendendo aos seguintes aspectos: o texto grego, seguido de uma proposta de tradução; articulação do texto na tradição explícita de Lucas; a delimitação narrativa da perícopes, tendo em conta a sua pertinência num estudo remoto (terceiro Evangelho), na proximidade aos perdidos e encontrados (Lc 15, 1-32) e no seu contexto imediato (Lc 18, 18 – 19, 27); a estrutura (dramática) ou a orgânica interna (marcas espaço-temporais e personagens).

A indagação é, portanto, literário-teológica, apresentando-se, sucessivamente, o texto na sua nudez, a singular idiossincrasia da tradição do Evangelho de Lucas, o modo como nos expõe Jesus e de que forma, na perícopes de Zaqueu, nos encontramos, por antonomásia, com o Deus-Agapê, o Deus da Misericórdia e do Perdão que se comunica em Jesus Cristo.

---

<sup>42</sup> J. T. MENDONÇA, *A Construção de Jesus. Uma leitura narrativa de Lc 7, 36-50, 24*. Para um maior aprofundamento deste tema da análise narrativa na obra de Lucas, sugerimos a leitura de J. -N. Aletti, *L'art de raconter Jésus Christ*.

## 1. Texto grego e tradução de Lc 19, 1-10

Em ordem a uma maior aproximação aos verdadeiros propósitos literário-teológicos que presidiram à redação desta perícopes do Evangelho de Lucas, apresentamos o texto grego a partir da fonte E. Nestlé – K. Aland<sup>43</sup>.

1. Καὶ εἰσελθὼν διήρχετο τὴν Ἱεριχώ.
2. καὶ ἰδοὺ ἀνὴρ ὀνόματι καλούμενος Ζακχαῖος, καὶ αὐτὸς ἦν ἀρχιτελώνης καὶ αὐτὸς πλούσιος·
3. καὶ ἐζήτει ἰδεῖν τὸν Ἰησοῦν τίς ἐστὶν καὶ οὐκ ἠδύνατο ἀπὸ τοῦ ὄχλου, ὅτι τῇ ἡλικίᾳ μικρὸς ἦν.
4. καὶ προδραμὼν εἰς τὸ ἔμπροσθεν ἀνέβη ἐπὶ συκομορέαν ἵνα ἴδῃ αὐτόν ὅτι ἐκείνης ἡμελλεν διέρχεσθαι.
5. καὶ ὡς ἦλθεν ἐπὶ τὸν τόπον, ἀναβλέψας ὁ Ἰησοῦς εἶπεν πρὸς αὐτόν, Ζακχαῖε, σπεύσας κατάβηθι, σήμερον γὰρ ἐν τῷ οἴκῳ σου δεῖ με μείναι.
6. καὶ σπεύσας κατέβη καὶ ὑπεδέξατο αὐτόν χαίρων.
7. καὶ ἰδόντες πάντες διεγόγγυζον λέγοντες ὅτι Παρὰ ἁμαρτωλῶ ἀνδρὶ εἰσῆλθεν καταλῦσαι.
8. σταθεὶς δὲ Ζακχαῖος εἶπεν πρὸς τὸν κύριον, Ἴδοὺ τὰ ἡμίσιά μου τῶν ὑπαρχόντων, κύριε, τοῖς πτωχοῖς δίδωμι, καὶ εἴ τινός τι ἐσυκοφάντησα ἀποδίδωμι τετραπλοῦν.
9. εἶπεν δὲ πρὸς αὐτόν ὁ Ἰησοῦς ὅτι Σήμερον σωτηρία τῷ οἴκῳ τούτῳ ἐγένετο, καθότι καὶ αὐτὸς υἱὸς Ἀβραάμ ἐστιν·
10. ἦλθεν γὰρ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου ζητῆσαι καὶ σῶσαι τὸ ἀπολωλός.

A tradução que apresentamos a seguir espelha a preocupação por uma versão consideravelmente literal face ao original. Assim, para além de ser baseada no *Novo Testamento Interlinear*<sup>44</sup>, podemos encontrar algumas opções de tradução pessoais. Estas mesmas escolhas serão justificadas e aprofundadas ao longo do presente trabalho. Destaque-se, desde já, que apresentamos em nota de rodapé a tradução da Bíblia Sagrada (BS), ed.

<sup>43</sup> E. NESTLÉ – K. ALAND, *Novum Testamentum Graecae*, 221-222.

<sup>44</sup> Cf. *Novo Testamento Interlinear. Grego – Português*, 316-317.

Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima 2002. Usaremos sempre esta edição, quando houver necessidade de citar outras passagens bíblicas ao longo do trabalho em desenvolvimento.

1. E atravessava<sup>45</sup> Jericó.
2. E eis um homem rico chamado Zaqueu, que era chefe de cobradores de impostos:
3. Procurava ver Jesus e não podia a partir da multidão porque era de baixa estatura.
4. E correndo mais adiante, subiu a um sicómoro para que o visse, porque Ele estava para passar por ali.
5. E quando chegou ao lugar, olhando para cima, Jesus viu-o e disse-lhe: «Zaqueu, desce depressa, pois hoje é necessário eu permanecer<sup>46</sup> em tua casa».
6. Ele desceu imediatamente e recebeu-O cheio de alegria.
7. E vendo isto, todos murmuravam dizendo: foi hospedar-se junto de um homem pecador.
8. Então, Zaqueu erguendo-se, disse ao Senhor: «Vê quantas partes dos meus pertences dou<sup>47</sup>, Senhor, aos pobres, e se extorqui algo a alguém, devolvo<sup>48</sup> quatro vezes mais».
9. Então, Jesus disse-lhe: «Hoje aconteceu a salvação nesta casa pois ele é também filho de Abraão;
10. Portanto, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido».

## **2. Perícope em articulação com a tradição lucana**

Lucas, o escritor da mansidão, da misericórdia, do amor de Cristo<sup>49</sup>, segundo Dante, emprega geralmente um vocabulário abundante, cuidado e consideravelmente afim ao dos autores da prosa pós-clássica<sup>50</sup>; usa, além disso, uma gramática rica e uma série de recursos

---

<sup>45</sup> BS: «tendo entrado».

<sup>46</sup> BS: «pois hoje tenho que ficar (...)».

<sup>47</sup> BS: «vou dar».

<sup>48</sup> BS: «vou restituir-lhe».

<sup>49</sup> Cf. G. RAVASI, *Quem és tu, Senhor?*, 63.

<sup>50</sup> Cf. R. A. MONASTERIO – A. R. CARMONA, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, 375.

não utilizados por outros autores do NT. A título de exemplo, digamos que «373 das palavras que utiliza são próprias do seu escrito»<sup>51</sup>. Destas, sobressai o uso frequente do verbo grego *splanchnízonai* que evoca a ternura das entranhas maternas (1, 78; 7, 13; 10, 33; 15, 20). Conhecedor dos recursos estilísticos semitas e helenistas, o evangelista «domina as técnicas que ajudam a uma preservação viva dos materiais, assim como uma adequada composição dos mesmos»<sup>52</sup>, como pode ver-se no texto em apreço. «A parábola do bom Samaritano e a trilogia de parábolas da misericórdia (a ovelha perdida, a dracma perdida e o filho pródigo) contidas no capítulo 15, a salvação oferecida ao corrupto funcionário Zaqueu (19, 1-10), o “Sermão da Planície” (6, 17-49), a escolha constante dos últimos, dos pobres, dos excluídos, o perdão final oferecido ao malfeitor arrependido e aos seus próprios carrascos (23, 33-43) são outros testemunhos da legitimidade da definição de Dante»<sup>53</sup>.

Para além da misericórdia, Lucas oferece-nos, como traços que retira do rosto de Cristo, a alegria – com a utilização de 5 verbos diferentes para exprimir a alegria, em 27 passagens deste Evangelho –, a concentração na pobreza/nos pobres («Felizes vós, os pobres»)<sup>54</sup> e na oração (Jesus como o grande orante por natureza)<sup>55</sup>.

Podemos situar a redação definitiva do terceiro Evangelho no tempo da segunda geração cristã, entre os anos 80-90, provindo possivelmente da província romana de Acaia, no sul da Grécia. Para sustentar esta premissa, os exegetas enumeram dois argumentos: primeiro, a inquestionável presença de um estilo literário e vocabulário semelhantes aos usados nesta realidade geográfica; segundo, o aparecimento de testemunhos de autores antigos, como Ireneu de Lyon, de documentos, como o chamado «prólogo antimarcionita»<sup>56</sup>, que referem as condições em que este Evangelho terá sido escrito. Contudo, após um período de hegemonia, a província de Acaia sofreu, no século I, uma grave recessão, com grande impacto na mente

---

<sup>51</sup> F. R. DARDER, *op. cit.*, 26.

<sup>52</sup> R. A. MONASTERIO – A. R. CARMONA, *op. cit.*, 379.

<sup>53</sup> G. RAVASI, *op. cit.*, 64.

<sup>54</sup> Lc 4, 18; 16, 19-31; 21, 1-4; 18-22; 12, 13-21; 16, 14; 18, 24-25.

<sup>55</sup> Cf. *Ibid.* Ver a este propósito as referências de Lc 3, 21; 5, 16; 6, 12; 9, 18; 9, 28-29; 11, 1; 22, 39-46; 23, 46.

<sup>56</sup> Cf. F. R. DARDER, *op. cit.*, 21.

das pessoas, que se viram apenas possuidoras da «memória esbatida do passado»<sup>57</sup>, limitando-se, agora, a viver numa pequena província remota, lugar empobrecido do Império Romano<sup>58</sup>.

Não obstante, podemos realçar que o Evangelho de Lucas tem como destinatário imediato um receptor pagano-cristão, «abrindo, a estes, a salvação prometida a Israel no Antigo Testamento»<sup>59</sup>.

Nos escritos lucanos, a perspectiva geográfica apresenta-se claramente subordinada à intenção teológica, afectando a própria estrutura do terceiro Evangelho. Tendo presente esta característica, podemos contextualizar esta perícopa no âmbito da viagem de Jesus a Jerusalém, que para Lucas é cristológica (Jesus salvador e libertador) e eclesiológica (Jesus ensina aos seus discípulos que a verdadeira misericórdia floresce pelo perdão – comunidade primitiva)<sup>60</sup>.

Para entender o *locus* da perícopa Lc 19, 1-10, na economia do terceiro Evangelho, impõe-se agora uma enumeração breve das principais fontes e a mútua influência destas na narração de Lucas: «Mc, “Q” (*Quelle* – conjunto de textos da pregação de Jesus que Mateus e Lucas nos transmitiram, mas a que Marcos não faz referência) e uma fonte própria, chamada “L” (fonte particular de Lucas) – não necessariamente uma fonte escrita»<sup>61</sup> (como escreve no seu prefácio, «já muitos tentaram contar a narrativa das coisas que aconteceram entre nós [...] Também eu depois de averiguar cuidadosamente tudo o que se passou desde o começo, achei conveniente escrever isso para ti, excelentíssimo Teófilo, de maneira ordenada, para que fiques seguro de quanto te ensinaram» [Lc 1, 4-5]). Cristão helenista e grande retórico, escreve ao seu mecenas Teófilo, rico e intelectual, para que a sua fé seja esclarecida com este

---

<sup>57</sup> F. R. DARDER, *op. cit.*, 21.

<sup>58</sup> Cf. *Ibid.*, 22.

<sup>59</sup> J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, I. Introducción General*, 108.

<sup>60</sup> A subida desde a Galileia até Jerusalém obedece, no terceiro Evangelho, a uma motivação específica: «Como estavam a chegar os dias de ser levado deste mundo, Jesus dirigiu-se resolutamente para Jerusalém» (Lc 9, 11).

<sup>61</sup> *Ibid.*, 121.

Evangelho. Sem dúvida que o autor leu muito e ouviu muito sobre a narrativa da pessoa de Jesus.

À semelhança de Mateus, em Lucas é clara a influência do segundo Evangelho (cuja ordem segue), que toma como base para a sua obra. Contudo, é importante salientar que o autor optou por suprimir as passagens que produziam algumas dificuldades para os leitores, entre as quais aquelas que reflectiam os problemas da religião judaica (Mc 7, 1-23; 9, 9-13; 10, 1-12)<sup>62</sup>. Aliás, o Jesus de Lucas é o da Igreja a procurar um bom entendimento com a sociedade. Em contrapartida, dentro das grandes composições de Marcos, Lucas introduz ocasionalmente alguns detalhes provenientes de «Q» ou de «L», talvez com o intuito de completar determinados episódios do segundo Evangelho (Lucas possui «muito material próprio, oriundo seja da tradição oral ou escrita, ou da sua autoria – matéria redacional»<sup>63</sup>).

O texto de Zaqueu é uma passagem atribuída à fonte particular de Lucas, «L». No entanto, também não podemos excluir a hipótese de Lucas ter composto, pessoalmente, estas passagens – utilizando o seu próprio talento: «composição» lucana, uma actividade criativa do próprio narrador, o qual não depende de fontes e materiais pré-existentes<sup>64</sup>.

*Algumas passagens atribuídas à fonte «L»<sup>65</sup>*

<i>Lc 1, 5-2,52</i>	Relatos da infância; pelo menos uma boa parte.
<i>Lc 9, 52-55</i>	Viagem para Jerusalém: hostilidade dos samaritanos.
<b><i>Lc 19, 1-10</i></b>	<b>Relato de Zaqueu.</b>
<i>Lc 21, 34-36</i>	Vigilância.
<i>Lc 24, 44-49</i>	As últimas recomendações de Jesus.

<sup>62</sup> Cf. J. SCHMID, *El Evangelio según San Lucas*, 17.

<sup>63</sup> J. CARREIRA DAS NEVES, *Deus existe? Uma viagem pelas religiões*, 222.

<sup>64</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, I. Introducción General*, 147.

<sup>65</sup> Este esquema é fundamentado no estudo de *Ibid.*, 147-148.

### 3. Delimitação Narrativa da Perícope

Definir um conjunto de palavras (extensão textual) como unidade promotora de sentido, só é possível, realmente, quando decidimos o «onde» dos seus limites. Para o efeito, podemos utilizar dois factores que, à primeira vista, se diriam contraditórios: autonomia (unidade narrativa que se demarca de um segmento maior) e contiguidade (perícope que mantém, necessariamente, uma conexão com o cenário em que se insere)<sup>66</sup>. Assim sendo, o nosso texto está interposto num contexto próprio, não só pela existência de correspondências formais, mas também por correspondências temáticas: o contexto remoto do terceiro Evangelho ou na contiguidade com os perdidos e os encontrados (Lc 15, 1-32) e o contexto imediato (Lc 18, 18 – 19, 27).

#### 3.1 Ligação da perícope ao Evangelho de Lucas

Inserido no terceiro Evangelho, o episódio de Zaqueu, de facto, assume-se como «texto clímax», uma vez que se define como corolário da viagem de Jesus a Jerusalém (Lc 9, 51 – 19, 28), relativamente à macro-estrutura do Evangelho. Tanto a unidade da linguagem, como a teologia levam-nos a concluir que as duas obras apresentam muito em comum, como podemos ver de seguida:

- Prólogo literário (1, 1-4)
- Relatos sobre a vida oculta de Jesus: infância (1, 5 – 2, 52)
- Introdução: prelúdio da missão (3, 1 – 4, 13)
- Ministério de Jesus na Galileia (4, 14 – 9, 50)
- Caminho (viagem) de Jesus para Jerusalém: rejeição judaica e o novo «Caminho» (9, 51 – 19, 28)
- Ministério de Jesus em Jerusalém (19, 29 – 21, 38)
- Paixão, morte e ressurreição de Jesus (22, 1 – 24, 53)

---

<sup>66</sup> Cf. J. T. MENDONÇA, *op. cit.*, 44.

O Evangelho de Lucas divide-se em três grandes partes. Em primeiro lugar, o anúncio do Reino começado pela Galileia (4, 14 – 9, 50). Nesta primeira grande divisão, Jesus realiza curas e chama os primeiros discípulos: «O programa narrativo de Jesus está condensado em Lc 4, 16-30, que arranca do texto de Is 61, 1-2, onde o Ungido do Senhor vem anunciar a Boa-Nova aos pobres, libertar os cativos, dar a vista aos cegos, libertar os oprimidos e proclamar o ano jubilar de Deus»<sup>67</sup>.

Em segundo lugar, o caminho de Jesus para Jerusalém (9, 51 – 19, 28). Juntamente com os seus discípulos, o Salvador empreende «a longa viagem da vida para a morte, para apresentar, através de parâmetros fictícios de espaço e tempo, de geografia e história, a verdadeira personalidade d'Ele, por um lado, e a verdadeira personalidade dos discípulos, por outro lado»<sup>68</sup>.

Por último, a chegada messiânica de Jesus a Jerusalém (19, 29 – 24, 53), cidade particularmente importante em Lucas. A sua relevância é sublinhada com o facto do autor relatar a viagem de Jesus, da Galileia para a Judeia, em dez capítulos, onde se vai consumir a sua missão. Esta passagem marca o começo do seu ministério no templo de Jerusalém, antes dos acontecimentos que vão pôr fim à sua vida terrena<sup>69</sup>.

Tendo em vista uma melhor contextualização do relato de Zaqueu, no Evangelho de Lucas, torna-se necessário evidenciar, com maior precisão, a relevância deste segundo bloco no todo da narrativa do terceiro Evangelho, intitulado «relato da viagem». Esta unidade pode subdividir-se em 3 partes, começando e terminando (inclusão) todas da mesma forma – com uma parábola: a promessa do Reino (Lc 9, 51 – 13, 21), condições para entrar no Reino (Lc 13, 22 – 17, 10) e entrada no Reino (Lc 17, 11 – 19, 27). Desde já, devemos realçar, por um lado, que o estilo lucano marca, inexoravelmente, toda esta perícopes do Evangelho, e, por

---

<sup>67</sup> J. CARREIRA DAS NEVES, *Evangelhos Sinópticos*, 330.

<sup>68</sup> *Ibid.*, 334. Os critérios usados para determinar esta estrutura encontram-se bem desenvolvidos no estudo de R. A. MONASTERIO – A. R. CARMONA, *op. cit.*, 381-388. Para mais informações sobre este assunto cf. G. SEGALLA, *Evangelo e Vangeli, quattro evangelisti, quattro Vangeli, quattro destinatari*, 191-199.

<sup>69</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, I. Introducción General*, 227.

outro, que o tema da conversão dos publicanos constitui o cerne do Evangelho, tema teológico central na actividade do homem perante Deus.

Lucas abre a secção com a frase: «Como estavam a chegar os dias de ser levado deste mundo, Ele endureceu o rosto para se dirigir para Jerusalém» (Lc 9, 51). Jesus quer deixar a paz e a tranquilidade da Galileia para se dirigir para a morte, segundo desígnio do Pai<sup>70</sup>. Esta parte é eminentemente «parenética e apresenta a exaltação de Jesus como o cume do seu caminhar profético»<sup>71</sup>. No entanto, podemos realçar que não se trata de uma viagem arbitrária ou de mais uma entre outras; este caminho é feito também pelos discípulos, para se realizarem, plenamente, em Cristo, no que constitui uma catequese de Jesus aos seus seguidores directos. De certo modo, Jesus transforma-se em «Palavra» que os vai instruindo profundamente e os prepara para o tempo da Igreja, que se faz próximo<sup>72</sup>. Ao longo desta secção, podemos afirmar que o ensinamento de Jesus percorre todos os campos da existência cristã: «oração, sinceridade, pobreza, conversão, misericórdia, renúncia, humildade, correcção fraterna, responsabilidade e, sobretudo, o grande mandamento do amor»<sup>73</sup>, imprescindíveis nos futuros evangelizadores.

Na continuidade desta secção, o texto de Lc 19, 1-10 responde à questão: «Como age o Deus da misericórdia?». Ao longo da narração de Lucas, podemos aventar um itinerário, no qual estão espelhados o modo de acção, o lugar e as atitudes perante e do Deus da misericórdia.

Tendo por base uma contextualização semântica, esta passagem articula-se organicamente com o restante Evangelho que, tal como o quadro ilustra, desenha um «roteiro da ternura», um «roteiro da misericórdia».

---

<sup>70</sup> Cf. J. CARREIRA DAS NEVES, *Evangelhos Sinópticos*, 335.

<sup>71</sup> R. A. MONASTERIO – A. R. CARMONA, *op. cit.*, 391.

<sup>72</sup> Cf. F. R. DARDER, *op. cit.*, 30.

<sup>73</sup> *Ibid.*, 31.

<i>Iter misericordiae na narração lucana</i> <sup>74</sup>	
<i>Qual é o rosto do Deus da misericórdia?</i>	Parábola da ovelha perdida (Lc 15, 1-7) Parábola da dracma perdida (Lc 15, 8-10) Parábola do filho pródigo (Lc 15, 11-32)
<i>Como age o Deus da misericórdia?</i>	<b>Zaqueu (Lc 19, 1-10)</b> Purificação dos dez leprosos (Lc 17, 11-19)
<i>Onde me posso encontrar com o Deus da misericórdia?</i>	Parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37) Os discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35)
<i>Com que atitudes percebo o Deus da misericórdia?</i>	O fariseu e o publicano (Lc 18, 9-14) O bom ladrão (23, 32-47)
<i>Onde me leva o encontro com o Deus da misericórdia?</i>	A sinagoga de Nazaré (Lc 4, 14-22) Maria de Nazaré (Lc 1-2)

Na história exemplar de Zaqueu encontra-se, com grande veemência, um concentrado, «como um germen vivo, o melhor da teologia do terceiro Evangelho»<sup>75</sup>. Para salientar o mesmo vínculo, devemos ressaltar alguns conceitos comuns que acabam por evidenciar a condição de necessária relação como um jogo de alternâncias, apoiando-se comumente, numa iluminação recíproca. As palavras mais ricas e fecundas do relato de Zaqueu, tal como aparecem em todo o Evangelho de Lucas, são: «rico» (πλούσιος); «salvação» (σωτηρία); «perdido» (ἀπολωλός); «é necessário» (δεῖ); «hoje» (σήμερον). Os grandes temas teológicos lucanos encontram-se espelhados nestes mesmos vocábulos, usados, também, no relato do cobrador de impostos/publicano<sup>76</sup>. Embora tenhamos elencado outros termos que, no coração de Lc 19, 1-10 (Zaqueu), são a essência da teologia lucana, iremos, no ponto que se segue, dar especial realce ao «perdido» (ἀπολωλός), pelo seu valor e interesse hermenêutico.

<sup>74</sup> Este itinerário foi alinhavado tendo por base a obra de F. R. DARDER, *op. cit.*

<sup>75</sup> F. C. MOLINA, «El Relato de Zaqueo en el Evangelio de Lucas», in *Communio* 21 (1988), 3.

<sup>76</sup> «O relato de Zaqueu, contemplado desde as suas ramificações e as suas nuances múltiplas, aparece como concentração teológica do terceiro Evangelho» (*Ibid.*, 23). Estas palavras aparecem inúmeras vezes no terceiro Evangelho: «Rico» (Lc 6, 24; 12, 16; 14, 12; 16, 1.19.21.22; 18, 23. 25; 19, 2); «Salvação» (Lc 1, 69; 1, 71; 1, 77; 19, 10); «Perdido» (Lc 15, 6. 9. 24; 19, 10); «É necessário» (Lc 2, 49; 4, 43; 9, 22; 11, 42; 12, 12; 13, 14.16.33; 15, 32; 18, 1; 19, 5; 21, 9; 22, 7; 22, 37; 24, 7.26.44); «Hoje» (Lc 2, 11; 4, 21; 5, 26; 19, 9; 23, 43).

### 3.2 Zaqueu na proximidade dos perdidos e encontrados (Lc 15, 1-32)

Efectivamente, o conceito «perdido» (ἀπολωλός) é tipicamente lucano<sup>77</sup>. Não obstante outros exemplos, o uso mais frequente desta palavra acontece em Lc 15 que se pode estruturar em correspondência com o uso deste participio, em três parábolas distintas: a da ovelha perdida (Lc 15, 1-7); a da dracma perdida (Lc 15, 8-10); e a do filho perdido (Lc 15, 11-32). Deve realçar-se que estamos perante a forma gramatical de um participio perfeito, indicando uma acção do passado, mas cujos efeitos perduram no presente.

<b>Lc 15, 6</b> <i>ἀπολωλός</i>	«Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha <i>perdida</i> ».	Descreve o estado do homem quando está perdido e que, sem Deus, uma vez extraviado, fica nesta situação sem perspectivas de ser encontrado <sup>78</sup> .
<b>Lc 15, 9</b> <i>ἀπώλεσα</i>	«Alegrai-vos comigo, porque encontrei a dracma <i>perdida</i> ».	
<b>Lc 15, 24</b> <i>ἀπολωλός</i>	«(...) porque este meu filho estava morto e reviveu, <i>estava perdido</i> e foi encontrado».	
<b>Lc 19, 10</b> <i>ἀπολωλός</i>	«Portanto, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que <i>estava perdido</i> ».	Jesus é descrito como o pastor (filho do Homem) que vem salvar o que estava irremediavelmente perdido <sup>79</sup> .

Entre as três parábolas referidas há uma progressão e a uni-las está o vector da misericórdia divina.

No primeiro texto, da ovelha perdida, o verbo «perder» aparece como consequência directa de um acidente, efemeridade, queda ou ataque de uma fera. Curiosamente, Lucas emprega apenas uma palavra para expressar a condição de «perdida», mas muitas para descrever o resgate, salientando dois pormenores fulcrais: o pastor «abandona» o que estava a

<sup>77</sup> Cf. F. C. MOLINA, *art. cit.*, 31.

<sup>78</sup> Cf. H. HAHN, «Perder», in L. COENEN – E. BEYREUTHER – H. BIETENHARD, *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*, III, 334.

<sup>79</sup> Cf. *Ibid.*

fazer (naquele preciso momento) e, imediatamente, concentra-se na tarefa urgente que tem a fazer, sem nunca procurar descanso<sup>80</sup>.

Assim como no relato de Zaqueu, esta «perdida» é buscada e logo encontrada; tal como no episódio de Zaqueu, no da ovelha perdida, é o pastor que promove o encontro. O valor do perdido é determinante pela forma e modo daquele que procura: a ovelha passiva converte-se em activa (uma vez que o pecador deve converter-se, arrependendo-se); a ovelha perdida é a que dá sentido ao destino de todo o rebanho, deixando a esmagadora maioria em risco iminente de perda.

Ao encontrar a ovelha tresmalhada, o pastor alegra-se e convoca os seus amigos e parentes para serem solícitos na partilha da sua alegria. Esta imagem, usada no terceiro Evangelho, «tem como principal objectivo traduzir a alegria existente no céu por um só pecador que se arrependa»<sup>81</sup>.

À semelhança da perícope do cobrador de impostos, todas as parábolas têm um ambiente bem definido: os ouvintes que estão presentes, publicanos e pecadores; e um outro grupo que murmura (Lc 15, 2), formado pelos fariseus e escribas<sup>82</sup>. Jesus explica o seu ministério em favor dos pecadores, hospedando-se em casa de Zaqueu, na sua companhia, e ilustrando o amor de Deus pelos perdidos. Como herdeiro do Reino, o Salvador apresenta-se como Aquele que «busca os que estão perdidos e preocupando-se, ao mesmo tempo, com os outros que se imaginam tão a salvo, na defesa»<sup>83</sup>.

De resto, a linguagem parabólica evidencia um sujeito indeterminado, na medida em que cada um é convidado a tomar o lugar da «ovelha perdida», caso se encontre no mesmo estado de espírito. O mesmo é dizer que a existência de um participio acoplado ao artigo adquire a força de um substantivo, ressaltando-se o anonimato. Podemos quase afirmar que ἀπολωλός se concretiza como um personagem, um *typos* do terceiro Evangelho.

---

<sup>80</sup> Cf. F. BOVON, *El Evangelio según San Lucas, III (Lc 15, 1 – 19, 27)*, 41.

<sup>81</sup> F. C. MOLINA, *art. cit.*, 32.

<sup>82</sup> Cf. J. SCHMID, *op. cit.*, 360.

<sup>83</sup> F. C. MOLINA, *art. cit.*, 33.

Tal como Zaqueu, o estatuto de perdido deve-se ao próprio sujeito, na medida que foi ele quem tomou a iniciativa de se desviar do caminho. Esta condição de perdido sintoniza um estado precário, uma espécie de morte simbólica<sup>84</sup>. Assim, tal não fica a dever-se a um descuido do pastor, mas à principal característica do homem, a liberdade.

Com a parábola da dracma perdida, podemos realçar a existência de um recurso pedagógico, muito ao estilo de Lucas<sup>85</sup>, que consiste em agrupar duas parábolas, de modo paralelo, e muito semelhantes, com o intuito de corroborar algum ensinamento anteriormente exposto. Porém, podemos observar duas substanciais diferenças: «acontece uma alteração dos protagonistas e dos objectos em questão: uma mulher pobre e dez moedas»<sup>86</sup> e uma diferença gramatical entre os textos, uma vez que no texto da dracma perdida aparece uma oração relativa com o verbo no aoristo, querendo indicar que o facto da dracma se ter perdido é responsabilidade da mulher<sup>87</sup>.

Para completar o capítulo da misericórdia, é incontornável falar do texto do filho perdido ou, como é mais conhecido, do filho pródigo ou do pai misericordioso, como a exegese actual problematiza. Nesta perícope, Lc 15, 11-32, devemos ter em atenção os três principais personagens: o filho mais velho, o filho mais novo e o pai. Inerente à imagem do filho mais velho está o comportamento do ideal religioso dos fariseus e o grupo dos escribas (sem a mínima transgressão de um só mandamento), ouvintes assíduos destas parábolas. «Esta observância detalhada e obsessiva provoca um orgulho religioso que se manifesta num trato depreciativo. De facto, o filho mais velho não conhece o irmão, despreza-o como um estranho»<sup>88</sup>.

O filho mais novo, personagem que se encontra numa situação extrema, quase perdendo a dignidade humana, sobrevivendo a par e par com os animais mais impuros, prefigura a

---

<sup>84</sup> Cf. J. T. MENDONÇA, *op. cit.*, 220.

<sup>85</sup> Cf. F. C. MOLINA, *art. cit.*, 33.

<sup>86</sup> J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, III. Traducción y comentario (capítulos 8, 22 – 18, 14)*, 664.

<sup>87</sup> Cf. M. ZERWICK – M. GROSVENOR, *Análisis Gramatical del Griego del Nuevo Testamento*, 290.

<sup>88</sup> F. C. MOLINA, *art. cit.*, 35.

imagem do «perdido por excelência». Deve ressaltar-se, neste âmbito, que Lucas elenca gradativamente os diversos comportamentos e sucessivas consequências para o personagem, com o intuito de os contrastar com a ternura do amor do pai. O texto sofre uma mudança radical e abandona a fria descrição dos factos precedentes, para introduzir um monólogo que faz o «perdido» encontrar-se<sup>89</sup>. Rapidamente, pensa na casa do pai, lugar de salvação, implorando a condição de servo para voltar «a ter pão».

Por conseguinte, a figura paternal, acolhedora, misericordiosa e com grande coração, agarra e cobre de beijos o regressado. Rapidamente devolve-lhe a dignidade de filho, vestindo-o com a túnica mais bela, colocando-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Manda matar o vitelo gordo e alegra-se com o seu regresso.

Tendo presentes estes elementos, podemos realçar diversas correspondências entre estas parábolas da misericórdia e a perícopes de Zaqueu. Desde logo, aparece uma expressão análoga entre elas: «Portanto, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido» (Lc 19, 10). «Não se trata de uma parábola ou uma retórica mas de um texto de salvação»<sup>90</sup>. Na pessoa de Zaqueu, acontece a plenitude da mensagem presente nos textos acima referidos, a palavra que se faz realidade salvífica. Jesus manifesta-se, segundo a passagem do chefe dos cobradores de impostos, como a encarnação visível e operante do amor de Deus que busca o «perdido», a conversão dos publicanos e reabilita as pessoas colocadas à margem pela sociedade vigente. «O relato de Zaqueu mostra-se como o ponto culminante do processo dialéctico em todo o Evangelho de Lucas»<sup>91</sup>.

Em suma, tal como vimos, podemos alinhar a existência de um progresso claro. Em primeiro lugar, em Lc 15, enquanto Jesus deixa que os pecadores venham ter com ele, em Lc 19, é ele mesmo que se faz convidado para casa de um pecador bem conhecido. Em segundo lugar, em Lc 15, somente os fariseus e os escribas é que murmuram, já em Lc 19,

---

<sup>89</sup> Cf. I. G. ACEBO, *op. cit.*, 434.

<sup>90</sup> F. C. MOLINA, *art. cit.*, 35.

<sup>91</sup> *Ibid.*, 36.

todas as pessoas presentes o fazem, independentemente do grupo religioso a que pertencem. Em terceiro lugar, em Lc 15, num relato fictício, um jovem encontra a dignidade de filho, ao passo que, em Lc 19, é da boca de Jesus que Zaqueu ouve dizer a seu respeito que é filho de Abraão<sup>92</sup>.

Efectivamente, não há dúvida que as parábolas de Lc 15 preparam o episódio do encontro entre Jesus e Zaqueu, que sublinha, caso fosse preciso, o modo como o ministério de Jesus coloca em acção o desígnio misericordioso de Deus (procurar e salvar o que estava perdido; recobrar a dignidade de filhos; acolher os pecadores).

### 3.3 O imediato da perícopes

A relação entre perícopes baliza-se pela presença de factores espaço-temporais e temáticos e o uso comum que deles fazem. Assim sendo, a sequência narrativa em estudo aparece, por um lado, precedida, mais proximamente, pelas perícopes do homem rico (Lc 18, 18-30) e da cura do cego de Jericó (Lc 18, 35-43), e, por outro, procedida pela parábola do rendimento dos dons (Lc 19, 11-27). Efectivamente, para que um texto possua identidade própria, torna-se necessário identificar e enumerar os indicadores comuns e proceder à relação/articulação entre os mesmos, como faremos de seguida.

<i>Lc 18, 18-30</i>	<i>Lc 18, 35-43</i>	<i>Lc 19, 11-27</i>
<sup>18</sup> Certo chefe perguntou-lhe, então: «Bom Mestre, que hei-de fazer para alcançar a vida eterna?» <sup>19</sup> Respondeu-lhe Jesus: «Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus. <sup>20</sup> Tu sabes os mandamentos: Não cometerás adultério, não matarás, não	<sup>35</sup> Quando se aproximavam de Jericó, estava um cego sentado a pedir esmola à beira do caminho. <sup>36</sup> Ouvindo a multidão que passava, perguntou o que era aquilo. <sup>37</sup> Disseram-lhe que era Jesus de Nazaré que ia a passar. <sup>38</sup> Então,	<sup>11</sup> Estando eles a ouvir estas coisas, Jesus acrescentou uma parábola, por estar perto de Jerusalém e por eles pensarem que o Reino de Deus ia manifestar-se imediatamente. <sup>12</sup> Disse, pois:«Um homem nobre partiu para uma região longínqua, a fim de tomar posse de um reino e em seguida voltar.

<sup>92</sup> Cf. J. -N. ALETTI, *Il racconto come teologia. Studio Narrativo del Terzo Vangelo e del libro degli Atti degli Apostoli*, 181-217.

<p>roubarás, não levantarás falso testemunho; honra teu pai e tua mãe». <sup>21</sup>Ele retorquiu: «Tudo isso tenho cumprido desde a minha juventude».</p> <p><sup>22</sup>Ouvindo isto, Jesus disse-lhe: «Ainda te falta uma coisa: vende tudo o que tens, distribui o dinheiro pelos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-me».</p> <p><sup>23</sup>Quando isto ouviu, ele entristeceu-se, pois era muito rico. <sup>24</sup>Vendo-o assim, Jesus exclamou: «Como é difícil para os que têm riquezas entrar no Reino de Deus!</p> <p><sup>25</sup>Sim, é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!» <sup>26</sup>Os que o ouviram disseram: «Então, quem pode salvar-se?»</p> <p><sup>27</sup>Jesus respondeu: «O que é impossível aos homens é possível a Deus».</p> <p><sup>28</sup>Disse-lhe Pedro: «Nós deixámos os próprios bens e seguimos-te».</p> <p><sup>29</sup>Ele disse-lhes: «Em verdade vos digo: Não há ninguém que tenha deixado casa, mulher, irmãos, pais ou filhos, por causa do Reino de Deus,</p> <p><sup>30</sup>que não receba muito mais no tempo presente e, no tempo que há-de vir, a vida eterna».</p>	<p>bradou: «Jesus, Filho de David, tem misericórdia de mim!» <sup>39</sup>Os que iam à frente repreendiam-no, para que se calasse. Mas ele gritava cada vez mais: «Filho de David, tem misericórdia de mim!»</p> <p><sup>40</sup>Jesus parou e mandou que lho trouxessem. Quando o cego se aproximou, perguntou-lhe: <sup>41</sup>«Que queres que te faça?» Respondeu: «Senhor, que eu veja!»</p> <p><sup>42</sup>Jesus disse-lhe: «Vê. A tua fé te salvou».</p> <p><sup>43</sup>Naquele mesmo instante, recobrou a vista e seguia-o, glorificando a Deus. E todo o povo, ao ver isto, deu louvores a Deus.</p>	<p><sup>13</sup>Chamando dez dos seus servos, entregou-lhes dez minas e disse-lhes: «Fazei render a mina até que eu volte». <sup>14</sup>Mas os seus concidadãos odiavam-no e enviaram uma embaixada atrás dele, para dizer: «Não queremos que ele seja nosso rei». <sup>15</sup>Quando voltou, depois de tomar posse do reino, mandou chamar os servos a quem entregara o dinheiro, para saber o que tinha ganho cada um deles. <sup>16</sup>O primeiro apresentou-se e disse: «Senhor, a tua mina rendeu dez minas». <sup>17</sup>Respondeu-lhe: «Muito bem, bom servo; já que foste fiel no pouco, receberás o governo de dez cidades».</p> <p><sup>18</sup>O segundo veio e disse: «Senhor, a tua mina rendeu cinco minas». <sup>19</sup>Respondeu igualmente a este: «Recebe, também tu, o governo de cinco cidades».</p> <p><sup>20</sup>Veio outro e disse: «Senhor, aqui tens a tua mina que eu tinha guardado num lenço, <sup>21</sup>pois tinha medo de ti, que és homem severo, levantas o que não depositaste e colhes o que não semeaste».</p> <p><sup>22</sup>Disse-lhe ele: «Pela tua própria boca te condeno, mau servo! Sabias que sou um homem severo, que levanto o que não depositei e colho o que não semeiei; <sup>23</sup>então, porque não entregaste o meu dinheiro ao banco? Ao regressar, tê-lo-ia recuperado com juros».</p> <p><sup>24</sup>E disse aos presentes: «Tirai-lhe a mina e dai-a ao que tem dez minas».</p> <p><sup>25</sup>Responderam-lhe: «Senhor, ele já tem dez minas!»</p> <p><sup>26</sup>Digo-vos Eu: A todo aquele que tem, há-de ser dado, mas àquele que não tem, mesmo aquilo que tem lhe será tirado. <sup>27</sup>Quanto a esses meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trouxe-os cá e degolai-os na minha presença».</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Em primeiro lugar, importa relacionar Zaqueu com o homem rico (Lc 18, 18-30). Os personagens compartilham uma condição social alta e muito prestigiada, apesar do rico ser designado de modo indefinido (τις αὐτὸν ἄρχων), enquanto Zaqueu aparece como um personagem bem real e definido (ἀρχιτελώνης καὶ αὐτὸς πλούσιος)<sup>93</sup>. Porém, há outras diferenças. Este homem rico não aceita distribuir os seus bens pelos pobres e, quando desafiado por Jesus, entristece-se e sai pesaroso. Adversamente, Zaqueu acolhe Jesus com alegria e devolve «quatro vezes mais» (Lc 19, 8) a quem extorquiou. Por conseguinte, a pergunta presente em Lc 18, 26b («Então, quem pode salvar-se?») encontra resposta na perícopie do publicano, em Lc 19, 9-10 («Então, Jesus disse-lhe: “Hoje aconteceu a salvação nesta casa pois ele é também filho de Abraão; portanto, o Filho do Homem buscar e salvar o que estava perdido”»).

Do que vem sendo exposto, podemos concluir que a relação existente entre os relatos é de necessidade. Tal como uma pergunta precisa de uma resposta, assim aparecem encadeados estes dois textos<sup>94</sup>.

Em segundo lugar, urge reflectir sobre a conexão existente entre o cego de Jericó e Zaqueu, uma vez que «os relatos são paralelos e contíguos, e cuja leitura deve fazer-se em impressão sobreposta»<sup>95</sup>.

---

<sup>93</sup> Cf. M. ZERWICK – M. GROSVENOR, *op. cit.*, 304. O homem nobre é adjectivado como muito rico (Lc 18, 23: πλούσιος σφόδρα) enquanto que Zaqueu é apenas apelidado de rico (Lc 19, 2: πλούσιος).

<sup>94</sup> Cf. R. DILLMANN – C. A. PAZ, *Comentario al Evangelio de Lucas. Un comentario para la actividade pastoral*, 405-406.

<sup>95</sup> F. C. MOLINA, *art. cit.*, 14.

Desta leitura resultam semelhanças e diferenças que, a seguir, assinalamos:

<i>Semelhanças</i>	
<b>Cego de Jericó</b> <b>Lc 18, 35-43</b>	<b>Zaqueu</b> <b>Lc 19, 1-10</b>
Entrada de Jericó (v. 35)	Atravessava (v. 1)
Cegueira (física) Bradou por misericórdia	Cegueira (espiritual) E queria ver Jesus, aquele que é, e não podia (v. 3)
Título Cristológico: <i>Kyrie</i> (v. 41)	Título Cristológico: <i>Kyrion</i> (v. 8)
«Vê. A tua fé te salvou» (v. 42)	«Hoje aconteceu a salvação nesta casa pois ele é também filho de Abraão» (v. 9)
É Jesus que origina o diálogo (v. 40)	É Zaqueu quem se coloca à frente, mas é Jesus que toma a iniciativa e promove o diálogo (v. 9)
<i>Diferenças</i>	
<b>Cego de Jericó</b> <b>Lc 18, 35-43</b>	<b>Zaqueu</b> <b>Lc 19, 1-10</b>
Alguém desconhecido, sem nome	Personagem concreta e definida
Aspiração genérica e imprecisa: desejava ver quem era Aquele (v. 36)	Aspiração concreta e pessoal: desejava ver quem era realmente Jesus (v. 3)
É o cego que, recuperada a visão, vê Jesus (v. 43)	É Jesus quem vê Zaqueu (v. 5)

Desde logo, os relatos assemelham-se: tal como homem de baixa estatura, o cego é curado na cidade de Jericó. Porém, devemos realçar que o primeiro é «encontrado» por Jesus, enquanto este «começava a atravessar», e o segundo é curado à entrada da cidade, local onde mendigava. Ambos sofrem de cegueira (física ou espiritual), e reconhecem Jesus como Senhor, fazendo uma profissão de fé. Nos dois relatos, o título cristológico aparece quase no

desenlace final, pois os dois fazem o mesmo caminho: desde uma cegueira ou incapacidade para ver Jesus até reconhecê-lo e confessá-lo como Senhor<sup>96</sup>.

Daqui avulta uma questão externa aos personagens, um contraste. No relato do cego, é Jesus quem dá origem ao diálogo: «Jesus parou e mandou que lho trouxessem» (Lc 18, 40). Por seu turno, no texto de Zaqueu, é ele mesmo que promove um primeiro movimento: «E correndo mais adiante, subiu a um sicómoro para que o visse, porque Ele estava para passar por ali» (Lc 19, 4). Enquanto no relato do cobrador de impostos é Jesus que vê Zaqueu, no outro é o cego que, mal recupera a vista, vê Jesus<sup>97</sup>. Não obstante, mesmo que Zaqueu tenha corrido mais adiante, como relata o texto, devemos salientar que a iniciativa foi de Jesus, quando provoca o diálogo.

Sabemos que a viagem de Jesus até Jerusalém é também uma oportunidade de descoberta quer da própria identidade de Jesus, quer da identidade dos discípulos. O relato do cego de Jericó, segundo Lucas, pretende ajudar a concretizar estes dois aspectos acima enunciados.

Jesus vem abrir os olhos aos cegos (cf. Lc 4, 18c). Na linguagem do NT, ter os olhos abertos significa ter luz e acreditar<sup>98</sup>. «O curado apresenta-se como o verdadeiro discípulo, que vê Jesus, tem fé n'Ele e o segue no caminho rumo a Jerusalém»<sup>99</sup>.

Em terceiro lugar, e imediatamente a seguir ao texto de Zaqueu, aparece a perícopé da parábola das minas (cf. 19, 11-27). Os destinatários deste texto são os ouvintes que murmuraram aquando da entrada em casa de Zaqueu e que escutaram as palavras salvadoras de Jesus. Assim, podemos afirmar que existe uma coincidência de temas entre os dois textos: a salvação, a actividade dos companheiros e a viagem do herói<sup>100</sup>. Através do exemplo de Zaqueu, Jesus incita ao bom uso dos bens recebidos. Mais ainda, o texto torna muito presente

---

<sup>96</sup> Cf. R. MEYNET, *Il Vangelo secondo Luca. Analisi Retorica*, 673.

<sup>97</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, IV. Traducción y comentario (capítulos 8, 22 – 18, 14)*, 50.

<sup>98</sup> Cf. K. DAHN, «Ver», in L. COENEN – E. BEYREUTHER – H. BIETENHARD, *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento, IV*, 330.

<sup>99</sup> F. C. MOLINA, *art. cit.*, 16.

<sup>100</sup> Cf. F. BOVON, *El Evangelio según San Lucas, III (Lc 15, 1 – 19, 27)*, 351.

qual o verdadeiro lugar de Jesus Cristo no plano de Deus, assim como a responsabilidade de cada fiel perante Cristo e a sua missão.

Tendo presentes estes elementos, podemos concluir que existe, entre os quatro relatos, uma sequência narrativa, pois configuram uma série de micro-relatos<sup>101</sup> articulados entre si por um tema unificador: misericórdia para com os perdidos<sup>102</sup>.

#### 4. Estrutura e orgânica do texto

A estrutura, em qualquer obra literária, tem uma pertinência incontornável, uma vez que é o conjunto das conexões existentes entre as partes constituintes do sistema que completam a mensagem que o evangelista, neste caso, quer perpetuar. Porém, o esquema estrutural de um texto não se obtém confrontando o texto com normas pré-concebidas e inalteráveis, mas deve emergir do próprio texto.

Para que haja relato, é necessário uma história. A estrutura desta é a sua trama (coração do que constitui o relato que enlaça as diversas peripécias do mesmo e as organiza numa história contínua)<sup>103</sup>.

##### 4.1 Estrutura dramática

Esta breve narração está bem estruturada. Se a lermos como uma trama de resolução, «cuja “ação transformadora” opera no plano programático (cura ou mudança de vida)»<sup>104</sup>, podemos reconhecer a existência de um esquema quinário<sup>105</sup>, onde os sujeitos passam de um

---

<sup>101</sup> Entidade narrativa mínima, que apresenta um episódio narrativo cuja unidade se pode determinar mediante indicadores de limitação.

<sup>102</sup> Cf. D. MARGUERAT – Y. BOURQUIN, *Cómo leer los Relatos Bíblicos. Iniciación al análisis narrativo*, 58.

<sup>103</sup> Cf. *Ibid.*, 67. Iremos propor uma estrutura assente no esquema quinário, proposto neste estudo. Não obstante, enunciamos as referências de duas propostas de delimitação interna desta perícopa, segundo pontos de vistas diferentes: F. BOVON, *El Evangelio según San Lucas, III (Lc 15, 1 – 19, 27)*, 331 (conferindo um relevo central à multidão); R. MEYNET, *op. cit.*, 672 (análise retórica do Evangelho de Lucas).

<sup>104</sup> D. MARGUERAT – Y. BOURQUIN, *op. cit.*, 92.

<sup>105</sup> Modelo estrutural que decompõe a trama do relato em cinco momentos sucessivos.

estado (*situação inicial*) a outro (*situação final*), após uma alteração (*acção transformadora*) provocada (*nó*) e desvelada (*desenlace*)<sup>106</sup>, como se pode ver na tabela seguinte:

1. <i>Situação inicial</i>	- vv. 1-2
2. <i>Nó</i>	- vv. 3-4
3. <i>Acção transformadora</i>	- vv. 5-7
4. <i>Desenlace</i>	- v. 8
5. <i>Situação Final</i>	- vv. 9-10

#### 4.1.1 *Situação inicial* (vv. 1-2)

Nestes versículos, Lucas introduz a perícope dando relevo às circunstâncias da acção e assinalando a existência de personagens específicas. Ambos os versículos (vv. 1-2a) terminam com um nome próprio: Jesus, localizando-o em Jericó; e Zaqueu, enumerando características fulcrais para o conhecimento do personagem, desconhecido até ao momento. Estes dados são essenciais para que o leitor compreenda a situação do relato.

#### 4.1.2 *Nó* (vv. 3-4)

O nó constitui o início da acção<sup>107</sup>. Tal como verificamos nesta perícope, é aqui enunciado, por um lado, o desejo de «ver Jesus» e, por outro, uma dificuldade inerente à questão física do personagem: baixa estatura.

Com a expressão προδραμὸν εἰς τὸ ἔμπροσθεν ( «correndo mais adiante» [v. 4]), podemos concluir que esta história vive um momento de tensão dramática, no qual Zaqueu, por sua iniciativa, oferece a razão da sua acção, traduzida na subida ao sicómoro:

<sup>106</sup> Cf. J. A. CORREIA, *op. cit.*, 68.

<sup>107</sup> Cf. C. LANGNER, *Evangelio de Lucas – Hechos de los Apóstoles*, 207.

finalidade, ver Jesus; causa, porque ele devia passar por ali<sup>108</sup>. Assim, podemos concluir que estes dois versículos são o momento desencadeador do relato.

#### 4.1.3 Acção transformadora (vv. 5-7)

Chegamos à parte central da trama de resolução. As diversas dificuldades anteriormente elencadas são agora desfeitas, havendo uma «clara mudança da situação inicial, no plano programático (acção)»<sup>109</sup>.

A velocidade e a densidade narrativas preparam o desenlace. Semelhante ao modo da descida de Zaqueu, podemos ressaltar que o uso sistemático da locução copulativa «e» (καί)<sup>110</sup> tem como objectivo unir os sucessivos acontecimentos que vão culminar no diálogo entre Zaqueu e Jesus (cf. Lc 19, 8).

Por conseguinte, este instante fica também marcado por um «embate de olhares», «de cima para baixo, de baixo para cima, de igual para igual – e olhares de várias qualidades, de curiosidade, de indignação, de censura, de misericórdia, de solidariedade»<sup>111</sup>, onde todos os personagens têm algo a «ver» constituindo, efectivamente, todos estes olhares o mote para um ponto de viragem na sequência narrativa.

É, fundamentalmente, a partir das acções de Jesus que a passagem em análise sofre uma abrupta transformação: por um lado, na reacção positiva de Zaqueu (alegria); e, por outro, na reacção negativa da multidão (murmúrio). O estado de euforia de Zaqueu encontra a sua causa num pormenor do texto que não pode, de modo algum, passar despercebido ao leitor: «hoje é necessário eu permanecer em tua casa» (σήμερον γὰρ ἐν τῷ οἴκῳ σου δεῖ με μείναι). Realmente, é um dos principais ângulos de desenvolvimento do discurso, não só por se

---

<sup>108</sup> Cf. F. C. MOLINA, *art. cit.*, 17.

<sup>109</sup> D. MARGUERAT – Y. BOURQUIN, *op. cit.*, 72.

<sup>110</sup> Cf. G. NOLLI, *Evangelo secondo Luca*, 819-821.

<sup>111</sup> J. VITÓRIO, «“E procurava ver quem era Jesus”: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10», in *Perspectiva Teológica* 19 (1987), 9.

encontrar no centro da perícopé (Lc 19, 5), mas também pelo efeito que vai originar no momento procedente do desenlace e situação final.

#### 4.1.4 *Desenlace (v. 8)*

O v. 8 assinala o quarto ponto desta estrutura quiástica, o desenlace: «Erguendo-se, então, Zaqueu disse ao Senhor: “Vê quantas partes dos meus pertences dou, ó Senhor, aos pobres, e se extorqui algo a alguém, devolvo quatro vezes mais”». Encontramos aqui a solução do problema enunciado nos vv. 3-4: Zaqueu, colocando-se de pé, reconhece Jesus e concretiza o seu desejo de o ver<sup>112</sup>. Diante da multidão, «erguendo-se», Zaqueu defende-se e reconhece a autoridade a Jesus, por meio do nome *Senhor*<sup>113</sup>.

As palavras do arrependido espelham grande generosidade. Ele reparte metade dos seus bens pelos pobres e restitui quatro vezes mais a quem defraudou – uma cláusula «20% superior à prevista pelos judeus»<sup>114</sup>, mostrando-se adverso às riquezas.

O momento do desenlace é fulcral no processo narrativo. Doravante, toda a história segue um rumo imprevisto pela Lei judaica, por um lado, e Jesus demonstra, por outro, aos seus discípulos, que a verdadeira misericórdia passa sempre pelo perdão perante os marginalizados, como se evidencia na situação final.

#### 4.1.5 *Situação final (vv. 9-10)*

A «pedra de toque» entre estes versículos e os precedentes está na pessoa de Jesus. Realmente, o v. 9 consolida a inversão da situação inicial da perícopé. Zaqueu, que apenas

---

<sup>112</sup> Cf. A. A. JUST, *Evangelio según San Lucas. La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la Época Patristica*, 392.

<sup>113</sup> Cf. D. HAMM, «Luke 19:8 once again: Does Zacchaeus defend or resolve?», in *Journal of Biblical Literature* 107/3 (1988), 432.

<sup>114</sup> I. G. ACEBO, *op. cit.*, 507.

«procurava ver», recebe muito mais do que esperava<sup>115</sup>. Estes versículos outorgam a reintegração de Zaqueu na comunidade dos filhos de Abraão.

Os diversos movimentos dos personagens (troca de olhares, murmúrios e procuras), o carácter soteriológico no Evangelho de Lucas e a imagem de Jesus como «o filho do Homem» que vem salvar o que estava perdido são os temas que conhecem, nestes dois versículos, respostas consistentes e caminhos promissores para a misericórdia entre os marginalizados.

#### 4.2 Espaço e tempo

Dentro da orgânica textual, o espaço e o tempo assumem particular relevo nas narrativas, uma vez que «a acção das personagens, no interior da história contada, desenvolve-se dentro de um quadro determinado»<sup>116</sup>. Embora apareçam, muitas vezes, articulados entre si nesta perícopes, apresentamo-los de modo individual, em prol de uma maior compreensão por parte do leitor. Efectivamente, apresentamos apenas alguns aspectos fulcrais, pertinentes para o estudo dos capítulos posteriores.

##### 4.2.1 Espaços

Nesta perícopes, o espaço real confina-se a Jericó (v. 1), cidade situada entre as regiões da Judeia e da Pereia. Tal como acima referimos, era, no contexto do NT, uma cidade de grande hegemonia militar e financeira, «próspera e aberta»<sup>117</sup>.

O episódio precedente – relato do cego de Jericó – pressupõe que nos situamos no mesmo local físico. Porém, no relato de Lc 18, 35-43, Jesus cruza-se com o cego à entrada da cidade; na perícopes de Lc 19, 1-10, Jesus Cristo «viu» Zaqueu enquanto «começava a atravessar Jericó» (καὶ εἰσελθὼν διήρχετο τὴν Ἰεριχά.).

---

<sup>115</sup> Cf. I. G. ACEBO, *op. cit.*, 506.

<sup>116</sup> D. MARGUERAT – Y. BOURQUIN, *op. cit.*, 127.

<sup>117</sup> F. C. MOLINA, *art. cit.*, 5.

Realmente, o encontro acontece junto de um sicómoro (v. 4). «O termo *sycomorea* refere-se ao *figus sycomorus*, que só aparece neste lugar do NT»<sup>118</sup>. São muitas as semelhanças com a figueira, de tronco amplo e com ramos laterais fortes, fulcrais na subida de Zaqueu.

O advérbio de lugar ἔμπροσθεν (v. 4) aparece no terceiro Evangelho, como locução de lugar, apenas na presente perícopa. O facto de aparecer a seguir ao verbo indica a preocupação do narrador em reforçar a ideia precedente, através de um pleonismo.

No v. 5a, o terceiro evangelista realça que Jesus «quando chegou ao lugar» (καὶ ὡς ἦλθεν ἐπὶ τὸν τόπον), olhou para cima e chamou Zaqueu. O termo «lugar» está precedido de um artigo definido<sup>119</sup>, assinalando a existência de um lugar específico<sup>120</sup>.

Na narrativa de Lc 19, 1-10, é indispensável um comentário sobre o lugar da salvação: οἶκος (vv. 5b. 9). «Casa», neste contexto, não significa só o edifício, mas também toda a família de Zaqueu. Ao hospedar-se em sua casa, Jesus tem como intenção promover uma solidariedade provocadora: visitar alguém na sua casa – a imagem da casa simboliza a fronteira que cada um traça entre a vida pública e a esfera privada – equivale a reconhecer uma pertença comum<sup>121</sup>. Porém, a continuação do relato Lc 19, 8-10 faz aparecer outras dimensões: Jesus abandona o espaço público, e entra na esfera do privado. Neste último, resultam acontecimentos que terão consequências novamente no espaço público – «ao abandonar o espaço público para dirigir-se para o interior, na esfera da vida privada, Jesus cria a possibilidade de uma mudança espiritual que se espelha, imediatamente, numa transformação do comportamento social»<sup>122</sup>.

---

<sup>118</sup> I. G. ACEBO, *op. cit.*, 505.

<sup>119</sup> Cf. G. NOLLI, *op. cit.*, 819.

<sup>120</sup> Cf. J. RIUS-CAMPS, *op. cit.*, 286.

<sup>121</sup> Cf. F. VOUGA, *Evangelio y vida cotidiana*, 175-179.

<sup>122</sup> *Ibid.*, 179.

#### 4.2.2 Marcas da temporalidade

A questão do tempo literário é de absoluta pertinência para uma análise da orgânica do texto, uma vez que este é «fruto de uma sucessão de acções relacionadas entre si e ligadas por uma sucessão temporal»<sup>123</sup>. Por um lado, informa-nos sobre o momento em que se desenvolve a acção e sobre a duração da mesma e, por outro, concretiza o género de tempo no interior do qual tem lugar a acção<sup>124</sup>.

Efectivamente, nesta perícopa, «o tempo de narrar e o tempo narrado»<sup>125</sup> são muito breves. Contudo, devemos salientar as diversas marcas de temporalidade (preposições, advérbios, expressões temporais e tempos verbais) que contribuem para indicar a forma como o narrador organiza o tempo, ao serviço da transmissão da mensagem específica: «os actos de misericórdia» de Jesus perante Zaqueu e a multidão. No quadro seguinte, apresentamos as marcas de temporalidade usadas na perícopa em estudo.

– v. 1	διήρχετο	«Atravessava»
– v. 3	ἐζήτει	«Procurava ver»
– v. 3	ἦν	«Era»
– v. 4	ἤμελλεν	«Estava para passar»
– v. 5	ὡς	«Quando»
– vv. 5.9	σήμερον	«Hoje»
– v. 7	διεγόγγυζον	«E vendo isto, murmuravam»
– v. 8	Ἴδου	«Vê quantas partes»
– v. 8	δίδωμι	«Dou»
– v. 8	ἀποδίδωμι	«Devolvo»
– v. 9	ἔστιν	«É»
– v. 10	ἦλθεν	«Portanto, o Filho do Homem»
– v. 10	ἀπολωλὸς.	«Salvar o que estava perdido»

<sup>123</sup> J. A. CORREIA, *op. cit.*, 111.

<sup>124</sup> Cf. D. MARGUERAT – Y. BOURQUIN, *op. cit.*, 130-131.

<sup>125</sup> *Ibid.*, 130.

Tal como é possível verificar, grande parte das marcas de temporalidade fica reservada aos tempos e modos verbais usados no texto. A primeira forma com grande carga temporal é διήρχετο (v. 1), imperfeito que descreve «uma acção do passado, mas durante a qual algo acontece»<sup>126</sup>.

Significativas são as formas verbais no imperfeito activo, as quais apontam para acções continuadas, que se estendem no tempo: ἐζήτει (v. 3), ἦν (v. 3) e διεγόγγυζον (v. 7). Realmente, não sabemos a durabilidade destas acções, mas podemos concluir que se prolongam no tempo de modo contínuo.

No v. 4, encontramos o imperfeito do verbo μέλλω seguido de infinitivo, construção própria de Lucas. Embora o sujeito de ἤμελλεν seja Jesus, vemos que, no mesmo verso, acontece uma troca repentina de protagonistas (Zaqueu – Jesus), pormenor que empresta uma maior vivacidade ao encontro<sup>127</sup>.

A forma verbal Ἴδοὺ (v. 8) – imperativo aoristo segundo da voz média – indica uma resolução repentina; não é fruto de uma exaustiva reflexão premeditada. Perante a graça dada por Jesus, Zaqueu decide no momento<sup>128</sup>.

A existência de formas verbais no presente do indicativo é pertinente para um estudo da misericórdia e/ou da salvação que Jesus opera no homem perdido. As formas verbais δίδωμι (v. 8), ἀποδίδωμι (v. 8) e ἐστίν (v. 9) destacam-se neste relato, uma vez que «o presente é o tempo da realidade e descreve uma acção que está a ocorrer no momento, com tendência para durar no futuro»<sup>129</sup>. No entanto, o segundo verbo mantém um certo compasso de tempo de que Zaqueu precisa para fazer cumprir a sua promessa.

Fulcrais no enquadramento temporal da perícopie são as formas verbais ἦλθεν e ἀπολωλός (v. 10). A primeira traduz a acção como um facto, a segunda aparece 27 vezes no

---

<sup>126</sup> M. ZERWICK – M. GROSVENOR, *op. cit.*, 306.

<sup>127</sup> Cf. G. NOLLI, *op. cit.*, 819.

<sup>128</sup> Cf. *Ibid.*, 822. Esta forma é usada para dar ênfase às quantidades. Para consulta gramatical mais aprofundada, sugerimos M. ZERWICK – M. GROSVENOR, *op. cit.*, 307.

<sup>129</sup> G. NOLLI, *op. cit.*, 822.

Evangelho de Lucas e, com este participío perfeito activo, se indica um modo de estar que vem do passado até ao presente e que, caso Jesus não interviesse, iria manter, pelo futuro, essa categoria de *perdido*<sup>130</sup>.

A única preposição temporal que aparece no texto é ὡς (v. 5), como expressão de tempo (quando), referida ao passado<sup>131</sup>. Embora nada diga sobre a hora exacta, é essencial para descrever a sequência temporal dos acontecimentos.

O advérbio de tempo σήμερον (vv. 5.9) «designa a presença actual da salvação escatológica»<sup>132</sup> que, colocado no início da frase, assume uma posição enfática<sup>133</sup>.

### 4.3 Os personagens

Os personagens ocupam um lugar fundamental dentro da trama, como figura singular (Jesus e Zaqueu) ou colectiva (multidão). A sua existência é indispensável para uma apresentação da realidade ao leitor, a par com os acontecimentos relatados.

Efectivamente, a sucessiva construção dos personagens é feita através das acções. Tal como afirma D. Maguerat – Y. Bourquin, os intervenientes são «o rosto visível da trama: suscitam-na, alimentam-na, vestem-na; sem eles, a trama fica reduzida ao estado de esqueleto»<sup>134</sup>.

Quanto à sua tipologia, podemos classificar os diversos personagens como: protagonista, figurante, cordel, personagem redondo, personagem plano e personagem bloco<sup>135</sup>. Não obstante, esta caracterização pode apresentar-se de modo directo – o que a

---

<sup>130</sup> Cf G. NOLLI, *op. cit.*, 824.

<sup>131</sup> Cf. M. ZERWICK – M. GROSVENOR, *op. cit.*, 307.

<sup>132</sup> F. C. MOLINA, *art. cit.*, 9. No Evangelho de Lucas, podemos encontrar este advérbio em Lc 2, 11; 4, 21; 5, 26; 19, 5.9; 23, 43.

<sup>133</sup> Cf. F. BOVON, *El Evangelio según San Lucas, IV (Lc 18, 15 – 24, 53)*, 63. Muitas vezes, a palavra «hoje» aparece junto à palavra «casa» (ambos os conceitos serão motivo de estudo mais adiante neste trabalho). Nesta perícopé, aparece duas vezes: Lc 19, 5.9.

<sup>134</sup> D. MARGUERAT – Y. BOURQUIN, *op. cit.*, 96.

<sup>135</sup> Cf. *Ibid.*, 99.

narrativa afirma ou não sobre uma determinada personagem – ou indirecto<sup>136</sup> – o que os próprios intervenientes comunicam ou fazem.

Tendo presentes estes elementos, podemos concluir que estamos perante três personagens que, ao longo da perícopie, têm gestos e comportamentos que ajudam na sua própria caracterização.

Ainda que de modo resumido, passamos à caracterização dos personagens intervenientes neste relato.

#### 4.3.1 Protagonista (*Zaqueu ou Jesus*)?

O facto do texto ser conhecido por «conversão de Zaqueu» suscita uma questão: quem é o protagonista desta perícopie: Jesus ou o homem de «baixa estatura», Zaqueu? Os exegetas dividem-se<sup>137</sup>.

Hodiernamente, quando se estuda este relato, a maioria dos exegetas defendem que Jesus é o protagonista do encontro. Pactuando com os exegetas Renzo Lavatori e Luciano Sole, concluímos isso mesmo: «o nome de Jesus surge primeiramente – o personagem principal da narração»<sup>138</sup>. Ele «cruzava» a cidade, dirigindo-se para Jerusalém, promovendo encontros com os perdidos do seu tempo. Segundo os Evangelhos, «Jesus anunciou o Reino de Deus, fazendo dele o objectivo da sua pregação e a razão de todas as suas acções»<sup>139</sup>.

Etimologicamente, «Jesus» significa «Yahveh Salva» ou «salvação de Deus» (cf. Mt 1, 21). Figura histórica de importância universal, *Yeshuah*, de seu nome, espelhava a

---

<sup>136</sup> No caso da perícopie Lc 19, 1-10, estamos perante um processo de caracterização directa e indirecta: directa, na medida em que se refere o nome, profissão e estatura do personagem; indirecta, pois vemos o narrador a fomentar uma notável descrição sobre o personagem Zaqueu, «desenhando» a sua verdadeira identidade.

<sup>137</sup> Uma das perspectivas é dada em R. LAVATORI – L. SOLE, *Ritratti del Vangelo di Luca, Persone e relazioni*, 227: «Ora l'attenzione si sposta su Gesù, il personaggio principale della narrazione. Il primo versetto della pericope descrive la sua azione: si reca a Gerico, entra nella città, lá attraversa. Se Gesù non fosse andato a Gerico, Zaccheo non avrebbe potuto incontrarlo e non avrebbe potuto raggiungere la salvezza». Outro ponto de vista é dado por I. G. ACEBO, *op. cit.*, 504: «El protagonista principal de la escena se llama Zaqueo, es de baja estatura y publicano».

<sup>138</sup> R. LAVATORI – L. SOLE, *op. cit.*, 227.

<sup>139</sup> B. FORTE, «Jesus Cristo», in AA.VV., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, 461.

sua identidade e a sua missão, Deus que se revela para salvar perante a constante necessidade de salvação por parte do ser humano, nos seus dramas individuais e colectivos<sup>140</sup>.

Jesus de Nazaré viveu aproximadamente entre o ano 7 a. C. e o ano 30 d. C., na Palestina: «a sua manifestação alterou profundamente o mundo desde o ponto de vista religioso, espiritual e social»<sup>141</sup>. Tal como um profeta, o Enviado atraía todas as gentes quer pelos seus feitos e acções, quer pelas suas palavras irrigadas por uma autoridade que lhe era reconhecida. Zaqueu sente-se atraído, mesmo quando o seu desejo era apenas de o ver.

Ao longo da perícopa, temos indicadores que ajudam a dar corpo ao personagem Jesus: as suas atitudes («levantou os olhos» [v. 5] e «disse-lhe» [vv. 5.9]) e os dois títulos cristológicos atribuídos à sua pessoa («Senhor» [v. 8] e «Filho do Homem» [v. 10]).

Em primeiro lugar, Jesus é o único que olha<sup>142</sup> para aquele que, na óptica do povo, menos merecia esse privilégio. A forma verbal ἀναβλέψας, «olhar em profundidade/olhar com intenção de exercer misericórdia»<sup>143</sup>, ajuda na concentração de Jesus no seu plano salvífico. O mesmo é dizer que o Salvador tem plena consciência da sua missão, faz parte da sua forma de ser, tal como vemos no relato. Quando ele «olha em profundidade» para Zaqueu, tem como intenção promover a misericórdia e a ternura<sup>144</sup> perante aquele que se encontrava perdido.

Outra forma verbal importante para delinear as principais características de Jesus, tendo por base os acontecimentos do próprio relato, é εἶπεν πρὸς αὐτόν, «disse-lhe» (vv. 5.9). Realmente, mais do que um pronúncio labial de sons, a concepção mais autêntica reside num «comunicar» algo que tem uma salutar influência na vida do receptor da mensagem, propondo

---

<sup>140</sup> Cf. E. BUENO DE LA FUENTE, *Los Rostros de Cristo en la Teología Contemporánea*, 106.

<sup>141</sup> W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, 54.

<sup>142</sup> A temática do olhar será motivo de reflexão no capítulo precedente. Não obstante, torna-se necessário introduzir este pormenor neste preciso momento, tendo como intuito destacar um ponto forte na caracterização de Jesus.

<sup>143</sup> F. R. DARDER, *op. cit.*, 69.

<sup>144</sup> Cf. *Ibid.*

uma mudança de vida. No chamamento que Jesus faz a Zaqueu, encontra-se a revelação de Deus.

Efectivamente, existe um pormenor no texto que deve merecer a nossa atenção: «Jesus viu-o e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, hoje é necessário eu permanecer na tua casa”» (v. 5). A simples expressão «é necessário eu permanecer/tenho de...» é usada por Jesus em momentos cruciais da sua vida<sup>145</sup>. Jesus vem cumprir um projecto. De facto, a sua vida não é construída a partir de encontros improvisados e casuais, mas de uma necessidade que tem em dar plenitude ao reino de Deus – «o que Ele diz de si e de nós na carne do Verbo não é separável de Jesus. O conteúdo da sua revelação não é dissociável da forma de um corpo, do estilo de uma vida»<sup>146</sup>. Jesus, hóspede divino, «tem de» hospedar-se em casa de Zaqueu, pois Ele é a libertação de Deus entre as criaturas humanas. O perdido Zaqueu não encontra a compaixão por parte de outrem, a não ser de Jesus.

Tendo presentes estes elementos (olhar e dizer), podemos concluir que tanto o olhar como as palavras de Jesus devolvem a dignidade pessoal a Zaqueu, quer diante dos outros, quer diante de si mesmo: ajuda na recuperação da dignidade dos perdidos. Não encontramos qualquer palavra de condenação, por parte do Salvador. Pelo contrário, é Jesus quem olha e provoca a repentina descida de Zaqueu, provocante convite que restitui a dignidade de «Filho de Abraão» (v. 9b) ao cobrador de impostos<sup>147</sup>.

Após este encontro pessoal e transcendental, o filho de Deus deixa de ser um mero personagem conhecido e interessante. Porém, a partir deste momento, Jesus é apelidado de «Senhor» (v. 8). Reconhecer Jesus como «Senhor» é umas das confissões mais antigas da fé cristã. Significa que tudo lhe pertence completamente, espelho perfeito de única senhoria de

---

<sup>145</sup> «Quando Jesus se perdeu no Templo e seus pais o encontram entre os doutores, e ele disse-lhes: Não sabíeis que eu tinha que estar na casa de meu Pai? (Lc 2, 49). Mais adiante dirá: “...Tenho que anunciar o reino de Deus às outras cidades, pois para isso é que fui enviado” (Lc 4, 43)» (F. R. DARDER, *op. cit.*, 69). O uso desta expressão pode ser encontrado noutras referências do Evangelho de Lucas: Lc 9, 22; 13, 33; 22, 37.

<sup>146</sup> J. F. CORREIA, *A Fé vive de afeto. Variações sobre um tema vital*, 51.

<sup>147</sup> Cf. R. LAVATORI – L. SOLE, *op. cit.*, 227.

Deus Pai. Este domínio deve ser compreendido pelo amor que Ele nos tem: nunca sobre o homem, mas sempre pelo homem<sup>148</sup>.

No decorrer desta perícopie, Jesus reconhece-se como «Filho do Homem» (v. 10), que vem «procurar» e «salvar» o que estava «perdido». Nos Evangelhos, esta expressão ocorre com frequência. «Citando-a exprime o sentido do mistério que envolve a pessoa e a missão de Jesus, a unicidade da sua pessoa e também a sua solidariedade para com os homens, seus irmãos»<sup>149</sup>. O fim último deste «Filho do Homem» entrecruza-se com o da humanidade.

Vejamos o que diz a perícopie sobre a segunda personagem interveniente, Zaqueu. Detalhadamente, passamos a enumerar algumas referências que podem ajudar na sua caracterização: «homem rico» (v. 2a); «chefe de cobrador de impostos» (v. 2b); «procurava ver Jesus» (v. 3a); «de baixa estatura» (v. 3b); «um pecador» (v. 7b); «filho de Abraão» (v. 9b). Até este momento, a pessoa de Zaqueu era totalmente desconhecida, no decurso do terceiro Evangelho. O seu nome é uma transcrição do vocábulo hebreu *zakkai* ou *zaccai* que significa «limpo», «inocente» e que se emprega com frequência em paralelo com *šaddîq* «justo»<sup>150</sup>. Contudo, há a registar algumas *nuances* no significado do nome «Zaqueu»<sup>151</sup>, referidas por inúmeros biblistas.

Neste episódio, Zaqueu é um judeu. Por causa do seu ofício, tal como vimos no contexto sócio-religioso, era mal visto e temido pela multidão.

A descrição física de um personagem, no NT, é pouco comum. A pequena estatura é a terceira característica apontada pelo autor. A primeira é um prenúncio sobre a sua ocupação (chefe de cobrador de impostos); em seguida, refere o seu estado sócio-económico (rico); por

<sup>148</sup> Cf. B. MAGGIONI, «Senhor», in AA.Vv., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, 800.

<sup>149</sup> T. VALDMAN, «Filho do Homem», in AA.Vv., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, 373.

<sup>150</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, IV. Traducción y comentario (capítulos 18, 15 – 24, 53)*, 60.

<sup>151</sup> R. Lavatori – L. Sole reforçam a característica da pureza, usando o termo «o puro» (cf. R. LAVATORI – L. SOLE, *op. cit.*, 221). Por outro lado, R. Meynet opta por «inocente», uma vez que será salvo por Jesus (cf. R. MEYNET, *op. cit.*, 672). Sobre isto, F. Bovon refere que «de acordo com a etimologia, este nome significa “o puro”, “o inocente”» (F. BOVON, *El Evangelio según San Lucas, III (Lc 15, 1 – 19, 27)*, 336. Contrariamente ao referido, também podemos salientar um estudo que propõe o termo «Zaqueu» enquanto diminutivo de «Zacarias», sendo o caso de F. R. DARDER, *op. cit.*, 66.

fim, tal como acima referimos, a alusão à descrição física do personagem (baixa estatura)<sup>152</sup>. No entanto, esta rara menção é entendida de modo antagónico por alguns exegetas. Segundo Joseph Fitzmyer, esta referência é mera descrição física e não podemos concluir que Zaqueu alcançou a verdadeira «estatura» com as palavras que Jesus lhe dirige<sup>153</sup>. Pelo contrário, Mikeal Parsons conclui que Zaqueu ganha novo estatuto perante a multidão<sup>154</sup>. O seu modo de vida tornou-o pequeno no seio de uma sociedade controladora, onde os cobradores de impostos era gente desprezada e também temida.

Por conseguinte, podemos reiterar que os movimentos de Zaqueu – «subiu» (v. 4); «desceu rapidamente» (v. 6); «de pé» (v. 8) – são sustentados pela sua vontade de querer «ver Jesus» (v. 3a). Tal como vimos, ele não tinha interesse em saber quem era Jesus, mas quem era o homem Jesus<sup>155</sup>. Contudo, o que «quer ver» é visto. Com o olhar inesperado de Jesus, Zaqueu coloca-se perante a sua verdadeira identidade de «filho de Abraão», depois de um convite único advogado pelo Senhor. Este desejo do personagem vai ser o mote que dará início à narrativa, desencadeando toda a trama. Eis-nos perante uma apreciação profunda de Jesus, que, reconhecendo Zaqueu como um perdido, descobre nele o «filho de Abraão».

A sua conversão manifesta-se, sinceramente, num gesto de partilha com os outros dos seus bens e da sua alegria, aspecto fundamental que exterioriza algo muito especial na sua vida: «a alegria de Zaqueu significa a sua abertura ao Evangelho, seu acolhimento e a presença salvadora de Jesus»<sup>156</sup>.

---

<sup>152</sup> Cf. M. C. PARSONS, «“Short in Stature”: Luke’s Physical Description of Zacchaeus», in *New Testament Studies* 47/1 (2001), 50.

<sup>153</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, IV. Traducción y comentario (Capítulos 18, 15 – 24, 53)*, 61. «O termo grego *hēlikia* não tem nenhuma conotação de tipo simbólico» (*Ibid.*).

<sup>154</sup> Cf. M. C. PARSONS, *art. cit.*, 50-57. Cf. F. C. MOLINA, *art. cit.*, 20.

<sup>155</sup> Cf. R. MEYNET, *op. cit.*, 674.

<sup>156</sup> F. C. MOLINA, *art. cit.*, 19.

Zaqueu mostra uma grande generosidade. A restituição que promove vai muito além das prescrições da Lei. Realmente, quem recebe generosamente o perdão de Deus não põe limites ao exercício da misericórdia<sup>157</sup>.

Esta libertação acontece num momento exacto. O «hoje» (v. 9) da salvação representa a prontidão da solução dada por Jesus, que Ele liberta através da «atitude de serviço, da vida partilhada e a existência humilde»<sup>158</sup>.

Ao ouvir a palavra de Jesus, Zaqueu «põe-se de pé» e reconhece-o como seu Senhor. A misericórdia de Jesus coloca Zaqueu de pé, não só fisicamente, mas também quanto à sua dignidade de filho.

#### 4.3.2 *Personagem secundária*

Neste perícopo, podemos salientar a existência de um único personagem secundário: a «multidão» (v. 3). Os que a compunham impediam Zaqueu de concretizar o seu desejo de «ver Jesus». A palavra ὄχλος, «multidão», significa grupo de pessoas, mas também aquilo que as pessoas pensam<sup>159</sup>. Por conseguinte, o «murmúrio» (v. 7) da multidão, as suas opiniões a respeito do chefe de cobrador de impostos, torna impossível que ele cumpra a sua vontade de ver Jesus.

Efectivamente, Zaqueu era um pecador, um homem que rompeu a sua relação com Deus. Quando é perdoado, a acção de Jesus é duramente criticada, tendo sido dito que «foi hospedar-se em casa de um pecador» (v. 7). A opinião dos demais faz com que Zaqueu tenda a ficar pequeno para sempre. Ao impedir o contacto entre o cobrador de impostos e Jesus, a multidão priva o homem de «baixa estatura» de ser encontrado e de ser visto, segundo a sua vontade.

---

<sup>157</sup> Cf. F. R. DARDER, *op. cit.*, 72.

<sup>158</sup> *Ibid.*, 73.

<sup>159</sup> Cf. G. NOLLI, *op. cit.*, 818.

---

**III PARTE – LC 19, 1-10: DAR CORPO AO ITINERÁRIO DE MISERICÓRDIA**

**DA QUESTÃO DOS TERMOS AOS TERMOS EM QUESTÃO**

---



A misericórdia emerge como uma das tónicas mais relevantes na perícopes de Zaqueu, exigindo que nela nos detenhamos aturadamente. Por si só, enquanto objecto, o tema/o nome da misericórdia (enquanto atributo/nome de Deus) tem gozado já, ainda que provavelmente sem a hegemonia requerida (nos manuais)<sup>160</sup>, de um aprofundamento a nível da teologia sistemática. Tal como destacámos acima, ao crivar a perícopes de Lc 19, 1-10, é com naturalidade que se faz notar a pertinência deste tema.

Porém, urge um outro abeirar desta atitude fundamental. Sempre que Jesus faz acontecer esta virtude de quem abre o seu coração ao miserável e está inclinado para a compaixão e para a piedade com quem sofre ou erra (misericórdia)<sup>161</sup>, perscrutamos um caminho, um itinerário a que cumpre dar corpo. Na disposição do seguimento, na alegria de haurir sabedoria – loucura para o mundo (cf. 1 Cor 1, 23) –, escutemos de novo. Pousemos a vista, os ouvidos, todos os sentidos alerta, colhendo de novo um estilo de vida, um afecto de corpo inteiro, Jesus.

E aqui encontramos, assim o cremos, a particular pertinência deste estudo, na possível indicação/indiciação de como uma gramática do viver é sempre uma pragmática. No episódio do encontro de Jesus com Zaqueu, o roteiro que antecede o estado de misericórdia, concretiza-se em três acções ou etapas, ao mesmo tempo distintas, mas de salutar complementaridade: *ver, acolher (hospitalidade) e salvar*. Ao longo do percurso que agora iniciamos, propomo-nos elaborar, paulatinamente, um concentrado em torno de cada um destes momentos da misericórdia.

Na primeira etapa deste itinerário, apresentamos o verbo *ver* evidenciando as suas *nuances*, nesta perícopes. Seguidamente, apresentamos o modo como cada personagem vive ou convive com este momento, podendo apresentar-se segundo diferentes usos e abusos da *visão*: Zaqueu que alterna entre o desejo de ver e o de ser visto por Jesus; Jesus, como protagonista,

---

<sup>160</sup> Cf. W. KASPER, *A Misericórdia. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 20.

<sup>161</sup> Cf. C. BROVETTO, «Misericórdia», in AA.Vv., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, 594.

toma a iniciativa do encontro, olhando para cima; a multidão que, depois do que viu, desdobra-se em murmúrios e queixumes.

No segundo pólo deste itinerário, emergirá o tema do *acolher (hospitalidade)*, no Evangelho de Lucas, desenhando-se, ainda que brevemente, uma teologia da hospitalidade (acolhimento). Tendo por base categorias semânticas comuns aos relatos sobre o tema do acolhimento do terceiro Evangelho (passagem do hóspede, acolhimento do hóspede, serviço ao hóspede, oposição ao hóspede e palavra do hóspede), onde Jesus era protagonista, aduzimos uma proposta para o relato de Lc 19, 1-10<sup>162</sup>.

Por último, destacamos o lugar do *salvar*. Na verdade, o fio condutor do pensamento lucano, principalmente no seu Evangelho, é a salvação<sup>163</sup>. Proporcionalmente, o termo aparece mais vezes em Lucas e, por inerência em Actos, do que em todo o NT. Assim, achamos pertinente delinear uma aproximação ao conceito de salvação, uma vez que a ligação entre salvação e fé é mais explícita em Lucas. Aos poucos, vamos demonstrando, neste terceiro momento da misericórdia, uma preocupação em aprofundar a especificidade do conceito na perícopie em estudo (cf. Lc 19, 9.10), ressaltando pormenores que, nunca esquecendo a sua categoria mínima, se definem como parte do todo. Num último momento, mostramos a salvação como realidade constituída por movimentos frenéticos, mas bem definidos, particularizando a génese da iniciativa, o modo como é recebida e o efeito que gera. Este último, perceptível (*alegria*) tal é a concentração da graça de Deus, acontecem num momento (*hoje*) e num lugar que hospeda a salvação em acto (*casa*).

---

<sup>162</sup> Cf. J. A. CORREIA, *op. cit.*, 217.

<sup>163</sup> Cf. J. T. MENDONÇA, *op. cit.*, 209.

## 1. Ver, primeiro momento da misericórdia

A temática do ver ocupa um lugar de grande preponderância, nos escritos lucanos. A perícopre em estudo não foge à regra. O verbo «ver» (ὁράω) aparece inúmeras vezes sob diversas formas ou em campos semânticos semelhantes, como vemos no quadro seguinte, de onde emergem *nuances* pertinentes para o estudo desta problemática:

– v. 2	καὶ ἰδοὺ <sup>1</sup>	E eis (vê)	Segunda pessoa do singular, aoristo 2.º, imperativo, voz activa <sup>164</sup> .
– v. 3	ἐζήτει ἰδεῖν <sup>165</sup>	Procurava ver	Infinitivo aoristo 2.º activo.
– v. 4	ἵνα ἴδῃ <sup>166</sup>	Para que o visse	Terceira pessoa do singular, conjuntivo aoristo 2.º activo.
– v. 5	ἀναβλέψας <sup>167</sup>	Olhando para cima	Particípio aoristo activo; nominativo do singular masculino <sup>168</sup> .
– v. 7	καὶ ἰδόντες <sup>169</sup>	E vendo isto	Particípio aoristo 2.º activo; nominativo do plural masculino.
– v. 8	Ἴδοὺ	Vê	Segunda pessoa do singular, 2.º aoristo imperativo, voz activa.

Efectivamente, nesta perícopre, todos os personagens «vêm»: Zaqueu, por causa do seu desejo de ver Jesus (v. 3), corre e sobe a um sicómoro para tornar realidade este desejo; Jesus, por sua vez, «olhando para cima» (v. 5), entra na vida daquele que o «olhava»; a multidão,

<sup>164</sup> Sugerimos a leitura de J. VITÓRIO, «“E procurava ver quem era Jesus...”: análise do sentido teológico do “ver” em Lc 19,1-10». ..., 9, onde este conceito é definido como interjeição derivada de ἰδεῖν (ver).

<sup>165</sup> No Evangelho de Lucas, podemos encontrar 12 vezes esta forma verbal: Lc 2, 26; 7, 25; 7, 26; 8, 20; 8, 35; 9, 9; 10, 24; 14, 18; 17, 22; 19, 3; 23, 8.

<sup>166</sup> No Evangelho de Lucas, podemos encontrar 2 vezes esta forma verbal: Lc 2, 26; 19, 4.

<sup>167</sup> No Evangelho de Lucas, podemos encontrar 3 vezes esta forma verbal: Lc 9, 16; 19, 1; 21, 1.

<sup>168</sup> Pertence ao mesmo campo semântico do verbo ver, sendo sinónimo do verbo ὁράω, apenas com ligeiras diferenças.

<sup>169</sup> No Evangelho de Lucas, podemos encontrar 9 vezes esta forma verbal: Lc 2, 17; 2, 48; 8, 34; 8, 36; 9, 54; 18, 15; 19, 7; 20, 24; 22, 49.

personagem secundária mas influente, «vendo» (v. 7), murmura perante esta acção de Jesus que vai hospedar-se em casa de um pecador.

Este «embate de olhares», «de cima para baixo, de baixo para cima, de igual para igual, e olhares de várias qualidades, de curiosidade, de indignação, de censura, de misericórdia, de solidariedade»<sup>170</sup>, faz com que todos os personagens tenham algo a «ver». Assim, Jesus serve-se destas acções intermitentes e propõe uma acção concreta da misericórdia que salva de modo cativante: «Os pecadores são destinatários da mensagem de um modo especial; eles são os espiritualmente pobres (...). É tido como amigo de publicanos e pecadores»<sup>171</sup> como Zaqueu, quando o olha e quando visita a sua casa. Existem pessoas que querem ver Jesus. Porém, «não basta vê-lo. É preciso deixar-se ver por Ele. Essa dinâmica de olhares tem por base uma relação estreita entre o Mestre de Nazaré e os que o rodeiam ou buscam, à espera de serem amados e curados por Ele»<sup>172</sup>.

Realmente, Jesus é o único que pode explicitar, entender e reorientar (de forma gradativa) todos estes olhares. Assim sendo, analisaremos Lc 19, 1-10, tendo por base a metodologia narrativa, para entender a forma e o modo como em cada personagem se pode aplicar o tema do ver.

### *1.1 Zaqueu, de «desejoso a desejado»*

«Procurava ver quem é Jesus» (v. 3). Este homem rico encontra-se desejoso de conhecer, realmente, o Salvador. O evangelista Lucas dá ênfase à condição económico-social do personagem, mote essencial na sucessão dos factos, ao longo da história. O que parece acessório para este tema do «querer ver» revela-se essencial, uma vez que a sua condição de

---

<sup>170</sup> J. VITÓRIO, «“E procurava ver quem era Jesus”: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10»..., 9.

<sup>171</sup> W. KASPER, *A Misericórdia...*, 87.

<sup>172</sup> J. VITÓRIO, «Querer ver Jesus e deixar-se ver por Jesus. Quem somos: Zaqueu ou Herodes?», in *Convergência* 451 (2012), 286.

chefe dos cobradores de impostos não o «deixava ver» ou, pior, apenas se «via» a si mesmo<sup>173</sup>.

Primeiramente, devemos salientar a pertinência do binómio «querer-poder»<sup>174</sup>. O texto começa por apresentar Zaqueu como alguém sem possibilidade de alcançar a satisfação da sua vontade. Na verdade, «não podia» (v. 3) satisfazer o seu desejo, pois estava impedido perante uma multidão que conhecia a sua conduta e também por causa da sua estatura física<sup>175</sup>.

Não obstante, a força do desejo de Zaqueu expressa-se pelo uso da partícula interrogativa «quem», τίς (v. 3), pois Zaqueu não queria ver os feitos de Jesus, ou porventura a sua fama conhecida entre todos, mas «procurava ver quem é Jesus» (καὶ ἐζήτει ἰδεῖν τὸν Ἰησοῦν τίς ἐστιν)<sup>176</sup>. Contudo, este desejo só poderia ser realizado caso o Senhor permitisse um encontro pessoal, onde revelasse a sua identidade, ou parte dela.

Por conseguinte, podemos salientar que existem pontos no texto que foram omissos, e sem os quais a narrativa perde muito do seu valor. O uso do verbo «procurar», no imperfeito do indicativo – descrevendo uma acção começada no passado que, embora não terminada, influencia a vida do personagem<sup>177</sup> –, adquire uma predominância inquestionável na medida em que deixa sem resposta a questão sobre o início desta procura, por parte de Zaqueu. Olhando o contexto precedente, podemos concluir que esta procura surgiu no momento. Não foi premeditado, mas as acções são concomitantes: enquanto «atravessava Jericó» (v. 1: καὶ εἰσελθὼν διήρχετο τὴν Ἱεριχώ), «procurava» (v. 3)<sup>178</sup>.

---

<sup>173</sup> Cf. J. VITÓRIO, «“E procurava ver quem era Jesus”: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10»..., 10.

<sup>174</sup> Esta relação pode ser encontrada também: Lc 1, 22; 5, 12-13; 8, 19-20; 9, 24; 13, 34; 16, 26.

<sup>175</sup> Cf. A. SERGEY, *Raccontare la Salvezza attraverso lo Sguardo Portata Teologica e Implicazioni Pragmatiche del «Vedere Gesù» nel Vangelo di Luca*, 268.

<sup>176</sup> Cf. J. VITÓRIO, «“E procurava ver quem era Jesus”: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10»..., 11.

<sup>177</sup> Cf. G. NOLLI, *op. cit.*, 818.

<sup>178</sup> Cf. J. VITÓRIO, «“E procurava ver quem era Jesus”: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10»..., 12. Neste mesmo estudo, o autor propõe outra forma de encarar este início da procura de Zaqueu, afirmando que «todavia, não se pode excluir a existência de um sonho longamente acalentado, nem o facto de Zaqueu ter feito antes outras tentativas, frustradas, por causa da baixa estatura» (*Ibid.*).

Face a uma dificuldade, o personagem «chefe dos cobradores de impostos» vê um sicómoro, perto do local onde Jesus iria passar, e, apressadamente, sobe à árvore, suporte e garante da sua curiosidade. Com o uso da expressão «καὶ προδραμὸν εἰς τὸ ἔμπροσθεν» (v. 4), traduzível por «e correndo mais adiante», podemos assimilar que o autor usa esta linguagem redundante para «sublinhar a firmeza da decisão de “ver quem é Jesus” e a presteza na execução daquilo que parece ser o único meio de realizá-la»<sup>179</sup>.

Zaqueu sobe para ver Jesus. A posição de Zaqueu é fulcral para conseguir, realmente, o «ver» – mais alto do que todos, numa posição privilegiada, sem correr qualquer risco de ser perturbado por outrem. Note-se que «subir a uma árvore é um acto protagonizado, hodiernamente, pelas crianças, mas ele não tem vergonha nem medo face àquilo que a multidão poderia pensar»<sup>180</sup>.

Assim sendo, os dois personagens encontram-se em movimento. O v. 4 espelha, de modo muito capaz, o movimento de Zaqueu e de Jesus: o primeiro, apressado, querendo antecipar-se aos demais; e o segundo, ladeado pela multidão, cruza a cidade, traçando a mediatriz entre a estrada percorrida e a árvore que permite que o desejo de Zaqueu se torne realidade. Não é necessário um «embate» físico. No entanto, e não menos «violento», gera-se um confronto de olhares, onde a confluência de desejos é visível da parte de ambos.

O v. 5 – «e quando chegou ao lugar, olhando para cima, Jesus viu-o e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje é necessário eu permanecer na tua casa”» – é essencial para o já aludido «embate de olhares». É mesmo no centro da perícope que se faz notar uma reviravolta no discurso: «quem quer ver é visto. Quem olha de cima para baixo é olhado de baixo para cima. Quem pretende ver furtivamente é visto ostensivamente»<sup>181</sup>. Zaqueu deseja ver Jesus (v. 3), mas é Jesus quem o vê (v. 5); Zaqueu procura Jesus (v. 3), mas é Jesus quem o veio buscar (v. 10).

---

<sup>179</sup> J. VITÓRIO, «“E procurava ver quem era Jesus”: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10»..., 12.

<sup>180</sup> I. G. ACEBO, *op. cit.*, 505.

<sup>181</sup> J. VITÓRIO, «“E procurava ver quem era Jesus”: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10»..., 13.

Realmente, os movimentos oculares causam movimentos corporais, tal como vemos no esquema a seguir apresentado:

*Zaqueu* – corre em frente (v. 3) – sobe/vê do alto (v. 4) – é visto (v. 5) – desce (v. 6)

*Jesus* – cruzava Jericó (v. 1) – olha para cima (v. 5) – vê-o (v. 5) – faz descer (v. 5)

Esta tessitura de olhares tem apenas um propósito: fazer descer Zaqueu para o centro desta passagem. De igual forma, a sucessão intermitente de movimentos – *subir* – *ver do alto* – *olhar para cima* – *descer* – faz com que o foco da narração se projecte todo no «desejoso que se torna desejado», colocado agora diante de Jesus e da multidão<sup>182</sup>. Enquanto «atravessava Jericó» (v. 1), o desejo do desejoso – o «querer ver» e o «ser visto» – faz parar a marcha de Jesus, não prevista pelo evangelista, a qual é apenas retomada em Lc 19, 28: «dito isto, Jesus seguiu para diante, em direcção a Jerusalém».

Por conseguinte, a forma verbal ἀναβλέψας (v. 5) – particípio aoristo activo; nominativo do singular masculino<sup>183</sup> – tem um impacto incontornável no desenvolvimento do enredo da história de conversão de Zaqueu. O «olhar para cima» de Jesus provoca dois efeitos no personagem de «baixa estatura»: por um lado, os seus olhos abrem-se e, por outro lado, apercebe-se dos pobres que o rodeiam e aqueles a quem tinha prejudicado com o seu ofício (cf. Lc 19, 8). Podemos afirmar que Zaqueu padecia de uma certa cegueira que o impedia de ver os pobres. Através do seu modo de vida, tinha prejudicado em grande escala muitos dos que o rodeavam e, como se estivesse cego, ia enriquecendo sem nunca se aperceber do mal praticado. A sua riqueza advinha de uma ganância crescente, mostrando-se prejudicial para os demais e suscitando o desprezo dos outros pela sua profissão e por si<sup>184</sup>.

---

<sup>182</sup> Cf. J. VITÓRIO «E procurava ver quem era Jesus»: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10»..., 14.

<sup>183</sup> Cf. G. NOLLI, *op. cit.*, 820. Pertence ao mesmo campo semântico do verbo ἰδεῖν (ver). É importante referir que Lucas usa a mesma forma verbal no episódio da cura do cego de Jericó (Lc 18, 15-43). No entanto, podemos definir conotações antagónicas: no caso do cego, assiste a ideia de recomeçar (cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, IV. Traducción y comentario (Capítulos 18, 15 – 24, 53)*, 50; no caso de Zaqueu, há a ideia de direcção de baixo para cima (cf. *Ibid.*, 62).

<sup>184</sup> Cf. J. SCHMID, *op. cit.*, 411.

Conhecedor da sua condição de pecador, o «homem rico» observa, de modo muito atento, o que durante muito tempo desprezara, a *Torah* (Lei). Tal como vimos no contexto sócio-religioso, Zaqueu assume as suas falhas e não tardou em evidenciar exteriormente esse arrependimento (v. 8: «Então, Zaqueu erguendo-se disse ao Senhor: “Vê quantas partes dos meus pertences dou, Senhor, aos pobres, e se extorqui algo a alguém, devolvo quatro vezes mais”»).

Face a este tema do ver do publicano, podemos ainda realçar um último pormenor. A «cura» de Zaqueu foi vivida numa verdadeira caminhada de fé: 1.º desejo «de ver» quem era Jesus (v. 3); 2.º ao ser avistado por Jesus, concretiza-se um convite (v. 5); 3.º acolhimento do convite/conversão (v. 6); 4.º transformação em obras perante o perdão recebido (v. 8); 5.º dirige-se a Jesus como Senhor (v. 8). A simples evolução na forma de tratamento de Zaqueu perante a pessoa de Jesus não é um acaso no texto. Lucas coloca por duas vezes, no mesmo versículo, o vocábulo «Senhor»: uma vez na boca do narrador e outra na de Zaqueu. Este título cristológico, tal como acima mencionámos, refere-se a Jesus ressuscitado. Reconhecê-lo como «Senhor» significa pertencer-Lhe completamente e em tudo. Assim, faz sentido Zaqueu chamar Jesus de «Senhor» agora que o seu desejo está realizado e que ele, efectivamente, pode saborear a felicidade eterna da pertença ao caminho proposto por Ele.

### *1.2 Jesus «olha para cima»*

Atentando ao olhar de Jesus, podemos caracterizá-lo como inesperado, conhecedor da presença de Zaqueu e cativante. Esta acção imprevista é expressa por meio da forma verbal ἀναβλέψας (v. 5), relativa à profunda percepção da fé do acontecimento de Cristo. Neste relato, o verbo tem como significado primordial «olhar para o alto»<sup>185</sup>. No entanto, este verbo

---

<sup>185</sup> «Em Lc 19, 5 Jesus passa por Jericó e levanta os olhos para olhar para Zaqueu, uns dos principais cobradores de impostos, que estava sentado no alto de uma figueira silvestre; Jesus sabe quando alguém está à Sua procura; chama-o para que desça e anuncia a presença da salvação “hoje”» (P. G. MÜLLER, «ἀναβλέπω», in H. BALZ – G. SCHNEIDER (eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, 224).

pode também significar «ver de novo»<sup>186</sup>. O uso desta forma verbal ajuda-nos a ressaltar a existência de uma dupla vertente da acção messiânica de Jesus: a primeira é uma referência à cegueira físico-corporal (Lc 18, 35-43); a segunda alude a algo mais profundo, a cegueira espiritual. No caso de Zaqueu, a atenção de Jesus, concentrada nesta sua acção de «olhar para cima», fá-lo recuperar a sua condição de amado por Deus, uma vez que também é «filho de Abraão» (Lc 19, 9).

Outro pormenor fulcral e pertinente para um estudo coeso do «olhar» de Jesus é a presença da forma verbal δεῖν (Lc 19, 5). O uso deste «é necessário» revela-se inquietante na medida em que demonstra que Jesus conhecia Zaqueu, mesmo nunca o tendo visto antes. Com esta expressão, encontramos explicitamente o aspecto messiânico do «olhar» de Jesus: «Lucas amplia sistematicamente o δεῖν para que inclua toda a história da salvação»<sup>187</sup>.

Não obstante, o conhecimento de Jesus face ao chefe de cobradores de impostos alterna-se entre um conhecimento superficial (à semelhança da multidão que murmura) e um conhecimento profundo. Por isso, o «olhar para cima» de Jesus não é um mero acaso, mas «correspondia ao projecto de Deus em relação a Jesus, na condição de Messias enviado para “dar vista aos cegos”, e em relação a Zaqueu, a quem a salvação é oferecida»<sup>188</sup>.

Na frase «o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido» (Lc 19, 10), proposição final da perícopie em análise, vemos sugerido também o tema da visão. A acção de procurar supõe actividade visual. Como guia do corpo, o olhar tem destaque na dinâmica da procura, pois permite ao indivíduo reconhecer o que procura, quando o encontra, ou reconhecer que aquilo que encontrou não é o que desejava<sup>189</sup>. No NT, ζητέω tem como sujeito Deus (ou Cristo) e também os homens. Em ambos os casos, espelha-se a relação entre

---

<sup>186</sup> Cf. J. VITÓRIO, «“E procurava ver quem era Jesus”»: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10»..., 17.

<sup>187</sup> W. POPKES, «δεῖν», in H. BALZ – G. SCHNEIDER (eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, 842.

<sup>188</sup> J. VITÓRIO, «“E procurava ver quem era Jesus”»: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10»..., 20.

<sup>189</sup> Cf. W. P. LOEWE, «Towards an Interpretation of Lk 19:1-10», in *The Catholic Biblical Quarterly* 36 (1974), 323. Cf. J. VITÓRIO, «“E procurava ver quem era Jesus”»: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10»..., 20.

Deus e o homem, e o interesse divino pela sua conservação e preservação<sup>190</sup>. O mesmo se poderá dizer sobre a tarefa do Filho do homem, que consiste em «buscar e salvar o que estava perdido» (v. 10): lançando um olhar, este tem como efeito imediato cativar quem estiver perdido e se encontre à sua frente. Esta procura tem inerente um sentido: o olhar do Enviado de Deus, que repentinamente encontra Zaqueu entre os ramos do sicómoro, é o olhar de quem procura para encontrar, onde quer que seja, quem estava perdido e trazê-lo de volta à condição de filho de Deus<sup>191</sup>. Jesus define-se como sujeito da procura.

### 1.3 Multidão, «da visão ao murmúrio»

Tal como Zaqueu e Jesus, a multidão também vê: «E vendo isto, todos murmuravam dizendo: foi hospedar-se junto de um homem pecador» (Lc 19, 7).

Este personagem colectivo expressa duas acções que, embora praticadas isoladamente, corroboram uma relação de interdependência. Na verdade, porque ambos apresentam uma ligação de causa-efeito, evidenciam, por um lado, a qualidade e pertinência do olhar e, por outro, o eco do seu murmúrio perante aquilo que vêem.

Primeiramente, podemos concluir que Lucas, ao longo desta perícopie, adentra dois conceitos para destacar a posição da multidão como obstrução à acção tanto de Zaqueu como de Jesus, o que procurámos representar no quadro seguinte<sup>192</sup>:

Conceito	Tradução	Personagem obstruída	Função narrativa
<i>ὄχλος</i> (v. 3)	<i>Multidão</i>	<i>Zaqueu</i>	Impedir Zaqueu de ver Jesus.
<i>πάντες</i> (v. 7)	<i>Todos</i>	<i>Jesus</i>	Impedir Jesus de praticar a sua missão salvadora.

<sup>190</sup> Cf. E. LARSSON, «ζητέω», in H. BALZ – G. SCHNEIDER (eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, 1735.

<sup>191</sup> Cf. A. SERGEY, *op. cit.*, 294.

<sup>192</sup> Cf. J. VITÓRIO «“E procurava ver quem era Jesus”: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10»..., 21.

Não obstante, os dois personagens acabam por superar os referidos obstáculos.

«A passagem de ὄχλος (v. 3) a πάντες (v. 7) pressupõe dois tipos de progressão: quantitativa e qualitativa»<sup>193</sup>. Olhando ao aspecto quantitativo, podemos concluir que o «todos» inclui a «multidão» e os apóstolos, totalizando o somatório dos presentes e dos destinatários, de uma ou de outra forma, da mensagem de Jesus. Qualitativamente, ὄχλος (v. 3) possui uma atitude passiva, onde o estorvo, perante o personagem Zaqueu, não foi premeditado nem propositado. Por seu turno, encontramos o vocábulo πάντες (v. 7) com uma função activa: «se o seu murmúrio tivesse impedido o encontro ou tivesse intimidado Zaqueu na sua “recuperação da vista”, o resultado seria causal (consciente, previsto, desejado)»<sup>194</sup>. Assim, podemos concluir que a perícopa sublinha a incapacidade de que «todos» padecem e que os impede de «ver»: por um lado, Jesus como Salvador que veio salvar o que estava perdido (v. 9); em segundo lugar, o chefe dos cobradores de impostos, num processo de mudança interior<sup>195</sup>.

O verdadeiro significado do verbo «ver», referente à multidão em Lc 19, 7, pode ser mais bem entendido tendo por referência Lc 18, 43. Em 18, 35-43, encontramos três personagens: o cego, a multidão e Jesus. O cego, depois de curado, coloca-se a caminho para seguir Jesus, dando glória a Deus (v. 43a). O povo, que anteriormente havia repreendido o cego, pedindo-lhe que se calasse, passa agora a louvar a Deus, por causa de Jesus, depois «de ter visto» o que acontecera ao cego de Jericó (v. 43b)<sup>196</sup>. A mesma multidão que louva e glorifica a Deus passa a murmurar e a acusar na nossa perícopa, tal como mostra o quadro<sup>197</sup> seguinte:

---

<sup>193</sup> J. VITÓRIO, «“E procurava ver quem era Jesus”: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10»..., 21.

<sup>194</sup> *Ibid.*

<sup>195</sup> Cf. F. R. DARDER, *op. cit.*, 68.

<sup>196</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, IV. Traducción y comentario (Capítulos 18, 15 – 24, 53)*, 51. Trata-se de um acrescento próprio de Lucas, no qual o evangelista mostra claramente onde se concentra o seu interesse – mais na reacção do povo do que no milagre propriamente dito.

<sup>197</sup> Cf. J. VITÓRIO, «“E procurava ver quem era Jesus”: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10»..., 22.

<b>Lc 18, 35-43</b>	<i>Cego</i>	<b>Palavra de Jesus:</b> <i>Vê! (v. 42)</i>	<b>Acção do cego:</b> <i>Segue-o dando glória a Deus (v. 43a)</i>	<b>Reacção da multidão:</b> <i>Deu glória a Deus (cf. v. 43b)</i>
<b>Lc 19, 1-10</b>	<i>Zaqueu</i>	<b>Palavra de Jesus:</b> <i>(Olhando para cima) devo ficar em tua casa (v. 5)</i>	<b>Acção de Zaqueu:</b> <i>Recebeu-o com alegria (cf. v. 6)</i>	<b>Reacção da multidão:</b> <i>Murmura e censura (cf. v. 7)</i>

Tal como referimos no segundo capítulo deste trabalho, podemos encontrar inúmeras semelhanças entre estes dois episódios. Porém, o caso de Zaqueu terá suscitado maior insensibilidade da parte do povo. Como a maravilha do milagre acontecido na vida de Zaqueu era menos espectacular, no sentido mais excêntrico da palavra, a multidão acaba por não conseguir «ver» a mão da glória de Deus na vida de Zaqueu, recusando-se a mudar o seu juízo a respeito do chefe dos cobradores de impostos<sup>198</sup>. Assim, percebemos que:

«Os papéis invertem-se. Quando Zaqueu se torna capaz de ver, a multidão fica cega. Quando Jesus abre os olhos de Zaqueu, os olhos da multidão fecham-se. O texto de Lucas conclui-se mantendo a multidão na cegueira. O evangelista poderia ter incluído, após v. 10, uma reacção positiva da multidão diante das palavras elucidativas de Jesus, a respeito da missão. Com esta omissão, Lucas sugere que a multidão entrava “cega” em Jerusalém»<sup>199</sup>.

Deste modo, perante a problemática do «ver» da multidão, podemos alinhar algumas conclusões. Em primeiro lugar, o olhar pode ser adulterado quando limitado à exterioridade. A multidão, no caso de Zaqueu, limita-se a vê-lo como mero «homem pecador» (v. 7), olhando-o de modo erroneamente superficial.

Em segundo lugar, o ver de modo claro exige superação de preconceitos. O mesmo é dizer que, ao contrário de Jesus, a multidão mostrou-se incapaz de «ver» para lá dos atributos

<sup>198</sup> Cf. R. MEYNET, *op. cit.*, 676.

<sup>199</sup> J. VITÓRIO, «“E procurava ver quem era Jesus”: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10»..., 23.

sociais de que Zaqueu era alvo. Realmente, o «ver» exige capacidade de abstração, possibilitando um olhar muito além do visível. A multidão, habituada a ver e a *aplaudir* os milagres externos de Jesus, não se apercebe do grande milagre ocorrido na vida daquele homem de «baixa estatura»<sup>200</sup>.

## **2. Hospitalidade, segundo momento da misericórdia**

A alteridade, condição inalienável à condição humana, é o lugar onde se alicerça a hospitalidade. Esta e outras premissas, podem ser encontradas em toda a Escritura, mais concretamente no terceiro Evangelho. Atendendo a categorias semânticas específicas que dão forma a esta característica fundamental do ser humano, ponderamos submeter a nossa perícopes ao ralo das coordenadas da hospitalidade, inerentes a qualquer relato sobre a hospitalidade, onde Jesus é protagonista. O resultado final corrobora a existência de um esquema, função e tipologia da hospitalidade no relato de Zaqueu, como segundo momento deste caminho paradigmático.

### *2.1 A hospitalidade do Evangelho de Lucas a Zaqueu*

O tema da hospitalidade é transversal a toda a Sagrada Escritura. No AT, define-se como um assunto vasto e complexo, prefigurada que está na imagem do hóspede que passa e pede o que lhe falta (Pr 27, 8). Além disso, pode apresentar-se como recordação primordial de Israel na sua condição passada de estrangeiro escravizado (Lv 19, 33ss); agradecimento por uma cortesia recebida (Ex 2, 20). É vista como direito universal (Gn 29, 1-14)<sup>201</sup>.

Por conseguinte, no NT, o tema da hospitalidade mantém uma linha de continuidade com os escritos da hospitalidade veterotestamentária. Tendo presente este elemento,

---

<sup>200</sup> Cf. J. VITÓRIO, «“E procurava ver quem era Jesus”: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10»..., 24.

<sup>201</sup> Cf. P. M. GALOPIN – M. F. LACAN, «Hospitalidad», in X. LÉON-DUFOUR, *Vocabulario de Teología Bíblica*, 399-400.

podemos concluir que «o dever humano da hospitalidade humana não é senão um débil reflexo da generosidade e da hospitalidade divina (Lc 14, 15-24)»<sup>202</sup>.

No tocante à gramática, estilo e género literário, podemos distinguir, no NT, três tipos de texto de hospitalidade: o declarativo, o exortativo e o narrativo. Eles distinguem-se na forma literária, dado que o objectivo transversal a todos eles é o de afirmar a hospitalidade como procedimento a observar na proposta cristã<sup>203</sup>. Neste seguimento, a perícopie em análise e a grande parte dos textos de tradição lucana situam-se dentro dos textos narrativos, sendo este um dos que mais e melhor trabalha a hospitalidade/comensalidade.

Como acima referimos, este episódio, único na tradição de Lucas, localiza-se na sexta etapa (Lc 18, 31-19, 28) do caminho de Jesus para Jerusalém (Lc 9, 51 – 19, 28) e, especificamente, na secção das «parábolas da misericórdia» (Lc 15-19)<sup>204</sup>. A hospitalidade na casa de Zaqueu tem como protagonista Jesus que «o acolhe e o reintegra na comunidade e nos planos de salvação do próprio Deus: “hoje aconteceu a salvação nesta casa” (Lc 19, 9). De acolhido, Jesus torna-se Aquele que verdadeiramente acolhe»<sup>205</sup>.

O mistério da hospitalidade apresenta-se como uma variante da caridade. Surge como meio essencial para a mensagem cristã chegar a todos e também como um instrumento de cura. Quer neste relato, quer em todo o escrito de Lucas, a estratégia é utilizar a credibilidade que Jesus ganhou ao longo do seu ministério junto dos mais pobres do povo para que esta sua característica «extravagante» seja aceite e respeitada pelos seus seguidores. Na realidade, o seu acolhimento aos pecadores e publicanos tem por objectivo reintegrar e encontrar os perdidos (os excluídos e marginalizados). Os encontros à mesa com Jesus são «ocasião de

---

<sup>202</sup> M. J. SELMAN, «Ospitalità», in A. M. PIAZZONI – P. OCCHIPINTI, *Grande Enciclopedia Illustrata della Bibbia*, II, 494.

<sup>203</sup> Cf. J. A. CORREIA, *op. cit.*, 237.

<sup>204</sup> Cf. R. A. MONASTERIO – A. R. CARMONA, *op. cit.*, 389.

<sup>205</sup> J. A. CORREIA, *op. cit.*, 251.

inverter as relações piramidais da sociedade, tanto pelos hóspedes que se sentam (pobres e marginalizados), como pela valorização daqueles que acolhem»<sup>206</sup>.

Quanto ao género literário, o episódio de Zaqueu comporta-se dentro da categoria das refeições hebraicas de hospitalidade, onde «o acolhimento, a comensalidade e o ensinamento são sempre registados com traço indelével e cerzidos de forma elaborada e discreta»<sup>207</sup>.

### *2.1.1 Coordenadas da hospitalidade em Lc 19, 1-10*

Analisando todos os relatos de hospitalidade do Evangelho de Lucas<sup>208</sup>, podemos reconhecer um esquema narrativo típico, constituído pelas coordenadas que se seguem: passagem do hóspede, o acolhimento do hóspede, o serviço ao hóspede, a oposição ao hóspede e a palavra do hóspede<sup>209</sup>.

Em cada categoria semântica ou coordenada que se segue procedemos à exposição dos versículos que a sustentam e apresentamos um breve comentário a cada momento chave desta hospitalidade cativante.

#### *a. Passagem do hóspede*

No exercício da sua missão, Jesus assume o papel de protagonista em cada um dos relatos da hospitalidade do terceiro Evangelho. Esta perícopé inicia-se com a notícia da passagem do hóspede.

<i>Lc 19, 1</i>	«E atravessava Jericó».
<i>Lc 19, 5a</i>	«E quando chegou ao lugar».

<sup>206</sup> E. FRADES, «La práctica de la Misericordia de Jesús», in *Iter* 29 (2002), 133.

<sup>207</sup> J. A. CORREIA, *op. cit.*, 246. Para além do acolhimento feito na casa de Zaqueu, podemos apresentar outros episódios onde a hospitalidade acontece: em Betsaida (Lc 9, 10-17), em casa de Marta (Lc 10, 38-42), em Emaús (Lc 24, 13-35) e em Jerusalém (Lc 24, 36-49).

<sup>208</sup> Relatos de Hospitalidade no Evangelho de Lucas: hospitalidade em casa de Levi (Lc 5, 27-32); em casa de Simão (Lc 7, 36-50); em casa de Marta e Maria (Lc 10, 38-42); em casa de um fariseu (Lc 14, 1-6); em casa de Zaqueu (Lc 19, 1-10).

<sup>209</sup> Algumas destas coordenadas foram recolhidas da obra de J. A. CORREIA, *op. cit.*, 251-262.

A passagem por aquele lugar era inevitável. Porém, o objectivo não era provocar um encontro em busca de hospitalidade, nem sequer atrasar a sua chegada a Jerusalém, mas procurar e salvar o que estava perdido<sup>210</sup>.

Nesta vértebra narrativa, onde se relata a passagem do hóspede, podemos realçar as seguintes formas verbais, porquanto estas perpetuam o movimento do hóspede durante o seu ministério: ἐρχομαι/vir (Lc 19, 5.10); εἰσέρχομαι/entrar (Lc 19, 1.7); διέρχομαι/atravesar (Lc 19, 1.4). É interessante notar que a obra do próprio Jesus e a divulgação da Igreja primitiva foram facilitadas pela prática comum da hospitalidade, muito presente nas suas viagens e encontros que, em diversos locais ou contextos, foram acontecendo.

#### *b. Acolhimento do hóspede*

O primeiro impacto activo da hospitalidade está no acolhimento daquele que chega. Por isso, explícita ou implicitamente, é incontornável quer a alusão ao acolhimento, quer a menção à casa e/ou mesa.

<b>Lc 19, 5b-6</b>	«[...] “Zaqueu, desce depressa, pois hoje é necessário eu permanecer em tua casa”. Ele desceu imediatamente, e recebeu-O cheio de alegria».
--------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Será importante referir que a única vez que Jesus se autoconvida e se hospeda em casa de um chefe de publicanos acontece nesta perícopa (Lc 19, 5b)<sup>211</sup>. Ao contrário de todas as normas de conduta social e correto comportamento religioso, Jesus entra na casa de Zaqueu, o que resulta em grande frenesim e escândalo. «Zaqueu obtém muito mais do que havia esperado. Uma personagem tão célebre hospeda-se em casa de um minúsculo cidadão, cheio de iniciativas»<sup>212</sup>. O acolhimento de Jesus devolve-lhe a dignidade perdida.

<sup>210</sup> Cf. I. M. FORNARI-CARBONELL, *La escucha del huésped (Lc 10, 38-42). La hospitalidad en el horizonte de la comunicación*, 77.

<sup>211</sup> Cf. J. A. CORREIA, *op. cit.*, 252.

<sup>212</sup> J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, IV. Traducción y comentario (Capítulos 18, 15 – 24, 53)*, 63.

Tendo presentes estes elementos, devemos realçar a terminologia que o evangelista usou para espelhar o acolhimento feito por Zaqueu: μένω/permanecer, albergar-se, habitar (Lc 19, 5); ὑπεδέχομαι/receber em casa, hospedar (Lc 19, 6); e καταλύομαι/alожar-se em casa de (Lc 19, 7). Como substantivo, podemos realçar a alusão à casa (οἶκος), lugar onde a hospitalidade acontece.

### *c. Serviço ao hóspede*

A recepção do hóspede subentende o dever do serviço ao mesmo, exteriorizado em atitudes concretas, onde se realça a vontade de receber Jesus por parte de Zaqueu.

<b>Lc 19, 6</b>
-----------------

«Ele desceu imediatamente, e recebeu-O cheio de alegria».
-----------------------------------------------------------

Perante a chegada de Jesus, Zaqueu não hesita. A primeira atitude, perante um hóspede desta importância, está sustentada na alegria daquele homem, «comovido com a amizade que Jesus lhe oferece sem nada pedir, a não ser que O receba em sua casa»<sup>213</sup>. Por conseguinte, nada se diz sobre a possível «fé» do chefe de cobradores de impostos, mas apenas há referências ao modo alegre com que ele recebe Jesus em sua casa, sem um arrependimento prévio, nem uma preocupação repentina por mudança de vida. Isso teria espaço mais tarde. Pela primeira vez, sentia-se acolhido por um homem de Deus.

### *d. Oposição ao hóspede*

Após a chegada do hóspede e da situação anteriormente relatada, todos os relatos da hospitalidade passam, imediatamente, por apresentar atitudes de oposição ao hóspede. Neste relato, a objecção surge por parte da multidão, traduzida na não aceitação das palavras de Jesus.

---

<sup>213</sup> A. PUIG, *Jesus, uma biografia*, 414.

<b>Lc 19, 7</b>	«E vendo isto, todos murmuravam dizendo: foi hospedar-se junto de um homem pecador».
-----------------	--------------------------------------------------------------------------------------

Perante uma atitude de hospitalidade, podemos sempre encontrar, nos relatos bíblicos, intervenientes que discordem com acções ou palavras de Jesus<sup>214</sup>. Efectivamente, todas as acções que Jesus protagonizava tinham sempre dois objectivos: por um lado, dirigir-se ao sujeito passivo directo (cura, compreensão e salvação) e, por outro, questionar os adversários, podendo estes reagir em autodefesa e recusa<sup>215</sup>. Este comportamento de Jesus, que consistia em oferecer o seu acolhimento e o perdão de Deus aos pecadores, provocava escândalo e indignação.

Nesta coordenada, podemos encontrar um vocabulário muito explícito, à semelhança do que se verificou nas atitudes de objecção: διεγόγγυζον/murmuravam (Lc 19, 7). Contudo, podemos também encontrar uma partícula declarativa: ὅτι/que (Lc 19, 7).

#### *e. Palavra do hóspede*

Lucas serve-se continuamente deste género de relatos para elencar ideias ou ensinamentos, expressos pelas palavras do hóspede.

<b>Lc 19, 9-10</b>	«Então, Jesus disse-lhe: “Hoje aconteceu a salvação nesta casa pois ele é também filho de Abraão; Portanto, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido”».
--------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

No fundo, as palavras do hóspede são ensinamentos que acontecem em circunstâncias muito próprias, definindo-se como atributos de uma pregação mais extensa e prolongada que

<sup>214</sup> Discórdia por parte da multidão em diversos relatos de hospitalidade: está rodeado de publicanos e pecadores (Lc 5, 30; 19, 7); não se apercebe do tipo de mulher que se abeira dele (Lc 7, 39); parece tolerar a incoerência entre Marta e Maria (Lc 10, 40); permite a presença de um hidrópico e cura-o (Lc 14, 2-4); não cumpre as normas da ablução ritual (Lc 11, 38).

<sup>215</sup> Cf. J. A. CORREIA, *op. cit.*, 258.

acontece ao longo de todo o caminho para Jerusalém. Efectivamente, «o mais importante dos relatos de hospitalidade cifra-se nas palavras do hóspede. Como hóspede, ensina. É apreciável o dom da sua presença e o seu ensinamento»<sup>216</sup>.

A conduta de Jesus era surpreendente. Não se dirige aos perdidos em nome de um juiz irritado por tantas ofensas, mas com o amor enternecedor de Pai. Nenhum outro profeta tinha feito tal. As refeições e as palavras que proferia com «pecadores» eram dos traços mais surpreendentes e originais de Jesus: «os pecadores eram os seus companheiros de mesa e os publicanos e as prostitutas gozavam da sua amizade»<sup>217</sup>. Jesus apresenta Deus, dirigindo-se a um pecador como um pai que tenta recuperar o seu filho perdido.

Por conseguinte, este relato é dos poucos onde o hóspede refere explicitamente qual a sua missão, afirmando: «Portanto, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido» (Lc 19, 10). «Ele não veio só proclamar o Reino de Deus (Lc 4, 43) ou dar cumprimento às profecias de consolação do livro de Isaías (Lc 4, 18-19), mas actuar como pastor do seu povo descarrilado»<sup>218</sup>. Jesus não só inverte a lógica farisaica no acolhimento que faz aos pecadores, mas também no juízo que faz do comportamento dos que se consideram justos. Pois, enquanto os pecadores se mostram dispostos a reconhecer a sua condição diante da Palavra que provém de Deus, os que se têm por justos fecham-se e recusam a oferta da salvação<sup>219</sup>.

Quanto ao vocabulário usado, podemos realçar o uso do verbo λέγω, por meio do qual, recorrendo ao indicativo aoristo, o evangelista coloca Jesus como promotor da iniciativa da acção.

---

<sup>216</sup> I. M. FORNARI-CARBONELL, *op. cit.*, 80.

<sup>217</sup> J. A. PAGOLA, *op. cit.*, 205.

<sup>218</sup> J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, IV. Traducción y comentario (Capítulos 18, 15 – 24, 53)*, 66.

<sup>219</sup> Cf. J. T. MENDONÇA, *op. cit.*, 207.

### 2.1.2 Hospitalidade – esquema, função e tipologia no relato de Zaqueu

Após uma análise textual do episódio de Zaqueu, usando categorias e/ou coordenadas previamente delineadas, podemos concluir que Lucas adopta um esquema narrativo típico, tal como acima referimos. Neste esquema encontramos três personagens: o que recebe a hospitalidade (Jesus), o que oferece a hospitalidade (Zaqueu) e um personagem que se opõe à hospitalidade que acontece (multidão).

Efectivamente, «o acolhimento é o eixo em torno do qual se organiza a estrutura dos relatos»<sup>220</sup>. No entanto, o aparecimento de um terceiro elemento que provoque conflito (multidão) é fulcral para revelar o sentido do acolhimento do hóspede. «O verdadeiro acolhimento exprime-se muitas vezes na atitude deste terceiro personagem e as palavras de Jesus oferecem a razão do acolhimento que este manifesta»<sup>221</sup>.

Por conseguinte, o objectivo final do relato de Zaqueu reside na necessidade de transmitir um concentrado de ensinamentos que são apresentados pelo hóspede, através do seu acolhimento e das suas palavras. Neste episódio do chefe de cobradores de impostos, Jesus autoconvida-se. Não obstante, este convite é um pretexto necessário para que o diálogo e, em seguida, a hospitalidade aconteçam.

Concluindo, podemos dizer que «a introdução geralmente está composta em forma narrativa. Depois passa-se ao diálogo, introduzido frequentemente por uma questão a que Jesus responde. É assim que o acolhimento hospitaleiro se converte em ocasião para entrar em discussão. Dá-se prioridade à palavra, à escuta, à revelação e ao respectivo acolhimento, pois o acolhimento de Jesus traduz-se definitivamente no acolhimento da sua revelação»<sup>222</sup>.

Não obstante haver um esquema transversal aos relatos da hospitalidade, cada um tem a sua especificidade quanto ao simples acolhimento do hóspede, ao acolhimento da sua palavra,

---

<sup>220</sup> J. A. CORREIA, *op. cit.*, 263.

<sup>221</sup> I. M. FORNARI-CARBONELL, *op. cit.*, 82.

<sup>222</sup> *Ibid.*, 83.

à sua actuação e à sua missão<sup>223</sup>. Neste relato, Zaqueu acolhe não só a pessoa e a sua acção, mas também o que Ele transmite através da Sua Palavra (Lc 19, 10: «Portanto, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido»).

Em suma, podemos ressaltar que um dos atributos do terceiro Evangelho é a hospitalidade e/ou o acolhimento, uma vez que em nenhum outro estes temas são tratados com tanto afincamento.

### **3. Salvar, terceiro momento da misericórdia**

Naturalmente, o último degrau deste paradigma de concretização da misericórdia no ministério de Jesus, particularmente no episódio de Zaqueu, fica reservado ao que todos ansiamos: a salvação. Começando no Evangelho, em geral, até à perícopa de Lc 19, 1-10, em concreto, o fio condutor do pensamento lucano é, inexoravelmente, o movimento salvífico advindo de Cristo, Salvador<sup>224</sup>. Especificando o conceito, pautamo-nos por uma rigorosa problematização do termo «salvação» na perícopa em estudo (cf. Lc 19, 9.10). Como último «apeadeiro», elencamos que a salvação define-se através de um ritmo cheio de movimentos impacientes, mas bem delimitados: em primeiro lugar, de quem parte a iniciativa; em segundo, como é recebida, caso seja aceite (liberdade); e, por último, as consequências que essa recepção origina. O modo como é recebida, o momento singular (σήμερον) e o lugar onde acontece categoricamente esta oferta gratuita (οἶκος) são apenas alguns itens acerca dos quais achamos pertinente discorrer algumas considerações.

#### *3.1 A salvação, no Evangelho de Lucas*

A salvação é um dos temas mais importantes da teologia lucana. Lucas une, com grande diligência, a história e a teologia. A história revela o projecto unitário de Deus de salvar os

---

<sup>223</sup> Cf. I. M. FORNARI-CARBONELL, *op. cit.*, 78.

<sup>224</sup> Cf. J. T. MENDONÇA, *op. cit.*, 209.

homens, processo começado já no AT e realizado no «hoje» de Jesus Cristo, de modo absoluto. «Proporcionalmente, Lucas e Actos empregam mais vezes a palavra salvação do que todo o resto do NT»<sup>225</sup>.

No terceiro Evangelho, estabelece-se uma ligação mais explícita entre salvação e fé, abrindo o primeiro termo a uma significação total. A salvação identificar-se-ia, assim, com «uma intervenção divina que atinge o homem no profundo da sua vida e do seu ser»<sup>226</sup>, e não apenas como restabelecimento físico: «Na mentalidade lucana, a salvação é um dos efeitos mais importantes do acontecimento de Cristo»<sup>227</sup>.

Efectivamente, Jesus aparece como resposta aos desejos íntimos de toda a humanidade (judeus e gentios), oferecendo a autêntica salvação e incitando-os a abandonar as «falsas salvações».

Segundo Lucas, a salvação que Jesus oferece ao homem cobre diversos aspectos, a saber: livrar do pecado<sup>228</sup>, de Satanás e de seus demónios<sup>229</sup>, da dor e da enfermidade<sup>230</sup>, da morte<sup>231</sup>, da incredulidade, dos incrédulos e dos ídolos<sup>232</sup>, restabelecer a identidade perdida (Lc 19, 1-10).

Para melhor expormos o tema da salvação em Lucas, importa delinear alguns pontos de reflexão que distam o Evangelho de Lucas dos restantes Evangelhos e escritos do NT.

Primeiramente, Deus é apelidado de Salvador (1, 47.69-73.76-78; 2, 30; 3, 6). Jesus apresenta-se mais como porta-voz do doador da salvação do que como doador da mesma. «Deste modo, Ele actua como agente ou intermediário de Alguém, com o qual o beneficiário da salvação (Zaqueu) terá que manter uma relação de fé»<sup>233</sup>. Não obstante, em Lc 2, 11, o

---

<sup>225</sup> R. A. MONASTERIO – A. R. CARMONA, *op. cit.*, 417. Um total de 26 ocorrências deste tipo de vocabulário, algumas destas são Lc 2, 11; 4, 18-21; 19, 9; Act 2, 47; 5, 31; 13, 23.26; 16, 17; 28, 28)

<sup>226</sup> A. GEORGE, «L'emploi chez Luc du vocabulaire de salut», in *New Testament Studies* 23 (1977), 313.

<sup>227</sup> J. T. MENDONÇA, *op. cit.*, 210.

<sup>228</sup> Lc 5, 20-26; 7, 50; 24, 47.

<sup>229</sup> Lc 7, 21; 8, 36; 9, 32-37; 11, 14-22; 13, 10-17.

<sup>230</sup> Lc 5, 12-16.17-26; 6, 9-18s; 7, 1-10.21-23; 8, 43-48; 17, 11-19; 18, 35-42.

<sup>231</sup> Lc 7, 11-17; 8, 49-56.

<sup>232</sup> Cf. R. A. MONASTERIO – A. R. CARMONA, *op. cit.*, 418.

<sup>233</sup> H. ALVES, «Jesus Cristo, Salvador», in *Bíblica* 5 (1996), 68.

termo «Salvador» é aplicado ao próprio Jesus, uma vez que Ele é a presença viva de Deus no meio da humanidade. O desígnio de Deus consiste na salvação da humanidade. Este desígnio salvífico realiza-se na história humana, por meio da actividade de Jesus. Lucas é o único evangelista, de entre os sinópticos, que atribuí a Jesus o título de Salvador, tal como acima referimos.

Em segundo lugar, podemos destacar que a salvação em Lucas aparece como realização das promessas feitas. «Assim, trata-se de um acontecimento (salvação) que está em íntima ligação com a já operada e preparada por Deus (Lc 2, 31) e anunciada no AT para os tempos do messias (Lc 3, 1-6)»<sup>234</sup>. A salvação anunciada e esperada por Isaías (Is 25, 9; 26, 18; 45, 17; 61, 1) acontece, realmente, no ministério de Jesus (Lc 4, 18-22; 7, 22).

Outra particularidade da concepção histórico-salvífica de Lucas é a sua abertura ao universalismo, na medida que esta salvação aparece como uma promessa para a colectividade do povo. É oferecida e concretizada em indivíduos, durante o mistério de Jesus (Zaqueu): «Sem dúvida, no Evangelho segundo Lucas e no livro dos Actos, as referências de tipo universalista são tão claras e tão abundantes que não deixam a menor dúvida de que esta temática é uma das preferidas do terceiro Evangelho»<sup>235</sup>. O episódio da conversão de Zaqueu define-se como uma das passagens mais ilustrativas na relação entre a figura de Abraão e a salvação representada na pessoa de Jesus. No final do relato, Jesus diz uma frase extraordinariamente significativa: «Hoje aconteceu a salvação nesta casa pois ele é também filho de Abraão» (Lc 19, 9).

Uma característica imprescindível na soteriologia do terceiro Evangelho é o facto de esta não estar necessariamente ligada a uma salvação futura. Pelo contrário, a salvação acontece no momento presente – «Hoje» (Lc 19, 9) –, concretizando-se na vida dos

---

<sup>234</sup> H. ALVES, *art. cit.*, 69.

<sup>235</sup> J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, I. Introducción General*, 314.

beneficiários<sup>236</sup>. Assim sendo, esta salvação presente pode ocorrer de dois modos: físico (Lc 6, 9; 7, 3; 8, 48) – expulsão de um demónio (Lc 8, 36), ressurreição (Lc 8, 50), purificação de um leproso (Lc 17, 19); ou espiritual – perdão de uma pecadora (Lc 7, 50) ou de um rico pecador (Lc 19, 9). Esta salvação presente e não corporal é referência inquestionável na teologia de Lucas<sup>237</sup>, pois, pela fé, a salvação unifica todas as transformações e faz com que as curas físicas se tornem símbolo de uma transformação mais profunda. À semelhança do episódio de Zaqueu, podemos concluir que, em Lucas, a cura interior é mais relevante do que a cura física.

Ainda perante as diferenças entre Lucas e os restantes escritos do NT, podemos realçar outro detalhe pertinente para o estudo da perícopes de Lc 19, 1-10: a tradição lucana apresenta-nos Jesus como salvador dos pobres e dos pequenos, contrariamente aos sistemas humanos de salvação, que se caracterizam pela parcialidade, uma vez que não cobrem todas as necessidades do homem e frequentemente marginalizam os que não têm os seus meios (dinheiro, poder, prestígio). A salvação gratuita oferecida por Jesus é total, uma vez que cobre todas as necessidades do homem, e chega a todos, privilegiando os marginalizados<sup>238</sup>. Gratuita tem a significação teológica de ser da graça.

Em último lugar, para um estudo da teologia da salvação em Lucas, é crucial notar a influência dos Evangelhos da infância (Lc 1 – 2), que estão saturados de expressões soteriológicas. Os dois primeiros capítulos de Lucas explicitam todo o desenrolar do drama da salvação concretizada no restante da obra de Lucas<sup>239</sup>.

---

<sup>236</sup> Cf. H. ALVES, *art. cit.*, 69.

<sup>237</sup> Cf. A. GEORGE, «L'emploi chez Luc du vocabulaire de salut»..., 315.

<sup>238</sup> Cf. R. ZEHNLE, «The Salvific Character of Jesus' Death in lucan Soteriology», in *Theological Studies* 30 (1969), 422.

<sup>239</sup> «Il ne serait pas difficile le montrer que l'évangile de l'enfance (Lc 1-2) est saturé d'expressions soteriologiques: rappelons-nous le *Magnificat* qui place Dieu à l'intermédiaire du Messie davidique, le cantique de Siméon qui s'achève par ces mots: "Mês yeux ont vu ton salut, celui que tu as préparé à la face de tous les peuples, lumière de révélation pour les nations et gloire de ton peuple Israël" (Lc 2, 30-32)» (F. BOVON, *L'oeuvre de Luc. Études d'Exégèse et de Théologie*, 169).

Tal como vimos, a salvação oferecida por Jesus tem destinatários concretos. Primeiramente, o grupo dos pecadores. Preside a este privilégio uma razão teológica – «radica na misericórdia de Deus Pai, que deseja ardentemente o regresso dos seus filhos a sua casa»<sup>240</sup> (Lc 7, 37; 19, 7). O episódio de Zaqueu integra este primeiro grupo dos pecadores públicos que aparecem no plano principal da obra de Jesus.

Os segundos destinatários são os pobres. Este grupo forma um conjunto heterogéneo, integrando, em si, duas realidades: os pobres-miseráveis e os que vivem na pobreza como austeridade (Lc 12, 15-21)<sup>241</sup>.

Os últimos destinatários da mensagem salvífica, em Lucas, são os samaritanos e as mulheres. Estes blocos marginalizados pela sociedade são tidos por Jesus como privilegiados: «Jesus cura-as (Lc 8, 43-48; 13, 10-17), defende-as (Lc 7, 36-50; 13, 10-17), perdoa-as (Lc 7, 36-50) e ressuscita uma jovem (Lc 8, 49-56)»<sup>242</sup>.

Tão importante como aprofundar a mensagem soteriológica inerente aos escritos lucanos é a pertinência de explicitar os procedimentos que Lucas propõe para aceder à salvação: a escuta da Palavra como modo primordial de seguimento do Mestre, o desprendimento face aos bens terrenos e, por último, a oração. Antes de aclarar cada um destes modos, devemos ter presente que o caminho de Jesus até Jerusalém é um caminho de catequese para os discípulos. O mesmo é dizer que «nesta apresentação parenética (Lc 9, 51 – 19, 28), Lucas concentra uma série de ensinamentos morais, expostos sem ordem lógica e separados por vários blocos com alusões ao caminho»<sup>243</sup>.

A passagem de Zaqueu tem como tónica o perdão no caminho de Jesus, Salvador universal. Lucas apresenta a história de salvação como um caminho profético, programado e dirigido por Deus Pai, o protagonista que oferece a salvação por meio do Espírito Santo e dos profetas.

---

<sup>240</sup> R. A. MONASTERIO – A. R. CARMONA, *op. cit.*, 423.

<sup>241</sup> Cf. *Ibid.*, 423-424.

<sup>242</sup> *Ibid.*, 426.

<sup>243</sup> *Ibid.*, 391.

Tendo presentes estes elementos, podemos agora expor, ainda que de modo breve e concentrado, as três formas de acesso à salvação propostas pelo terceiro Evangelho.

Em primeiro lugar, a escuta da Palavra tem como finalidade o seu anúncio, destinado, tal como acima referimos, a todos os povos. Para Lucas, o anúncio deve estar radicado na escuta: «Escutar a Palavra de Deus é reconhecê-la como verdadeira e portadora de salvação; é por isso que, no Novo Testamento, escutar Jesus é reconhecê-lo como Filho de Deus, pela sua Palavra de verdade, como aquele que veio para salvar o homem da morte e comunicar-lhe a vida divina»<sup>244</sup>. Não obstante, na concepção lucana, o ser seguidor de Cristo inclui não só a aceitação dos ensinamentos de Jesus, concentrados na sua Palavra, mas também na identificação pessoal com o próprio estilo de vida do Mestre.

Assim sendo, o desprendimento perante as riquezas terrenas aparece na tradição lucana como condição *sine qua non* para ser discípulo de Cristo: «Qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo» (Lc 14, 33). Portanto, «na composição lucana, observa-se, já desde o começo do relato, uma fina sensibilidade e um marcado interesse pela diferença entre “os ricos” e “os pobres”»<sup>245</sup>. Um exemplo verdadeiramente típico desta preocupação pelo desprezo pelos bens terrenos é o de Zaqueu, que, apesar da sua condição de «chefe de cobradores de impostos e muito rico» (Lc 19, 2), é considerado como autêntico discípulo de Cristo pelo, modo como dispôs dos seus bens em prol de um bem maior: «Vê quantas partes dos meus pertences dou, Senhor, aos pobres, e se extorqui algo a alguém, devolvo quatro vezes mais» (Lc 19, 8).

Em terceiro lugar, devemos realçar a importância da oração como procedimento inquestionável para aceder à salvação. Ao contrário dos demais escritos do NT, Lucas dá uma extraordinária importância à comunicação com Deus, como clima no qual se desenvolve a

---

<sup>244</sup> S. CHILLÈ, «Escuta», in AA.Vv., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, 323.

<sup>245</sup> J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, I. Introducción General*, 419.

vida cristã<sup>246</sup>. A palavra aparece cerca de 70 vezes em Lucas e, se algumas vezes apresenta um Jesus orante, noutras esboça uma comunidade em fervorosa oração.

Devemos salientar ainda que o tempo de oração precede sempre acontecimentos fulcrais na caminhada de vida do Salvador, como o seu baptismo (cf. Lc 3, 21), a eleição dos doze (cf. Lc 6, 12), a declaração solene de Pedro e o seu primeiro anúncio da Paixão (Lc 9, 18), a transfiguração (cf. Lc 9, 28), o ensino da oração do «Pai-nosso» (cf. Lc 11, 2), a última ceia (Lc 22, 32) e a sua agonia no monte das Oliveiras (cf. Lc 22, 41), na cruz, momentos antes da morte (cf. Lc 23, 46)<sup>247</sup>.

Ao mesmo tempo que Lucas nos oferece uma panóplia de formas de oração, também nos apresenta diversos contextos que poderão ser usados para uma verdadeira comunicação com Deus, sinal e garantia da fé: «E Deus não fará justiça aos seus eleitos, que a Ele clamam dia e noite, e há-de fazê-los esperar? Eu vos digo que lhes vai fazer justiça prontamente. Mas, quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?» (Lc 18, 7-8).

Tendo presentes estes elementos, podemos concluir que o Evangelho mostra que a salvação chega ao homem através da actividade de Jesus, apresentada como programa messiânico: «o que fica demonstrado por Lucas é que fé e salvação passam necessariamente por Jesus»<sup>248</sup>. Como teremos oportunidade de explorar mais adiante, em Lc 19, 10, Jesus declara a sua missão: Jesus, aquele que oferecer ao ser humano a salvação.

### 3.2 Aproximação ao conceito de Salvação

Tal como acima tivemos oportunidade de destacar, Lucas estabelece uma ligação mais explícita entre salvação e fé, abrindo o primeiro termo a uma significação total<sup>249</sup>. Assim, o acontecimento categorial do momento salvífico (salvação) apresenta-se como uma

---

<sup>246</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, I. Introducción General*, 411.

<sup>247</sup> Cf. *Ibid.*, 412.

<sup>248</sup> J. T. MENDONÇA, *op. cit.*, 220.

<sup>249</sup> Cf. *Ibid.*, 208.

intervenção divina que penetra o ser humano até ao fundo da sua condição, convertendo-o. Na concepção lucana, a salvação é um efeito directo do ministério de Cristo, entre os homens. Aproveitamos a oportunidade para realçar que, dos três Sinópticos, Lucas é o único que intitula Jesus como Salvador (σωτήρ).

Quando olhamos para a globalidade do terceiro Evangelho, devemos prestar especial atenção ao que se segue:

<i>σωτήρ</i>	Lc 1, 47 (σωτήρῃ); 2, 11;
<i>σωτήριον</i>	Lc 2, 30; 3, 6;
<i>σωτηρία</i>	Lc 1, 69.71.77; 19, 9;
<i>σώζω</i>	Lc 6, 9; 7, 50; 8, 12.36.48.50; 9, 24.24; 13, 23; 17, 19; 18, 26.42; 19, 10; 23, 35.37.39.

Enquanto nos três primeiros capítulos predomina a substantivação, em detrimento do uso do verbo σώζω (salvar), no decorrer do Evangelho é notória a presença corrente do verbo acima enunciado, inclusivamente em formas verbais distintas. Este pormenor é salutar, pois, à medida que Jesus se aproxima de Jerusalém, vai declarando, através de acções concretas e preformativas, a sua missão: «O Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido» (Lc 19, 10).

Efectivamente, em Lucas é salientada a grande amplitude de significados do verbo σώζω. Este pode significar: em primeiro lugar, o resgate da morte, isto é, a salvação de um perigo mortal (Lc 23, 35.37.39) ou o fazer regressar da morte (Lc 8, 50); em segundo lugar, significa a ajuda recebida através das acções de Jesus<sup>250</sup>; em terceiro lugar, e o mais pertinente para o estudo do episódio de Zaqueu, o perdão para diversos pecadores (Lc 7, 50; 19, 10)<sup>251</sup>.

<sup>250</sup> Podemos encontrar vários exemplos ao longo do Evangelho: Lc 6, 9; 8, 48; 17, 19; 18, 42; 23, 35.

<sup>251</sup> Cf. W. RADL, «σώζω», in H. BALZ – G. SCHNEIDER (eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, 1642.

Note-se que a condição para se alcançar a salvação – seja a cura física ou espiritual – é, acima de tudo, voltar-se para Jesus com fé e esperança ou, pelo menos, não condicionar o encontro.

### 3.2.1 Especificidade do conceito soteriológico, em Lc 19, 9.10

Depois da breve sistematização do verbo «salvar» (σώζω) ao longo do terceiro Evangelho, importa agora centrar a atenção na especificidade dos conceitos, na perícope em estudo: *Salvação* (σωτηρία) e *Salvar* (σώζω), em Lc 19, 9.10 respectivamente, compreendendo o que é específico dos seus espectros semânticos, dentro da tradição lucana. Se, de facto, salvação (Lc 19, 9) permite uma compreensão da realidade clara e concreta que entra na casa de Zaqueu, através da pessoa de Jesus, por seu turno, salvar constitui um passo adiante neste aprofundamento, uma vez que concentra o labor de Jesus, composto de acções específicas e duradoiras, continuado ao longo dos séculos pela Sua Igreja, que tem Cristo por cabeça na unidade do Seu Espírito Santo<sup>252</sup>.

O episódio de Zaqueu resume a mensagem do terceiro Evangelho. Verificamos que este relato fecha a viagem de Jesus da Galileia para Judeia, já que se define como o clímax ou se comporta como o sentido do ministério de Jesus: salvar<sup>253</sup>.

#### a. Especificidade do conceito σωτηρία em Lc 19, 9

<b>Lc 19, 9</b>	«Então, Jesus disse-lhe: “Hoje aconteceu a <i>salvação</i> nesta casa pois ele é também filho de Abraão”».
-----------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Depois de ter aparecido em Lc 1, 5 – 4, 13, o substantivo «salvação» (σωτηρία) aparece novamente neste versículo do Evangelho da misericórdia. Não obstante, «o que significa exactamente é também aqui de veras muito difícil de dizer: o que se sabe é que depende da

<sup>252</sup> Cf. *Lumen Gentium*, 13.

<sup>253</sup> «Di questo testo è stato giustamente detto che esso riassume il messaggio del vangelo. Con questo racconto si conclude il ministero di Gesù in Galilea-Giudea. L'episodio de Zaccheo è un climax; dà il senso del ministero de Gesù: salvare» (S. ZEDDA, *Teologia della Salvezza nel Vangelo di Luca*, 74).

finalidade da vinda de Jesus, descrita com o infinito  $\sigma\omega\sigma\alpha\iota$ , no versículo sucessivo»<sup>254</sup>. Esta palavra grega aparece apenas três vezes fora do texto de Zaqueu em todo o Evangelho de Lucas (Lc 1, 69.71.77), especialmente no cântico de Zacarias. O texto em estudo aparece-nos, portanto, como ápice da soteriologia concentrada no cântico do *Benedictus*: «A promessa de salvação de Deus, que desenvolve-se na íntegra a partir do cântico do “Benedictus”, e põe fim a uma larga espera, realiza-se hoje (Lc 19, 9). Hoje chega a salvação a esta casa; o acontecimento da salvação faz-se presente, real. O relato mostra a profecia da salvação»<sup>255</sup>.

Neste versículo, a salvação é apresentada como a principal razão da permanência de Jesus na casa de Zaqueu. Embora o chefe de cobradores de impostos seja pecador, Jesus, com a sua palavra e a sua acção, vence o mal, fazendo com que a salvação seja uma realidade presente em toda a casa<sup>256</sup>. O efeito principal da vida e da morte de Cristo manifesta-se nas palavras de Jesus. Recuperar um perdido para uma renovada relação com Deus torna-se assim perfeitamente possível.

*b. Especificidade do conceito  $\sigma\phi\zeta\omega$  em Lc 19, 10*

<b>Lc 19, 10</b>	«Portanto, o Filho do Homem veio procurar e <i>salvar</i> o que estava perdido».
------------------	----------------------------------------------------------------------------------

No Evangelho de Lucas torna-se evidente a grande amplitude de significados do verbo  $\sigma\phi\zeta\omega$ : resgate da morte, salvação de um perigo mortal (Lc 23, 35.37.39) ou fazer regressar da morte (Lc 8, 50); ajuda fundamental que se recebe nas acções curadoras de Jesus (Lc 6, 9; 8, 48; 17, 19); perdão dos pecados (Lc 7, 50; 19, 10).

O que mais aliena as pessoas da sua condição de criaturas face ao Criador é o pecado. Da mesma forma que Jesus livra o indivíduo da sua culpa (Lc 7, 42.48) e o salva (v. 50),

<sup>254</sup> J. T. MENDONÇA, *op. cit.*, 220.

<sup>255</sup> F. C. MOLINA, *art. cit.*, 31.

<sup>256</sup> Cf. K. H. SCHELKLE, «σωτηρία», in H. BALZ – G. SCHNEIDER (eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, 1663.

assim também o «Deus conosco» (Mt 1,23) redime todo o povo dos seus pecados. Cristo vem ao mundo para salvar os pecadores. Efectivamente, isto equivale a dizer que Ele vem buscar os que estavam perdidos, ou longe de Deus, e fazê-los regressar (cf. Lc 19, 10)<sup>257</sup>.

A salvação, no sentido do regresso a casa, significa também arrependimento e conversão. O acto de salvar, como podemos ler neste versículo, assegura que Jesus vem, primeiramente, salvar o que andava desviado do seu caminho, mas que ansiava por ser encontrado. A perícopete termina com esta afirmação de Jesus, resumindo a sua missão de Filho do Homem. Com efeito, Ele tem de buscar e salvar o que se tinha perdido e queria ser encontrado. Lucas usa este conceito, sugerindo uma relação positiva entre justiça e perdão, expressa na procura e salvação do que estava perdido<sup>258</sup>.

### *3.3 Movimentos que salvam em Lc 19, 1-10*

Efectivamente, o tema da salvação, como fomos salientando ao longo do presente trabalho, aparece com muita frequência nos acontecimentos da vida pública de Jesus Cristo como meta fulcral do projecto divino para a humanidade<sup>259</sup>. Neste contexto, a «oferta da salvação» apresentada por Deus a Zaqueu, por intermédio de Jesus, aparece como um acontecimento em movimento constante, assente em três passos bem definidos no texto: em primeiro lugar, Deus como o protagonista desta oferta, feito representar por Cristo; em segundo, a resposta alegre de Zaqueu, assente numa recepção sincera da oferta, que só o é quando é aceite; e, por último, importa recordar que Zaqueu é salvo pela graça que Jesus vem trazer, acontecendo no *hoje*, como perpétuo presente, e em *casa*, onde a salvação acontece em acto.

---

<sup>257</sup> Cf. W. RADL, «σφζω», in H. BALZ – G. SCHNEIDER (eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, 1638.

<sup>258</sup> Cf. W. P. LOEWE, *art. cit.*, 326. Cf. F. BOVON, *L'oeuvre de Luc. Études d'Exégèse et de Théologie*, 170.

<sup>259</sup> Cf. D. GERBER, *Il vous este né un Sauver. La construction du sens sotériologique de la venue de Jésus en Luc-Acts*, 19.

### 3.3.1 Primeiro Jesus

Como sempre deve acontecer, começamos por analisar o ponto de partida, isto é, donde parte a iniciativa. Inquestionavelmente, a mensagem de salvação é oferecida por Deus, em Jesus: «A revelação cristã propõe que em Jesus Cristo estamos já radicalmente salvos. A revelação não vai do pecado para a salvação, mas sim da salvação para o pecado. A imagem de Jesus Cristo é assim determinada pela salvação que Deus oferece e comunica por pura benevolência e gratuidade»<sup>260</sup>. Quer neste episódio de Zaqueu, quer em toda a Sagrada Escritura, a conversão acontece sempre como efeito de uma causa: o apelo de Deus. O mesmo é dizer que em todos os escritos, que têm como tema a salvação, verificamos que a acção parte sempre de Deus que, por vezes, se serve de homens e mulheres como instrumentos de salvação<sup>261</sup>. Realmente, tanto neste episódio, como em todo o Evangelho de Lucas, vemos que a salvação chega ao homem através da actividade messiânica de Jesus, apresentada como um programa divino. O seu ministério constitui um acontecimento escatológico: «os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho» (Lc 7, 22).

Tal como exposto na secção do ver, é Jesus quem sai ao encontro do chefe de cobradores de impostos: «E quando chegou ao lugar, olhando para cima, Jesus viu-o e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje é necessário eu permanecer em tua casa”» (Lc 19, 5). Porém, a concretização da salvação trazida por Jesus aparece mais tardiamente no texto de Lucas: «Então, Jesus disse-lhe: “Hoje aconteceu a salvação nesta casa pois ele é também filho de Abraão”» (Lc 19, 9). O verbo γινώσκω (acontecer, chegar à existência, originar-se), no indicativo aoristo médio<sup>262</sup>, apresenta, de modo inquestionável, a salvação como acontecimento proveniente da iniciativa de Deus. Não obstante, esta acção surpreende Zaqueu, aquele que apenas «queria ver» (Lc 19, 3), acabando por ser visto. Sem muitas

<sup>260</sup> E. BUENO DE LA FUENTE, *op. cit.*, 106.

<sup>261</sup> Cf. L. CREMASCHI, «Salvação», in AA.VV., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, 791. Cf. também A. GEORGE, *Études sur l'oeuvre de Luc*, 357.

<sup>262</sup> Cf. G. NOLLI, *op. cit.*, 823.

palavras, apenas numa troca de olhares e em espontâneo movimento corporal, sem tempo para uma reflexão, é dado a conhecer o projecto salvador de Deus, pela mão de Jesus<sup>263</sup>.

Por outro lado, existe uma relação de correlação gradativa entre as secções anteriormente analisadas (*ver e acolher*) e a presente em análise (*salvar*), representada no quadro seguinte:

<i>Iniciativa na acção</i>	<i>Movimentos correlação gradativa</i>
<i>Jesus, sujeito da acção. A procura e a oferta concentram-se na mesma Pessoa, o Salvador. Esta condição acontece de modo precedente à própria vontade de Zaqueu.</i>	«[...] começava <i>atravessar</i> Jericó» (v. 1).
	«[...] <i>chegou</i> ao lugar [...]» (v. 5).
	«[...] <i>olhando</i> para cima [...]» (v. 5).
	«[...] <i>desce</i> depressa [...]» (v. 5).
	«[...] <i>hoje é necessário permanecer</i> em tua casa» (v. 5).
	«[...] <i>Aconteceu</i> a Salvação [...]» (v. 9).
	«[...] <i>procurar</i> e <i>salvar</i> o que estava perdido» (v. 10).

O Salvador toma a dianteira face ao pecador. De modo imperativo, dá a conhecer o seu projecto, premissa relevante no seu quadro deontológico de enviado do Pai – procurar e salvar o que está perdido – oferecendo, gratuitamente, a salvação inerente ao projecto salvador de Deus<sup>264</sup>.

Inexoravelmente, Jesus está no centro da história de salvação. O modo como está pode ser apresentado em três aspectos relevantes: Jesus como Profeta-Servo e Messias; Jesus, Salvador dos homens; e Jesus, «Senhor acima da história».

Lucas atribui a Jesus os títulos de Profeta e de Messias mais frequentemente do que os outros evangelistas<sup>265</sup>. O filho do Homem coloca em movimento a promessa feita no AT: «O

<sup>263</sup> Cf. D. GERBER, *op. cit.*, 19.

<sup>264</sup> Cf. *Ibid.*, 140. Cf. também em F. C. MOLINA, *art. cit.*, 41.

<sup>265</sup> Cf. G. SEGALLA, *Evangelho e Vangeli...*, 252. Estes títulos são usados em Lc 4, 24; 7, 16.39; 9, 8.19; 13, 33; 24, 19.

jejum que me agrada é este: libertar os que foram presos injustamente, livrá-los do jugo que levam às costas, pôr em liberdade os oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão» (Is 58, 6) ou «[...] para proclamar um ano da graça do Senhor, o dia da vingança da parte do nosso Deus» (Is 61, 2). Tem lugar n' Ele a profecia do Profeta-Servo, anunciado em Is 58, 6 e 61, 2, comportando-se como «Homem de Deus, enviado por Ele para trazer a revelação e salvação»<sup>266</sup>. Em Lc 4, 19, podemos encontrar a concretização desta promessa:

«Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade aos oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor”» (Lc 4, 19).

Realmente, Jesus coloca-se no vértice de toda a tradição e revelação do AT.

Por seu turno, «o título de Cristo/Messias, dado muitas vezes a Jesus, aproxima-o da designação dada à figura do Profeta-Servo, obediente a Deus até à morte»<sup>267</sup>. A dialéctica paixão-glória é o cumprimento da vontade de Deus já expressa na literatura veterotestamentária. O Cristo-Servo entra na sua glória e dá o Espírito, que espalhará o anúncio da salvação a todos os povos, revelando a iniciativa gratuita do Filho do Homem<sup>268</sup>.

Na verdade, podemos concluir que Jesus, no seio deste tratado soteriológico, não se comporta apenas como profeta que anuncia a salvação, mas faz acontecer a salvação que anuncia. Portanto, é o Salvador e está no centro da história humana. Entre os evangelistas, Lucas é quem mais vezes trata Jesus por «salvador» (Lc 1, 47; 2, 11), sendo que a salvação se define, nestes termos, como pura acção do Salvador (Lc 1, 69.71.77; 2, 30; 19, 9)<sup>269</sup>. No episódio de Zaqueu, concretamente, a salvação concentra-se numa dimensão messiânico-escatológica: «Então, Jesus disse-lhe: “*Hoje* aconteceu a salvação nesta casa pois ele é

---

<sup>266</sup> G. SEGALLA, *Evangelio e Vangeli...*, 252.

<sup>267</sup> *Ibid.*, 253.

<sup>268</sup> Cf. P. BOSSUYT – J. RADERMAKERS, *Jésus Parole de la Grâce selon saint Luc*, 405.

<sup>269</sup> Cf. G. SEGALLA, *Evangelio e Vangeli...*, 253.

também filho de Abraão; Portanto, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido”» (Lc 19, 9-10). Na qualidade de Ungido, Cristo vem oferecer a salvação aos pobres e pecadores, assumindo-se como imagem do Deus Misericordioso que perdoa e salva<sup>270</sup>.

Além de Salvador, Jesus é o «Senhor que está acima da história». Na cristologia lucana, encontramos, com grande incidência, o título cristológico *Kyrios* (103 vezes no Evangelho e 107 nos Actos dos Apóstolos) que concentra a reconhecida autoridade que só Jesus possuía. Assim, a salvação oferecida por Jesus, ao longo do seu ministério, sempre teve presente o carácter performativo da proposta. Na realidade, graças à sua reconhecida autoridade, a salvação inerente à sua missão, acontecia, convertia e permanecia<sup>271</sup>. Realmente, «Jesus Senhor é revelado com poderes divinos como alguém que está acima da história e a traz para o seu total cumprimento, mediante o Espírito Santo»<sup>272</sup>.

Em suma, devemos salientar que o cumprimento da salvação tem também um carácter cósmico, uma vez que não abarca apenas o mundo e a história, mas também o Céu. Assim sendo, faz todo o sentido apresentar a salvação como uma oferta que acontece antes da própria procura, invertendo a lógica mercantil humana (oferta mediante a procura).

Na qualidade de «centro da história da Salvação», Jesus aparece, tal como vemos no episódio de Zaqueu, de vários modos: em primeiro lugar, como Messias – Profeta – Servo, incumbido de concretizar a plenitude da promessa do AT; em segundo, como Salvador de todos os homens, no centro da salvação universal; e, por último, na posição de *Kyrios*, sobre a história que vai concretizando na presença da sua potestade salvífica e do Espírito Santo na Igreja, tal como prometera.

---

<sup>270</sup> Cf. S. ZEDDA, *op. cit.*, 96. Sobre este assunto, sugerimos a leitura de G. SEGALLA, *Evangelio e Vangeli...*, 254.

<sup>271</sup> Cf. J. B. GREEN, *The Gospel of Luke, the New International Commentary on the New Testament*, 670-671.

<sup>272</sup> G. SEGALLA, *Evangelio e Vangeli...*, 256.

### 3.3.2 Zaqueu, livre na resposta

No episódio em análise, perante o dom da salvação oferecido gratuitamente por Jesus, a decisão está, unicamente, na plena confiança e vontade de Zaqueu em acolher ou, porventura, em recusar esta oferta com que Deus o presenteia<sup>273</sup>. O amor de Deus não despreza o livre e ciente assentimento do receptor da salvação. Mesmo estando temporalmente presente, esta oblação não força nem se impõe, mas é tida como uma proposta, respeitando a liberdade como algo profundamente inerente ao ser criado à imagem e semelhança de Deus<sup>274</sup>.

Tendo em conta esta convicção fundante da proposta soteriológica da doutrina cristã, a salvação, assente na primordial condição de Deus – o amor –, é oferecida como possibilidade onde a vontade plena do Salvador permanece dissimulada até que Zaqueu responda e «esta aconteça» (cf. Lc 19, 9). É no amor que se dá a liberdade mais profunda, que é, talvez, a maior exigência da entrega pessoal. A liberdade cristã é um dom de Cristo Salvador que livra da situação de pecado ou faz emergir o sujeito para a sua verdadeira condição de filho de Deus<sup>275</sup>.

Concretamente, a fé advém de uma adesão livre. Esta experiência de Deus é selada com a recepção do baptismo, «que é uma verdadeira experiência da salvação»<sup>276</sup>, embora a iniciativa de Deus nunca dispense a resposta livre da fé – modo de responder à comunicação de Deus. A liberdade é o sabor da salvação, enquanto condição *sine qua non* para que esta aconteça<sup>277</sup>.

Contrariamente ao que a multidão murmurava, Zaqueu mostra-se livre perante o Salvador. O novo rumo que Jesus confere à vida do chefe de cobradores de impostos só acontece porque este o tornou possível, mediante a opção que tomou<sup>278</sup>. Não obstante,

---

<sup>273</sup> Cf. R. LAVATORI – L. SOLE, *op. cit.*, 221.

<sup>274</sup> Cf. L. F. LADARIA, *Teología del pecado original y de la gracia*, 281-282.

<sup>275</sup> Cf. *Ibid.*, 282.

<sup>276</sup> C. LESQUIVIT – P. GRELOT, «Salvation», in X. LÉON-DUFOUR, *Vocabulario de Teología Bíblica*, 829.

<sup>277</sup> Cf. M. M. CARVALHO, «Deus Trino princípio da salvação», in AA. VV., *A salvação em Jesus Cristo*, 169.

<sup>278</sup> Cf. D. GERBER, *op. cit.*, 146.

optar/responder não é perder a liberdade. Pelo contrário, quando Zaqueu responde com amor à dádiva de Deus, a experiência de liberdade é total.

Neste episódio, podemos falar de uma resposta a um apelo à conversão, enquanto convite de Deus à salvação<sup>279</sup>. No caso de Zaqueu, a resposta espontânea (Lc 19, 6.9) de quem recebeu o perdão gera a conversão. Habitualmente, os olhos humanos contemplan um processo diferente do de Zaqueu: pecado – apelo – conversão – perdão. Porém no agir da complacência divina, presente nesta perícope, o caminho de salvação é decididamente distinto: pecado – apelo – perdão – conversão<sup>280</sup>. Perante a iniciativa de Jesus (quem primeiro olha e fala, devolvendo a dignidade ao homem rico), Zaqueu coloca-se de pé. O cobrador de impostos, depois de ter respondido e aceite o olhar do Salvador, foi perdoado e agora já pode converter-se.

Este processo de conversão, bíblicamente, exprime a ideia de mudança radical de sentido. «No contexto do AT corresponde à tradução do hebraico *teshuvà*, da raiz *shuv*, que significa “andar no sentido oposto”. No grego do NT, a ideia de conversão é dada por dois termos: *metanoia*, que designa a mudança de mentalidade do homem, desejoso de se afastar do mal e *epistrophé*, que significa regresso, conversão»<sup>281</sup>. Converter-se é transformar em obras de misericórdia o perdão gratuitamente recebido por Deus, depois de aceitar livremente a sua oferta<sup>282</sup>.

Tal como vimos na secção do acolher, a salvação é *feita nascer* ou *acontece* (cf. Lc 19, 9) apenas porque é possível o contacto entre a pessoa de Jesus e Zaqueu, possibilitando a transformação de vida, que já era mesmo antes de ser: «Zaqueu sente-se atraído por uma iniciativa que o vem buscar ali onde está, na sua própria casa [...] quando a santidade e a

---

<sup>279</sup> Cf. J. L. PEÑA, *O dom de Deus. Antropologia Teológica*, 206.

<sup>280</sup> Cf. F. R. DARDER, *op. cit.*, 71.

<sup>281</sup> A. COLZANI, «Conversão», in AA.Vv., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, 218.

<sup>282</sup> Cf. F. R. DARDER, *op. cit.*, 71.

justiça se fazem misericórdia e amor, o coração do pecador vai-se abaixo. Sente-se “seduzido” e rende-se»<sup>283</sup>.

### 3.3.3 A salvação oferecida a Zaqueu

Tendo em vista o que foi enunciado anteriormente, devemos realçar que, desde que Jesus veio, todo o ser humano se tornou passível de ser salvo, independentemente da sua conduta ou pecado, exigindo-se apenas a sua vontade e procura interior. O NT retoma toda a economia da graça – «relação salvífica e vital entre Deus e o homem»<sup>284</sup> –, no Senhor Jesus, como mediador. Assim sendo, «a graça está ligada, portanto, à história da relação que o Deus de Jesus quis estabelecer com a humanidade: no seu Reino e no seu Espírito somos encaminhados para uma comunhão de vida com Deus e para a nossa condição gloriosa final, empenhando-se a oferecer esta possibilidade como dom»<sup>285</sup>.

Com o episódio de Zaqueu, estamos diante de um dos temas centrais do anúncio de Jesus: a comunicação da bondade insondável de Deus Pai – oblação gratuita –, força a partir da qual o ser humano tem a possibilidade de enfrentar a vida e a morte, dando-lhes todo o sentido<sup>286</sup>. O que Jesus faz advém, absolutamente, da total dádiva do dom gratuito recebido do Pai, com quem está em íntima relação, e não por mérito do homem que é salvo<sup>287</sup>.

Realmente, ao longo do texto, é notório que Jesus acolhe Zaqueu, mesmo antes da sua conversão. O seu modo de ser, bondoso e próximo, cativa o pecador e faz nascer a conversão<sup>288</sup>. Não obstante, a salvação acontece como dom gratuito, na própria casa de Zaqueu, fazendo germinar a conversão, mudança de vida. «O arrependimento e a recompensa de Zaqueu não são a razão da salvação que Jesus traz a sua casa e declara publicamente diante

---

<sup>283</sup> B. SESBOÜÉ, *Jesucristo, el único mediador. Ensayo sobre a redención y la salvación*, 160.

<sup>284</sup> J. L. PEÑA, *op. cit.*, 310.

<sup>285</sup> G. COLZANI, «Graça», in AA.Vv., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, 392.

<sup>286</sup> Cf. J. GNILKA, *op. cit.*, 95.

<sup>287</sup> Cf. R. LAVATORI – L. SOLE, *op. cit.*, 231.

<sup>288</sup> Cf. F. C. MOLINA, *art. cit.*, 35-36.

dos seus vizinhos. A salvação é um dom, não uma recompensa»<sup>289</sup>. Assim, a conversão aparece como consequência do acolhimento da salvação por parte do sujeito receptor e não de modo inverso: «Como núcleo e centro da sua Boa-Nova, Cristo anuncia a salvação, esse grande dom de Deus que é a libertação de tudo aquilo que oprime o homem, e que é libertação do pecado, na alegria de conhecer a Deus e de ser por ele conhecido, de o ver e de se entregar a ele»<sup>290</sup>.

Contudo, na história de Zaqueu, a gratuidade como característica da iniciativa de Deus é mal recebida ou apresenta-se como motivo de escândalo para os presentes. Mesmo que Jesus faça a vontade do Pai (cf. Mt 12, 50), o murmúrio do povo conduz o leitor para o alvoroço que esta oferta provocara e provoca<sup>291</sup>.

Curiosamente, na pessoa de Jesus Cristo, o filho de Deus feito homem, a boa notícia do Reino, onde a gratuidade da salvação se encontra, torna-se acontecimento histórico. No episódio de Zaqueu, a «salvação dada» está bem delimitada quanto ao tempo e quanto ao espaço, podendo concentrar-se em duas referências textuais espaço-temporais com grande teor teológico, que passamos a apresentar: *hoje* (σήμερον) e *casa* (οἶκος).

#### a. *Hoje* (σήμερον)

As duas únicas vezes que o termo aparece nesta perícopa coincidem quanto ao seu significado. O hoje pronunciado pelo Portador da Salvação corresponde ao momento do clímax, em que, depois de um longo tempo de espera, o inesperado acontece<sup>292</sup>.

O advérbio de tempo aparece 41 vezes no NT, das quais 6 no evangelho de Lucas, como se pode ver no quadro seguinte:

---

<sup>289</sup> T. HALÍK, *op. cit.*, 233.

<sup>290</sup> PAULUS PP. VI, *Evangelii Nuntiandi*, 9.

<sup>291</sup> Cf. A. SERGEY, *op. cit.*, 267-268.

<sup>292</sup> Cf. P. BOSSUYT – J. RADERMAKERS, *op. cit.*, 302.

<b>Lc 2, 11</b>	« <i>Hoje</i> , na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor»
<b>Lc 4, 21</b>	«Começou, então, a dizer-lhes: “Cumpru-se <i>hoje</i> esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir”»
<b>Lc 5, 26</b>	«Todos ficaram estupefactos e glorificaram a Deus, dizendo cheios de temos: “ <i>Hoje</i> vimos maravilhas”»
<b>Lc 19, 5</b>	«E quando chegou ao lugar, olhando para cima, Jesus viu-o e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois <i>hoje</i> é necessário eu permanecer em tua casa”»
<b>Lc 19, 9</b>	«Então, Jesus disse-lhe: “ <i>Hoje</i> aconteceu a salvação nesta casa pois ele é também filho de Abraão”»
<b>Lc 23, 43</b>	«Ele respondeu-lhe: “Em verdade te digo: <i>hoje</i> estarás comigo no Paraíso”»

A palavra σήμερον inaugura, em Lucas, uma nova cronologia, a era da salvação messiânica<sup>293</sup>. Não obstante, a actualidade deste tempo novo deve-se, primeiramente, à presença pessoal de Jesus, durante o seu ministério, e pelo Espírito Santo, no tempo reservado à Igreja, continuadora da Sua missão.

No Evangelho de Lucas, o primeiro hoje da salvação aparece no relato do nascimento de Jesus, anunciado aos pastores (cf. Lc 2, 8-20), usado no texto com o intuito de terminar o tempo da promessa e dar início ao tempo messiânico. À semelhança de Zaqueu, os pastores vêm ao encontro do Salvador, rejubilando de alegria. O gáudio é o sinal físico de uma pertença mais significativa, assente num modo concreto com que Zaqueu presenteia Jesus, quando este entra em sua casa (cf. Lc 19, 6), «uma demonstração genuína por parte de Zaqueu no momento em que abraça a salvação advinda de Jesus»<sup>294</sup>.

Ao ser colocado em posição enfática, no começo da frase (cf. Lc 2, 5; 19, 9), acentua-se a sua importância e significado: Jesus inaugura, com a sua pregação, o hoje da salvação. Porém, este hoje não se restringe ao período da presença histórica do enviado de Deus, mas a

<sup>293</sup> Cf. F. C. MOLINA, *art. cit.*, 46.

<sup>294</sup> J. B. GREEN, *op. cit.*, 670.

um tempo contínuo que se realiza na história da Igreja<sup>295</sup>. Assim sendo, a Igreja prossegue vivendo no hoje da salvação inaugurado por Jesus, mas buscando sempre realizar o hoje como tarefa imprescindível à sua condição.

Ao contrário, no relato da cura do paralítico (Lc 5, 17-26), o conceito em estudo aparece situado no final da frase. Assim sendo, a intenção do autor é realçar posicionalmente a reacção admirada e actualizada de todo o povo perante a autoridade e eficácia da palavra de Jesus<sup>296</sup>. Podemos assim concluir que o uso do termo «hoje», suportado na autoridade de Jesus, faz acontecer, no momento em que é proferido, a salvação mediante o perdão dos pecados concedido a um homem paralítico e pecador<sup>297</sup>.

Quase no término do Evangelho, aparece-nos um momento inesperado: a salvação acontece quando nada a fazia esperar. O processo que leva a este estado de vida é complexo, mas suficientemente adequado para o bom ladrão reconhecer na cruz a inocência de Jesus (Lc 23, 41), aceitar a sua culpabilidade perante os crimes que cometera (v. 41), dirigir-se a Jesus, chamando-o pelo seu nome e pedindo que se lembre dele quando estiver no seu Reino (v. 42)<sup>298</sup>. É neste contexto de grande densidade emocional que Jesus, respondendo à petição do bom ladrão, profere esta frase paradigmática: «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso» (Lc 23, 43). Possivelmente, o uso do termo *σήμερον* concentra a preocupação, por parte do evangelista, em corroborar o facto de Jesus ser capaz de salvar, fazendo da morte um passo para a vida, possibilitando que este homem concreto participe da salvação reservada junto a Ele. Com esta passagem, «o evangelista-teólogo arremata dizendo que estar no Paraíso quer dizer estar com Jesus»<sup>299</sup>.

No episódio de Zaqueu, o termo «hoje» aparece duas vezes (vv. 5.9), tal como indicado no quadro acima apresentado. No primeiro caso, Lucas não pretende aludir a uma paragem

---

<sup>295</sup> Cf. F. C. MOLINA, *art. cit.*, 43.

<sup>296</sup> Cf. C. A. ZICCARDI, *The relationship of Jesus and The Kingdom of God According to Luke – Acts*, 463.

<sup>297</sup> Cf. Cf. P. BOSSUYT – J. RADERMAKERS, *op. cit.*, 186.

<sup>298</sup> Cf. F. C. MOLINA, *art. cit.*, 45.

<sup>299</sup> *Ibid.*, 46.

provisória, mas à urgência do momento, daquele momento. Jesus quer fazer parar Zaqueu um momento, fazê-lo pensar, auto convidando-se. No segundo caso, «desenvolve-se um hoje salvífico, quando a salvação chega, nasce, manifesta-se. Indica o tempo da intervenção de Deus, momento da actualização do seu reino»<sup>300</sup>. Se no primeiro momento, vemos o espaço dado ao Salvador, no segundo salientamos o espaço dado à Salvação. Neste episódio, é impossível separar-se uma coisa da outra<sup>301</sup>. Por iniciativa de Jesus, a salvação é trazida à presença do homem rico e pecador, uma iniciativa salvífica que advém da vontade inequívoca de Deus.

Assim sendo, os textos insistem na pertinência da resposta dada por Zaqueu. Assim se percebe que a criatura de Deus tem necessidade de se abrir à actualidade da salvação: como os pastores, e não como a gente de Nazaré; como Zaqueu, e não como o povo que o critica e murmura. Realmente, uma nova cronologia é inaugurada por Lucas que, sempre que usa esta palavra, abre caminho para a Era da salvação messiânica<sup>302</sup>. Porém, devemos ter presente que a actualidade deste tempo novo fica a dever-se à inquestionável presença de Cristo. Esta faz acontecer (cf. Lc 19, 9) o hoje, o dia sem ocaso da salvação eterna, sempre presente<sup>303</sup>.

#### *b. Casa (oἶκος)*

À semelhança do que acima referimos, a casa, neste contexto, não remete apenas para o edifício, mas também e sobretudo para a família de Zaqueu. A solidariedade provocadora que Jesus propicia, ao entrar na casa de um pecador, contribui, de modo sintomático, para uma noção de pertença comum, inerente à definição de povo de Deus<sup>304</sup>.

---

<sup>300</sup> R. LAVATORI – L. SOLE, *op. cit.*, 229-230.

<sup>301</sup> Cf. *Ibid.*, 230.

<sup>302</sup> Cf. B. PRETE, «Prospettive messianiche nell'espressione semeron del Vangelo di Luca», in *Atti della XVIII settimana biblica*, 271.

<sup>303</sup> Cf. F. C. MOLINA, *art. cit.*, 47.

<sup>304</sup> Cf. F. VOUGA, *op. cit.*, 175-179.

<b>Lc 19, 5</b>	«E quando chegou ao lugar, olhando para cima, Jesus viu-o e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje é necessário eu permanecer em tua <i>casa</i> ”».
<b>Lc 19, 9</b>	«Então, Jesus disse-lhe: “Hoje aconteceu a salvação <i>nesta casa</i> pois ele é também filho de Abraão”».

Por definição, o conceito οἶκος pode variar entre «casa, comunidade familiar, família, bens e/ou pertences»<sup>305</sup>. Na obra de Lucas, especificamente neste episódio, encontramos, na mesma e única secção, o termo οἶκος com dois significados: casa (cf. Lc 19, 5) e casa/família de Zaqueu (cf. Lc 19, 9). Em Lc 19, 5, o termo desempenha a função de um complemento de lugar (onde), enquanto referência concreta ao edifício<sup>306</sup>. Por seu turno, em Lc 19, 9, o mesmo conceito remete para algo mais profundo, isto é, salienta-se a presença de um complemento de fim, no qual, segundo a concepção oriental, as próprias decisões e disposições do dono da casa discorrem, de modo assertivo, consequências para toda a sua família<sup>307</sup>. Com o sentido de família e/ou comunidade doméstica, é extramamente raro na Sagrada Escritura, aparecendo apenas 18 ou 19 vezes em todo o NT<sup>308</sup>.

Curiosamente, o conceito de «casa» concentra a ideia de pertença emocional que completa a geografia interior da história pessoal e assim pode definir-se como reflexo da alma<sup>309</sup>. O símbolo da casa delimita o espaço da vida privada, um lugar de protecção, demarcando uma fronteira entre a esfera privada e a esfera pública. O episódio de Zaqueu

<sup>305</sup> P. WEIGANDT, «οἶκος», in H. BALZ – G. SCHNEIDER (eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, 500.

<sup>306</sup> Cf. G. NOLLI, *op. cit.*, 820.

<sup>307</sup> «Secondo la concezione orientale le disposizioni del capofamiglia hanno conseguenze su tutta la casa» (*Ibid.*). «Altro tema caro a Luca è la “casa”: al v. 5 essa indica l’edificio materiale, mentre al v. 9 è intesa in senso personale, per significare Zaccheo e la sua famiglia» (R. LAVATORI – L. SOLE, *op. cit.*, 230).

<sup>308</sup> Cf. P. WEIGANDT, «οἶκος», in H. BALZ – G. SCHNEIDER (eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*, 506 (Mc 3, 25; 6, 4; Lc 19, 9; Jo 4, 53; 8, 35; Act 10, 2; 11, 14; 16, 15.31.33; 18, 8; 1 Cor 1, 16; 16, 15; 1 Tim 3, 4.12; 5, 4; 2 Tim 1, 16; 3, 6; 4, 19; Tit 1, 11; Heb 11, 7).

<sup>309</sup> Cf. F. VOUGA, *op. cit.*, 176.

representa, de forma exemplar, os movimentos do público para o privado e do privado para o íntimo e vice-versa<sup>310</sup>.

Ao abandonar o espaço público para dirigir-se ao interior, ou seja, à vida privada, Jesus cria um ambiente concretizado numa mudança espiritual que se vai expressar de imediato numa transformação a nível social do personagem. «Quando Jesus entra em sua casa, tem lugar uma catarse – limpeza e purificação: arrependimento, conversão, cura, recuperação daquele que se tinha perdido»<sup>311</sup>. Intencionalmente, Jesus cria uma ponte entre algo que parecia mais um hiato, não uma mera distância. Para o Salvador, nada é impossível, tudo depende, apenas, da vontade e da fé daquele que recebe a sua proposta de salvação que ocorre em locais de intimidade e onde os objectos falam pelas personagens, como acontece no episódio de Zaqueu<sup>312</sup>.

Realmente, a afirmação de Jesus (cf. Lc 19, 9) alberga uma conotação mais ampla. Enquanto visita esta casa, Jesus é portador da salvação. Não obstante, podemos concluir que este acontecimento, em casa de Zaqueu, provoca uma reacção (murmúrio). Este pormenor é relevante para uma leitura profunda do episódio<sup>313</sup>.

---

<sup>310</sup> Cf. F. VOUGA, *op. cit.*, 179.

<sup>311</sup> T. HALÍK, *op. cit.*, 231.

<sup>312</sup> Cf. A. M. CHAPLEAU, «Quand le salut advient pour une maison. Lecture de Luc 19, 1-10 (2.<sup>a</sup> partie)», in *Sémiotique et Bible* 144 (2011), 31.

<sup>313</sup> Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas, IV. Traducción y comentario* (18, 15 – 24, 53), 65.

## CONCLUSÃO

*Dar corpo ao itinerário de Misericórdia.* Embora se tenha mostrado um trabalho árduo, exigente e com dificuldades inerentes ao estudo praticado, podemos ressaltar que esta aventura, que nos propomos agora concluir, deixou resplandecer a perfeição literária, a riqueza de conteúdos e a amplitude de sentidos que a perícopa de Lc 19, 1-10 concentra. Tal como tínhamos esboçado no início desta dissertação, perscrutámos um itinerário a que cumpre dar corpo, uma gramática do viver (misericórdia) que, como todo o acontecimento, resulta de uma soma de coeficientes concretos, coesos e particulares, mas articulados entre si: *ver, acolher e salvar.*

Parece-nos conveniente, em primeiro lugar, percorrer uma sinopse do caminho percorrido, assimilando as suas diversas etapas. Em segundo lugar, concretizar o corpo do itinerário de misericórdia presente em Lc 19, 1-10. Em terceiro lugar, olhar e elencar algumas perspectivas pastorais enumeradas pelo Papa Francisco na Bula *Misericordiae vultus*, tendo por critério de análise o itinerário descoberto no episódio de Zaqueu, assente nos três momentos acima referidos: *ver, acolher e salvar.*

### **1. A opção por um percurso...**

Quando olhamos o trabalho elaborado, concluimos com muita facilidade que, inerente à concretização do itinerário, intuito primordial da dissertação, é explorado um outro percurso, lentamente construído e tomado das melhores opções entre todas existentes, considerado necessário e compacto o suficiente para servir como proposta para o objectivo a que nos

propomos, *itinerário* que nos conduz, de modo directo e com segurança, ao acontecimento de Jesus Cristo, rosto da misericórdia do Pai<sup>314</sup>.

Por meio de uma breve *Introdução*, detivemo-nos na apresentação da perícope de Lc 19, 1-10, assim como nos principais motivos que levaram à sua preferência; realçámos a primazia metodológica pela análise narrativa; indicámos o percurso que enforma o trabalho; recordámos os objectivos e a actualidade de uma proposta de um itinerário da misericórdia, que não é uma ideia abstrata, mas uma realidade concreta que poderia estar mais presente na pastoral da Igreja, como sugere o Papa Francisco: «Quanto desejo que os anos futuros sejam permeados de misericórdia para ir ao encontro de todas as pessoas levando-lhes a bondade e a ternura de Deus! A todos, crentes e afastados, possa chegar o bálsamo da misericórdia como sinal do Reino de Deus já presente no meio de nós»<sup>315</sup>.

Na primeira parte, intitulada *O Homem Zaqueu – contexto geográfico, histórico-político e sócio-religioso*, procurámos situar o texto nas veredas sociológicas, geográficas, políticas e religiosas que o atravessam e distinguem. Alinhar o espaço concreto, a realidade histórica que trespassa a escrita inspirada de um tempo que tem intervenientes que se encontram ladeados por crenças e princípios, tornou-se crucial, na nossa opinião, para melhor delimitar a trama que nos propusemos explorar.

Na segunda parte, a nossa pretensão foi mergulhar no texto. A esta secção demos o título *Lc 19, 1-10: circunscrição textual e mecanismo orgânico*. Intentando uma compreensão dos seus conteúdos, alinhavámos uma vasta e proveitosa análise real e física do texto, atendendo a importantes aspectos, tais como: o texto grego e uma proposta de tradução; o estudo da perícope no contexto da tradição lucana; a delimitação narrativa, observando-a a uma certa amplitude (terceiro Evangelho), na proximidade aos perdidos e encontrados (Lc 15, 1-32) e no seu contexto adjacente (Lc 18, 18 – 19, 27); e, por último, quanto à sua estrutura

---

<sup>314</sup> Cf. FRANCISCO PP., *O rosto da misericórdia. Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da misericórdia*, 5.

<sup>315</sup> *Ibid.*, 8-9.

(dramática) ou à orgânica interna (marcas espaço-temporais e personagens). Realmente, após encerrar este ponto crucial, deparamo-nos com o facto da narrativa entrecruzar a mestria com a densidade e complexidade da trama de Zaqueu.

A terceira parte é o momento chave e a essência do nosso trabalho: *Lc 19, 1-10: dar corpo ao itinerário de Misericórdia. Da questão dos termos aos termos em questão*. Embora o episódio de Zaqueu tenha vindo a ser estudado em diversas perspectivas, propusemos um aspecto pouco explorado: perscrutar um caminho, um itinerário que, dissecando o texto, emerge como uma das suas espinhas-dorsais. É neste preciso ponto que encontramos a particular pertinência deste ensaio: a possibilidade de indicação/indiciação da misericórdia assente numa pragmática precedente, concretizada em três momentos, ao mesmo tempo distintos, mas de salutar complementaridade: *ver, acolher (hospitalidade) e salvar*, individualmente explorados. Da reunião destas partes num todo resulta o itinerário que cada personagem, segundo o seu grau de interesse e de necessidade, percorreu para encontrar, ou não, a misericórdia (Zaqueu e a multidão), por um lado, ou o itinerário proposto por Jesus para que conseguisse fazer chegar a misericórdia a todos, por outro. Antes de darmos corpo a este itinerário, ponto seguinte desta conclusão, deve ser claro o *onde* é que este caminho nos leva, embora não tenha sido um tema que tenhamos explorado exhaustivamente:

«É a condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o acto último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida.»<sup>316</sup>

---

<sup>316</sup> FRANCISCO PP., *op. cit.*, 5-6.

## 2. ... para dar corpo ao itinerário da misericórdia

«*Como age o Deus da misericórdia?*»<sup>317</sup>. O texto de Zaqueu responde a esta questão, propondo um itinerário em três acções ou momentos muito concretos: *ver, acolher e salvar*. Após este estudo, há uma conclusão que devemos realçar desde logo: o mesmo caminho que Zaqueu (qualquer um de nós) percorre para alcançar a misericórdia, ilustrado nesta perícopa, é o que Jesus percorre para fazer acontecer (num eterno hoje<sup>318</sup>) a condição passível estendida a todos (misericórdia). O mesmo é dizer que, por um lado, observamos Zaqueu, no todo deste caminho, a passar pelo local do *ver*, seguido do *acolher* e, por inerência, a *salvar-se*, quando aceita o convite de Jesus; por outro lado, comprovamos o Salvador que propõe este estado de misericórdia, passando pelas mesmas etapas que têm, entre si, uma relação de necessidade e de causa-efeito, concentrando o modo de acção e as atitudes perante um divisor comum: a misericórdia.

Ainda que muito brevemente, propomo-nos, agora, alinhavar um pouco do caminho percorrido, apresentando algumas ideias basilares para o último ponto desta conclusão (misericórdia na prática eclesial).

Neste caminho, o primeiro momento de cariz obrigatório é a questão do *ver*. Efectivamente, todas as personagens vêem. Fruto de um «embate de olhares», todos têm algo a ver: Zaqueu, movido pelo seu desejo, sobe a um sicómoro porque queria ver Jesus, «aventura-se por Jesus, arriscando a sua própria dignidade para ver o Mestre»<sup>319</sup> (v. 3); Jesus olha para cima (v. 5); a multidão que, a partir daquilo que viu, murmura, limitando-se a olhar a exterioridade de Zaqueu (v. 7). Cada personagem usa e abusa da visão. Contudo, Jesus é o único que pode ordenar os olhares desalinhados dos demais, convergindo-os para um ponto comum.

---

<sup>317</sup> Esta pergunta aparece na II Parte, alínea 3.1 deste trabalho, tendo sido retirada da obra de F. R. DARDER, *op. cit.*

<sup>318</sup> Cf. F. C. MOLINA, *art. cit.*, 47.

<sup>319</sup> J. MARTIN, *Jesus. Um encontro passo a passo*, 337.

A procura de Zaqueu concentra não só a condição inerente aos não crentes, mas também à dos crentes, uma vez que «a fé não é objecto (material), mas como o coração do mistério, que é inesgotável, como um poço sem fundo»<sup>320</sup>. Contudo, à semelhança do chefe de cobradores de impostos, somos convidados a conhecer Jesus, numa relação pessoal cuidada e exigente, e não apenas os seus feitos, momentos «extraordinários».

O primeiro momento deste itinerário fica marcado por movimentos rápidos que advêm do olhar entre os personagens, tal como vimos: subir – ver do alto – olhar para cima – descer. Este movimento, não esquecendo a condição de pecador, torna o desejo de Zaqueu possível de ser concretizado, perante um olhar inesperado e cativante que Jesus lança, pois, realmente, «o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido» (Lc 19, 10).

Do *ver* passamos ao *acolher* (*hospitalidade*), segundo momento deste itinerário. Como tema transversal a toda a Sagrada Escritura, a hospitalidade assume-se como uma realidade tão extensa quanto complexa. Jesus aparece como protagonista, autoconvidando-se para ficar na casa de Zaqueu, como tentativa de reintegrar e encontrar o perdido (algo comum nos relatos bíblicos). Por seu turno, vimos que todos os relatos que falam de acolhimento têm inerente um esquema narrativo típico, referenciado no itinerário proposto: passagem do hóspede, acolhimento do hóspede, serviço ao hóspede, oposição ao hóspede e palavra do hóspede. Na hospitalidade vivida em casa de Zaqueu, encontramos três personagens: o que recebe a hospitalidade (Jesus), o que oferece a hospitalidade (Zaqueu) e um personagem que se opõe à hospitalidade que acontece (multidão). O acolhimento mostra-se como o pretexto ideal para fazer chegar ensinamentos e atitudes concretas de salvação.

O último momento deste itinerário está reservado ao *salvar*. Como vimos, a salvação aparece como principal linha de pensamento em todo o Evangelho de Lucas, assim como a ligação entre esta e a fé, de modo mais explícito. Jesus apresenta-se como porta-voz desta salvação a toda a Humanidade, acontecendo de modo concreto e no tempo presente: «hoje»

---

<sup>320</sup> T. HALÍK, *op. cit.*, 39.

(Lc 19, 9). A salvação gratuita oferecida por Jesus é total, uma vez que cobre as necessidades do homem, privilegiando, como destinatários primordiais: os pecadores, os pobres, os samaritanos e as mulheres. O despreendimento face às riquezas, a oração e a escuta da Palavra são três das formas de acesso à salvação.

Por seu turno, a salvação acontece por meio de um movimento constante, assente em três passos bem definidos: em primeiro, Deus, em Jesus, como protagonista da oferta (a procura e a oferta concentram-se na mesma pessoa, o Salvador que toma a dianteira face ao pecador); em segundo, perante o dom da salvação oferecido gratuitamente, a decisão está, unicamente, do lado de Zaqueu que, livremente, responde com amor à dádiva de Deus, experiência plena da liberdade total; e, por último, recordar que o «homem rico» é salvo pela graça que Jesus traz, que acontece *hoje*, como dom em constante presença, num local específico, a *casa*, que representa não só a casa de Zaqueu (v. 5), mas também a salvação trazida a toda a sua família (v. 9).

Em suma, não pretendemos apresentar, neste momento de síntese, um tratado acerca da complexidade deste itinerário, pois pensamos que a terceira parte desta dissertação terá contribuído para realizar esse desejo. Assim, esta conclusão concentra apenas a base do caminho a que fomos dando «cumprimento e largura» ao longo deste trabalho.

### **3. Da descoberta do itinerário à prática itinerante**

Tal como acima referimos, um dos motivos que presidiu à elaboração deste trabalho foi o facto da misericórdia, hodiernamente, poder estar menos presente na pastoral da Igreja do que seria desejável. Esta dificuldade é também motivo de preocupação para o Papa Francisco, levando-o a proclamar um Jubileu extraordinário da Misericórdia que terá início no dia 8 de Dezembro de 2015, na solenidade da Imaculada Conceição. Neste âmbito, afirma: «Ele (Jesus) nunca se cansa de escancarar a porta do seu coração, para repetir que nos ama e deseja

partilhar conosco a sua vida. A Igreja sente, fortemente, a urgência de anunciar a misericórdia de Deus»<sup>321</sup>; «A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Talvez, por demasiado tempo, nos tenhamos esquecido de apontar e viver o caminho da misericórdia»<sup>322</sup>.

Assim sendo, procurando concretizar o itinerário descoberto no episódio de Zaqueu, propomos, agora, olhar esta bula de proclamação, tendo por base os três momentos chave que nos levam à misericórdia, uma vez que, segundo a sua natureza, a misericórdia é vida concreta, repleta de intenções, atitudes, comportamentos que se verificam e se propõem todos os dias<sup>323</sup>: *ver, acolher e salvar*.

Começamos por realçar como a *visão* tem um enorme impacto nesta proposta. A misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus<sup>324</sup>. Através de um olhar límpido, somos convidados a contemplar o mistério da misericórdia, fixando o olhar nesta, a fim de nos tornarmos sinal eficaz do agir de Deus. Não obstante, «os homens limitam-se a ver a superfície do pecador, enquanto o Pai vê o íntimo»<sup>325</sup>. Este olhar superficial acontece, tal como no relato de Zaqueu, quando a multidão passa do olhar ao murmúrio, esquecendo, porventura, a sua condição de Filho de Abraão (cf. Lc 19, 9). O Papa Francisco alerta muitas vezes, ao longo deste escrito, para a atenção que devemos ter por aqueles que vivem nas periferias existenciais, daqueles que não têm voz<sup>326</sup>. É imperioso retirar da frente do nosso olhar os argueiros da indiferença, dos preconceitos e do calculismo sempre exacerbado, para que possamos devolver a vista a quem já não consegue ver, porque vive curvado sobre si mesmo (caso de Zaqueu), e restituir a dignidade, outrora perdida<sup>327</sup>. Realmente, as palavras de

---

<sup>321</sup> FRANCISCO PP., *op. cit.*, 29.

<sup>322</sup> *Ibid.*, 13.

<sup>323</sup> Cf. *Ibid.*

<sup>324</sup> Cf. *Ibid.*, 5.

<sup>325</sup> *Ibid.*, 16.

<sup>326</sup> Cf. *Ibid.*, 17.

<sup>327</sup> Cf. *Ibid.*, 19.

Jesus tornam-se «novamente visíveis nas respostas de fé que o testemunho dos cristãos é chamado a dar»<sup>328</sup>.

Quando ouvimos o Papa Francisco a falar da acção da Igreja hoje, a realidade da *hospitalidade*, do *acolhimento* que antecede o perdão, como virtude mor do testemunho do ser cristão, está sempre, explícita ou implicitamente, implicada. Esta bula não é excepção. A sugestão da «existência de uma porta da misericórdia, onde qualquer que entre poderá experimentar o nome de Deus que consola, perdoa e dá esperança»<sup>329</sup>, pressupõe uma disponibilidade interior de total acolhimento para com quem se aproxima, ao longo deste ano santo da misericórdia. Esta «será aberta em todos os santuários, meta de muitos peregrinos que frequentemente se sentem tocados no coração pela graça e encontram o caminho da conversão»<sup>330</sup>.

Como cristãos, somos convidados a deixar de lado o ressentimento, a raiva, a violência e a vingança, para que possamos levar Jesus ao encontro dos demais que se acham, muitas vezes, no alto das árvores, querendo vê-Lo, pretendendo entender a Sua proposta de felicidade. Por isso, a comunidade eclesial tem que ir ao seu encontro, demonstrando, através de uma atitude de total generosidade e hospitalidade, que está presente «para cuidar das feridas, aliviá-las com a solidariedade e atenção devidas»<sup>331</sup>, unindo as mãos para que sintam o calor da sua presença.

Esta presença pode ser praticada, também, com a revitalização do sacramento da penitência. Tal como o Sumo Pontífice destaca, «cada confessor deve acolher os fiéis como o pai na parábola do filho pródigo: um pai que corre ao encontro. São chamados a exprimir a alegria no reencontro. Ir ao encontro também de quem está fora e se recusa a entrar»<sup>332</sup>.

---

<sup>328</sup> FRANCISCO PP., *op. cit.*, 19.

<sup>329</sup> *Ibid.*, 6.

<sup>330</sup> *Ibid.*

<sup>331</sup> *Ibid.*, 17.

<sup>332</sup> *Ibid.*, 21.

O envio dos missionários da misericórdia, outra proposta lançada pelo Papa Francisco, tem inerente a solicitude materna da Igreja. Estes missionários são «sobretudo, sinal vivo de como o Pai acolhe a todos aqueles que andam à procura do seu perdão»<sup>333</sup>.

Quanto à *salvação*, último momento deste itinerário, podemos encontrar, na mensagem do Bispo de Roma, algumas referências. Desde logo, vemos reforçada a figura do Espírito Santo, «que conduz os passos dos crentes de forma a cooperarem para a salvação realizada por Cristo»<sup>334</sup>. Continuando, compreendemos que a misericórdia torna a história de Deus com Israel numa história de salvação, uma vez que não pode ser entendida apenas como «um agir do Pai, mas como critério para individuar quem são os seus verdadeiros filhos»<sup>335</sup>.

Jesus, como Verbo do Pai, é quem torna presente a salvação como oferta gratuita constante, sempre passível de ser aceite e nunca pedindo nada em troca: «Jesus vem para nos salvar da condição de fraqueza em que vivemos. Devemos sentir a sua constante presença e proximidade»<sup>336</sup>.

Segundo o Papa Francisco, os confessores são fulcrais para que os movimentos da salvação aconteçam ainda hoje (oferta por parte de Jesus e aceitação pelo pecador). Afirma ele: «Nunca esqueçamos que ser confessor significa participar da mesma missão de Jesus e ser um sinal concreto da continuidade de um amor divino que perdoa e salva»<sup>337</sup>.

Tal como o personagem Zaqueu, que pode ser qualquer um de nós, a nossa salvação acontece por meio de movimentos que, embora rápidos, são necessários para que a salvação aconteça: oferta de Jesus e aceitação pelo perdido, na sua liberdade. Neste sentido, a imagem do confessor é essencial, tanto para ajudar a tornar perceptível este convite, como para propor, da melhor forma, um caminho que torne possível o encontro com o Salvador.

---

<sup>333</sup> FRANCISCO PP., *op. cit.*, 21.

<sup>334</sup> *Ibid.*, 8.

<sup>335</sup> *Ibid.*, 12.

<sup>336</sup> *Ibid.*, 17.

<sup>337</sup> *Ibid.*, 20.

Em suma, o itinerário que emerge do episódio de Zaqueu está muito presente, tal como vimos, na proposta hodierna da Igreja para com os perdidos, os desorientados e os que procuram um sentido sério e repleto de alegria para as suas vidas. Assim sendo, podemos concluir, parafraseando o Papa Francisco: «a Igreja tem missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa»<sup>338</sup>.

---

<sup>338</sup> FRANCISCO PP., *op. cit.*, 15.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes e instrumentos de apoio

NESTLÉ, Eberhard – ALAND, Kurt, *Novum Testamentum Graecae*, ed. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart 1995.

*Novo Testamento Interlinear. Grego-Português*, ed. Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo 2004.

ZERWICK, Max – GROSVENOR, Mary, *Análisis Gramatical del Griego del Nuevo Testamento*, ed. Verbo Divino, Estella 2008.

ZERWICK, Max, *El Griego del Nuevo Testamento*, ed. Verbo Divino, 4ª edição, Estella 2006.

### Livros e artigos

AA.VV., «Jericó», in *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, ed. Vozes, Petrópolis 1971, 762-766.

ACEBO, Isabel Gómez, *Lucas*, ed. Verbo Divino, Navarra 2008.

ALETTI, Jean -Nöel, *Il racconto come teologia. Studio Narrativo del Terzo Vangelo e del libro degli Atti degli Apostoli*, ed. Dehoniane, Bologna 2009.

\_\_\_\_\_, *L'art de raconter Jésus Christ*, ed. Seuil, Paris 1989.

ALVES, Herculano, «Jesus Cristo, Salvador», in *Bíblica 5* (1996), 55-77.

BARLET, Louis – GUILLERMAIN, Chantal, *Le Beau Christ de Luc*, ed. Cerf, Paris 2007.

BAUER, Johannes B., «Salvador», in BAUER, Johannes B. (ed.), *Dicionário de Teologia Bíblica, III*, ed. Loyola, São Paulo 1973, 1042-1043.

- \_\_\_\_\_, «Ver», in BAUER, Johannes B. (ed.), *Dicionário de Teologia Bíblica, II*, ed. Loyola, São Paulo 1973, 1128-1133.
- BOSSUYT, Philippe – RADERMAKERS, Jean, *Jésus Parole de la Grâce selon saint Luc*, ed. Lessius, Bruxelles 1999.
- BOVON, François, *El Evangelio según San Lucas, III (Lc 15, 1 – 19, 27)*, ed. Sígueme, Salamanca 2004.
- \_\_\_\_\_, *El Evangelio según San Lucas, IV (Lc 19, 28 – 24, 53)*, ed. Sígueme, Salamanca 2010.
- \_\_\_\_\_, *L'oeuvre de Luc. Études d'Exégèse et de Théologie*, ed. Cerf, Paris 1987.
- BROVETTO, Costante, «Misericórdia», in AA.Vv., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa 2004, 594-595.
- BUENO DE LA FUENTE, Eloy, *Los Rostros de Cristo en la Teología Contemporánea*, ed. Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1997.
- CARREIRA DAS NEVES, Joaquim, *Evangelhos Sinópticos*, ed. Universidade Católica, Lisboa 2002.
- \_\_\_\_\_, Joaquim, *Deus existe? Uma viagem pelas religiões*, ed. Presença, Lisboa 2013.
- CARVALHO, Maria Manuela, «Deus Trino princípio da salvação», in AA. Vv., *A salvação em Jesus Cristo*, ed. Rei dos Livros, Lisboa 1993, 168-178.
- CHAPLEAU, Anne-Marie, «Quand le salut advient pour une maison. Lecture de Luc 19, 1-10», in *Sémiotique et Biblique* 143 (2011), 33-47.
- \_\_\_\_\_, «Quand le salut advient pour une maison. Lecture de Luc 19, 1-10 (2<sup>a</sup> partie)», in *Sémiotique et Biblique* 144 (2011), 24-47.
- CHILLÈ, Sergio, «Escuta», in AA.Vv., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa 2004, 323.

- CÍCERO, Marco Túlio, *Como ganhar eleições. Um guia clássico para líderes actuais*, *Glossário, Contratos públicos*, ed. Gradiva, Lisboa 2015.
- COLZANI, Alfonso, «Conversão», in AA.Vv., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa 2004, 218-219.
- COLZANI, Gianni, «Graça», in AA.Vv., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa 2004, 388-393.
- COMISSÃO PONTIFÍCIA BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, ed. Rei dos Livros, Lisboa 1994.
- CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio Dogmatica De Ecclesia Lumen Gentium* (21 Novembris 1964), in *Acta Apostolicae Sedis* 57 (1965) 5-71.
- CORREIA, João Alberto, *A hospitalidade na construção da identidade cristã. Uma leitura de Lc 24, 13-35, em chave narrativa*, ed. Universidade Católica, Lisboa 2014.
- CORREIA, José Frazão, *A Fé vive de afeto. Variações sobre um tema vital*, ed. Paulinas, Prior Velho 2013.
- COSTE, René, *L'amitié avec Jésus*, ed. Cerf, Paris 2012.
- CREMASCHI, Lisa, «Salvação», in AA.Vv., *Christos – Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa 2004, 791.
- DAHLER, Étienne, *Os lugares da Bíblia*, ed. Paulus, S. Paulo 1996.
- DAHN, K., «Ver», in COENEN, Lothar – BEYREUTHER, Erich – BIETENHARD, Hans, *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento, IV*, ed. Sígueme, 3ª edição, Salamanca 1994, 325-331.
- DARDER, Francesc Ramis, *Lucas, evangelista da Ternura de Deus*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra 2004.
- DILLMANN, Rainer – PAZ, César A., *Comentario al Evangelio de Lucas. Un comentario para la actividade pastoral*, ed. Verbo Divino, Navarra 2006.

- EDERSHEIM, Alfred, *Usos y Costumbres de los tempos de Cristo*, ed. Clie, Barcelona 2003.
- FARIA, Daniel, «Zaqueu», in MENDONÇA, José Tolentino – MEXIA, Pedro (org.), *Verbo. Deus como interrogação na poesia portuguesa*, ed. Assírio e Alvim, Porto 2014.
- FITZMYER, Joseph A., *El Evangelio según Lucas, I. Introducción General*, ed. Cristiandad, Madrid 1986.
- \_\_\_\_\_, *El Evangelio según Lucas, III. Traducción y comentario (Capítulos 8, 22 – 18, 14)*, ed. Cristiandad, Madrid 1987.
- \_\_\_\_\_, *El Evangelio según Lucas, IV. Traducción y comentario (Capítulos 18, 15 – 24, 53)*, ed. Cristiandad, Madrid 2005.
- FORNARI-CARBONELL, I. M., *La escucha del huésped (Lc 10, 38-42). La hospitalidad en el horizonte de la comunicación*, ed. Verbo Divino, Estella 1995.
- FORTE, Bruno, «Jesus Cristo», in AA.VV., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa 2004, 460-487.
- FRADES, Eduardo, «La práctica de la Misericordia de Jesús», in *Iter* 29 (2002), 123-154.
- FRANCISCO PP., *O rosto da misericórdia. Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da misericórdia*, ed. Paulinas, Prior Velho 2015.
- GALOPIN, P. M. – LACAN, M. F., «Hospitalidad», in LÉON-DUFOUR, Xavier, *Vocabulario de Teología Bíblica*, ed. Herder, Barcelona 1993.
- GEORGE, Agustin, *Études sur l'oeuvre de Luc*, ed. Gabalda, Paris 1978.
- \_\_\_\_\_, «L'emploi chez Luc du vocabulaire de salut», in *New Testament Studies* 23 (1977), 308-320.
- GERBER, Daniel, *Il vous este né un Sauver. La construction du sens sotériologique de la venue de Jésus en Luc-Acts*, ed. Labor et Fides, Genève 2008.

- GNILKA, Joachim, *Jesus de Nazaré*, ed. Presença, Lisboa 1999.
- GREEN, J. B., *The Gospel of Luke, the New International Commentary on the New Testament*, ed. Publishing Company, Cambridge 1997.
- HAHN, H., «Perder», in COENEN, Lothar – BEYREUTHER, Erich – BIETENHARD, Hans, *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento, III*, ed. Sígueme, 3ª edição, Salamanca 1993, 333-335.
- HALÍK, Tomáš, *Paciência com Deus, oportunidade para um encontro*, ed. Paulinas, Prior Velho 2014.
- HAMM, Dennis, «Luke 19:8 once again: Does Zacchaeus defend or resolve?», in *Journal of Biblical Literature* 107/3 (1988), 431-437.
- JUST, Arthur A., *Evangelio según San Lucas. La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la Época Patristica*, ed. Ciudad Nueva, Madrid 2006.
- KASPER, Walter, *A Misericórdia. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, ed. Lucerna, Lisboa 2015.
- \_\_\_\_\_, *Jesús, El Cristo*, ed. Sígueme, 13ª edição, Salamanca 2012.
- KUERZINGER, J., «Salvação», in BAUER, Johannes B. (ed.), *Dicionário de Teologia Bíblica, III*, ed. Loyola, São Paulo, 1973, 1035-1042.
- LADARIA, Luis F., *Teología del pecado original y de la gracia*, ed. Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1993.
- LANGNER, Córdula, *Evangelio de Lucas – Hechos de los Apóstoles*, ed. Verbo Divino, Navarra 2008.
- LARSSON, E., «ζήτεω», in BALZ, Horst – SCHNEIDER, Gerhard (eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, I*, ed. Sígueme, 2ª edição, Salamanca 2005, 1734-1737.

- LAVATORI, Renzo – SOLE, Luciano, *Ritratti del Vangelo di Luca, Persone e relazioni*, ed. Dehoniane, Bologna 2001.
- LESQUIVIT, C. – GRELOT, P., «Salvation», in LÉON-DUFOUR, Xavier, *Vocabulario de Teología Bíblica*, ed. Herder, Barcelona 1993, 829.
- LOEWE, William P., «Towards an Interpretation of Lk 19:1-10», in *The Catholic Biblical Quarterly* 36 (1974), 321-331.
- LOURENÇO, João Duarte, *O Mundo Judaico em que Jesus viveu. Cultura judaica do Novo Testamento*, ed. Universidade Católica, Lisboa 2005.
- MAGGIONI, Bruno, «Senhor», in AA.Vv., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa 2004, 800.
- MARGUERAT, Daniel – BOURQUIN, Yvan, *Cómo leer los Relatos Bíblicos. Iniciación al análisis narrativo*, ed. Sal Terrae, Santander 2000.
- MARTIN, James, *Jesus. Um encontro passo a passo*, ed. Paulinas, Lisboa 2015.
- MEIER, J. P., *Un Judío Marginal, Nueva visión del Jesús histórico. Las raíces del problema y de la persona, I*, ed. Verbo Divino, Navarra 1997.
- MENDONÇA, José Tolentino, *A construção de Jesus. Uma leitura narrativa de Lc 7, 36-50*, ed. Assírio & Alvim, Lisboa 2004.
- MEYNET, Roland, *Il Vangelo secondo Luca, Analisi Retorica*, ed. Dehoniane, Bologna 2003.
- MOLINA, Francisco Contreras, «El Relato de Zaqueo en el Evangelio de Lucas», in *Communio* 21 (1988), 3-47.
- MONASTERIO, Rafael Aguirre – CARMONA, Antonio Rodríguez, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles. Introducción al Estudio de la Biblia*, ed. Verbo Divino, Navarra 2012.

- MÜLLER, P. G., «ἀναβλέπω», in BALZ, Horst – SCHNEIDER, Gerhard (eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, I*, ed. Sígueme, 2ª edição, Salamanca 2005, 224-225.
- NOLLI, Gianfranco, *Evangelo secondo Luca*, ed. Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1993.
- NUÑEZ, Miguel de Burgos, «El Relato de Zaqueo (Lc 19, 1-10). Un Pacto de Justicia», in *Communio* 26/2-3 (1993), 165-184.
- PAGOLA, José António, *Jesus, uma abordagem histórica*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra 2008.
- PARSONS, Mikeal C., «“Short in Stature”: Luke’s Physical Description of Zacchaeus», in *New Testament Studies* 47/1 (2001), 50-57.
- PAULUS PP. VI, Adhortatio Apostolica Postsynodalis *Evangelii Nuntiandi*, in *Acta Apostolicae Sedis* 68 (1976), 5-76.
- PEÑA, Juan L. de la, *O dom de Deus. Antropologia Teológica*, ed. Vozes, Petrópolis 1997.
- PINTO CARDOSO, Arnaldo, «A Misericórdia de Deus na raiz da Comunhão e da Esperança», in *Communio* 7/1 (1988), 45-60.
- POPKES, W., «δεῖ», in BALZ, Horst – SCHNEIDER, Gerhard (eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, I*, ed. Sígueme, 2ª edição, Salamanca 2005, 840-843.
- PRETE, Bruno, «Prospettive messianiche nell'espressione semeron del Vangelo di Luca», in *Atti della XVIII settimana biblica*, Brescia 1965, 269-284.
- PUIG, Armand, *Jesus, uma biografia*, ed. Paulus, São Paulo 2006.
- RADL, Wuppertal, «σῶζω», in BALZ, Horst – SCHNEIDER, Gerhard (eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, II*, ed. Sígueme, Salamanca 2002, 1642.
- RAVASI, Gianfranco, *Quem és tu, Senhor?*, ed. Paulinas, Prior Velho 2013.

- RENGSTORF, Karl Heinrich, *Il racconto di Luca*, ed. Paideia, Brescia 1980.
- RIUS-CAMPS, Josep, *O Evangelho de Lucas. O êxodo do Homem livre*, ed. Paulus, São Paulo 1997.
- SANDERS, E. P., *A verdadeira história de Jesus*, ed. Notícias, Porto 2004.
- SHELKLE, Karl Hermann, «σωτηρία», in BALZ, Horst – SCHNEIDER, Gerhard (eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, II*, ed. Sígueme, Salamanca 2002, 1663.
- SCHMID, Josef, *El Evangelio según San Lucas*, ed. Herder, Barcelona 1968.
- SCHÖNBORN, Christoph, *Hemos encontrado Misericordia. El misterio de la divina Misericordia*, ed. Palavra, 2ª edição, Madrid 2012.
- SCHOTTROFF, Luise – STEGEMAN, Wolfgang, *Jesus de Nazaret, Esperança de los pobres*, ed. Sígueme, Salamanca 1981.
- SEGALLA, Giuseppe, *Evangelo e Vangeli. Quattro evangelisti, quattro Vangeli, quattro destinatari*, ed. Dehoniane, Bologna 1994.
- \_\_\_\_\_, *Panorama letterario del Nuovo Testamento*, ed. Queriniana, 3ª edição, Brescia 1996.
- \_\_\_\_\_, *Panorama storico del Nuovo Testamento*, ed. Queriniana, 4ª edição, Brescia 1996.
- SELMAN, M. J., «Ospitalità», in PIAZZONI, A. M. – OCCHIPINTI, A. M., *Grande Enciclopedia Illustrata della Bibbia, II*, ed. Piemme, Casale Monferrato 1997.
- SERGEY, Artyushin, *Raccontare la Salvezza attraverso lo sguardo. Portata teologica e implicazioni pragmatique del «Vedere Gesù» nel Vangelo di Luca*, ed. Pontificia Università Gregoriana, Roma 2014.
- SESBOÜÉ, Bernard, *Jesucristo, el único mediador. Ensayo sobre a redención y la salvación*, ed. Secretariado Trinitario, Salamanca 1990.

- THEISSEN, Gero, *El Movimiento de Jesús. Historia social de una revolución de los valores*, ed. Sígueme, Salamanca 2005.
- VALDMAN, Traian, «Filho do Homem», in AA.Vv., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Verbo, Lisboa 2004, 373.
- VARO, Francisco, *Rabí Jesús de Nazaret*, ed. Biblioteca Autores Cristianos, 2ª edição, Madrid 2007.
- VITÓRIO, Jaldemir, «“E procurava ver quem era Jesus...”: análise do sentido de “ver” em Lc 19, 1-10», in *Perspectiva Teológica* 19 (1987), 9-26.
- \_\_\_\_\_, «Querer ver Jesus e deixar-se ver Jesus. Quem somos: Zaqueu ou Herodes», in *Convergências* 451 (2012), 285-304.
- VOUGA, François, *Evangelio y vida cotidiana*, ed. San Pablo, Madrid 2006.
- WEIGANDT, P., «ὄκος», in BALZ, Horst – SCHNEIDER, Gerhard (eds), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento, II*, ed. Sígueme, Salamanca 2002, 500.
- ZEDDA, Silverio, *Teologia della Salvezza nel vangelio de Luca*, ed. Dehoniane, Bologna 1991.
- ZEHNLE, Richard, «The salvific character of Jesus’ death in lucan soteriology», in *Theological Studies* 30 (1969), 421-444.
- ZICCARDI, Costantino António, *The relationship of Jesus and The Kingdon of God. According to Luke-Acts*, ed. Pontificia Università Gregoriana, Roma 2008.



# ÍNDICE

SIGLAS.....	3
INTRODUÇÃO .....	5
<b>I Parte – O Homem Zaqueu.....</b>	<b>9</b>
1. Contexto geográfico .....	11
2. Contexto histórico-político.....	13
3. Contexto sócio-religioso.....	19
<b>II Parte – Lc 19, 1-10: Circunscrição Textual e Mecanismo Orgânico.....</b>	<b>23</b>
1. Texto grego e tradução de Lc 19, 1-10.....	26
2. Perícopes em articulação com a tradição lucana.....	27
3. Delimitação Narrativa da Perícopes.....	31
3.1 Ligação da perícopes ao Evangelho de Lucas.....	31
3.2 Zaqueu na proximidade dos perdidos e encontrados (Lc 15, 1-32).....	35
3.3 O imediato da perícopes.....	39
4. Estrutura e orgânica do texto.....	44
4.1 Estrutura dramática.....	44
4.1.1 <i>Situação inicial</i> (vv. 1-2).....	45
4.1.2 <i>Nó</i> (vv. 3-4).....	45
4.1.3 <i>Acção transformadora</i> (vv. 5-7).....	46
4.1.4 <i>Desenlace</i> (v. 8).....	47
4.1.5 <i>Situação final</i> (vv. 9-10).....	47
4.2 Espaço e tempo.....	48
4.2.1 <i>Espaços</i> .....	48
4.2.2 <i>Marcas da temporalidade</i> .....	50
4.3 Os personagens.....	52
4.3.1 <i>Protagonista (Zaqueu ou Jesus)?</i> .....	53
4.3.2 <i>Personagem secundária</i> .....	58

<b>III PARTE – Lc 19, 1-10: Dar corpo ao Itinerário de Misericórdia.....</b>	<b>59</b>
1. Ver, primeiro momento da misericórdia.....	63
1.1 Zaqueu, de «desejoso a desejado» .....	64
1.2 Jesus «olha para cima».....	68
1.3 Multidão, «da visão ao murmúrio» .....	70
2. Hospitalidade, segundo momento da misericórdia.....	73
2.1 A hospitalidade do Evangelho de Lucas a Zaqueu .....	73
2.1.1 <i>Coordenadas da hospitalidade em Lc 19, 1-10</i> .....	75
a. <i>Passagem do hóspede</i> .....	75
b. <i>Acolhimento do hóspede</i> .....	76
c. <i>Serviço ao hóspede</i> .....	77
d. <i>Oposição ao hóspede</i> .....	77
e. <i>Palavra do hóspede</i> .....	78
2.1.2 Hospitalidade – esquema, função e tipologia no relato de Zaqueu.....	80
3. Salvar, terceiro momento da misericórdia .....	81
3.1 A salvação, no Evangelho de Lucas.....	81
3.2 Aproximação ao conceito de Salvação .....	87
3.2.1 <i>Especificidade do conceito soteriológico, em Lc 19, 9.10</i> .....	89
a. <i>Especificidade do conceito σωτηρία em Lc 19, 9</i> .....	89
b. <i>Especificidade do conceito σώζω em Lc 19, 10</i> .....	90
3.3 Movimentos que salvam em Lc 19, 1-10.....	91
3.3.1 <i>Primeiro Jesus</i> .....	92
3.3.2 <i>Zaqueu, livre na resposta</i> .....	96
3.3.3 <i>A salvação oferecida a Zaqueu</i> .....	98
a. <i>Hoje (σήμερον)</i> .....	99
b. <i>Casa (οἶκος)</i> .....	102
CONCLUSÃO.....	105
1. A opção por um percurso.....	105
2. ... para dar corpo ao itinerário da misericórdia .....	108
3. Da descoberta do itinerário à prática itinerante .....	110
BIBLIOGRAFIA .....	115